

Carla Sophie de Lima Arantes Faria

2ºCiclo de estudos em Ensino do Português e Línguas Clássicas

Presença da língua e literatura latinas nas aulas de  
português.

2014

Orientador: Professor Belmiro Fernandes Pereira

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/ Relatório/ Projeto/IPP:

Versão definitiva

**Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.**

*Dedicatória pessoal  
aos meus pais, irmãs e namorado que me deram muita força.*

## **Agradecimentos**

À Professora Isabel Costa pela sua simpatia, seu apoio e pelos seus conselhos;

Ao Professor Jorge Moranguinho pelo tempo que dedicou e pelas suas críticas construtivas;

Ao Professor Jorge Deserto pela orientação e conselhos;

À Professora Ana Maria Guedes Ferreira pela sua simpatia, pelas suas observações, pela paciência que teve ao longo do ano e, sobretudo, pelo apoio;

Ao Professor Belmiro Pereira pelo encorajamento, disponibilidade e paciência;

À minha irmã Emilie pela ajuda;

Às minhas colegas de estágio Sara Silva e Joana Santos pelo apoio e ajuda;

A todos os alunos do 7.º C, 9.º C e 11.º D do ano letivo de 2013/2014 da Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas pela sua presença e a sua cooperação.

## **RESUMO**

### **Relatório da prática de ensino supervisionada.**

Carla Sophie de Lima Arantes Faria

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino do Português, Língua, cultura, literatura, Latim.

Este relatório constitui a reflexão da prática de ensino supervisionada das disciplinas de Português e Latim A que decorreu durante o ano letivo 2013/2014, na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas, no Porto, sob a orientação científica do Professor Doutor Belmiro Fernandes.

A minha prática pedagógica ocorreu na disciplina de Português com uma turma do 7ºano e outra do 9º ano. Também lecionei Latim A a uma turma do 11ºano.

O presente relatório tem como objetivos: identificar os conhecimentos que os alunos têm sobre a origem da nossa língua e da nossa cultura e apresentar atividades para o desenvolvimento desses conhecimentos.

Em suma, pretende-se mostrar a presença e o contributo do latim (língua e cultura) na língua e na literatura portuguesa.

## **ABSTRACT**

### **PRE-SERVICE TEACHER TRAINING REPORT**

Carla Sophie de Lima Arantes Faria

This report is a reflection of all Portuguese and latin teaching activities throughout the school year of 2013/2014, at Rodrigues de Freitas middle and high school, Porto, under the Science Advisor of Teacher Doctor Belmiro Fernandes Pereira.

The supervising teaching occurred in the discipline of Portuguese, 7<sup>th</sup> grade and a 9<sup>th</sup> grade. I also taught Latin A to a 11<sup>th</sup> grade.

The present report has two main purposes: identify students knowledge about the our language and culture origin and present activities for knowledge development.

At the end, this report pretend demonstrate the latin presence and tribute in Portuguese language and culture.

## **Índice**

### **Introdução**

A escolha do tema .....	10-11
Estrutura do relatório.....	11-12

### **Capítulo I: Enquadramento Institucional**

I.1. Caracterização geral da Escola.....	13
I.2. História da instituição.....	13-14

### **Capítulo II: A presença do latim na língua e na cultura portuguesa.**

II.1. Na língua... ..	15-17
II.1.1. A formação lexical de palavras por prefixação.....	16-17
II.2. ... Na cultura.....	17-20
II.2.1. Latinismos n'Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões.....	18-19
II.2.2. Trabalhar obras portuguesas de inspiração clássica nas aulas de latim: Literatura Comparada.....	19-20

### **Capítulo III: O ensino do latim nas escolas portuguesas nos últimos 10 anos.**

III.1. Apresentação geral do programa de Latim para o 10.º ano e 11.º ano de escolaridade.....	21
III.1.1. Finalidades.....	22
III.1.2. Objetivos.....	22
III.1.3. Conteúdos.....	22-23
III.2. O contributo do latim no ensino do Português.....	23
III.2.1. O latim e o Ensino do Português no Secundário.....	24-25

**III.2.2. As possíveis vantagens do ensino do Latim no 3.º Ciclo do Ensino**

Básico.....25-26

**Capítulo IV: Prática de Ensino Supervisionada**

**IV.1. Observação das aulas**

**IV.1.1. As aulas de Português.....27**

**IV. 1.1.1.. No 7.ºano.....27**

**IV.1.1.2. No 9.ºano.....28**

**IV.1.2. Observação das aulas das colegas de estágio.....28**

**IV.1.2.1. As aulas de Português.....28**

**IV.1.2.1.1. No 7.ºano.....29**

**IV.1.2.1.2. No 9.ºano.....29-30**

**IV.1.3. Observação das aulas do Orientador de Latim.....31**

**IV.1.3.1. As aulas de Latim A.....31**

**IV.1.4. Observação das colegas de estágio.....31**

**IV.1.4.1. As aulas de Latim A.....32**

**IV.2. Lecionação das aulas**

**IV.2.1. As aulas de Português no 7ºano.....32**

**IV.2.1.1. Caracterização da turma.....32-33**

**IV.2.1.2. Método de trabalho.....33-34**

**IV.2.1.3. Materiais utilizados durante as aulas.....34-36**

**IV.2.1.4. A formação lexical de palavras por prefixação.....36-41**

**IV.2.2. As aulas de Português no 9ºano.....41**



<b>IV.2.2.1.</b> Caracterização da turma.....	41
<b>IV.2.2.2.</b> Método de trabalho.....	41-43
<b>IV.2.2.3.</b> Materiais utilizados durante as aulas.....	43-46
<b>IV.2.2.4.</b> A presença da cultura romana na literatura portuguesa: <u>O Consílio dos Deuses</u> , Canto I d’ <i>Os Lusíadas</i> de Luís Vaz de Camões.....	47-49
 <b>IV.2.3.</b> As aulas de Latim A no 11ºano. (segundo ano da disciplina).....	49
<b>IV.2.3.1.</b> Caracterização da turma.....	49
<b>IV.2.3.2.</b> Método de trabalho.....	49-50
<b>IV.2.3.3.</b> Materiais utilizados durante as aulas.....	51-54
<b>IV.2.3.4.</b> O contributo do latim na língua e cultura portuguesa.....	55
a) A formação lexical por prefixação.....	55-57
b) A presença da cultura romana na literatura portuguesa: a inspiração horaciana em Ricardo Reis.....	57-58
 <b>Reflexões finais</b> .....	59-61
 <b>Bibliografia</b> .....	62-64
 <b>Anexos</b>	
1) Página 89, 90 e 91.....	67-69
2) ‘ <i>A minha vizinha tem um intraterrestre no quintal</i> ’ de Regina Guimarães.....	70
3) <i>Mestre Finezas</i> de Manuel da Fonseca.....	71-73
4) <i>Urgentemente</i> de Eugénio de Andrade.....	74
5) Plano de aula as aulas dos dias 25 e 27 de novembro de 2013 (7.ºano).....	75-76
6) Ficha de diagnóstico sobre prefixação (7.ºano).....	77-78
7) Plano de aula dos dias 27 e 29 de janeiro de 2014 (7.ºano).....	79-80
8) Plano de aula do dia 26 de março de 2014 (7.ºano).....	81-82
9) Ficha de diagnóstico sobre prefixação, primeira ficha (7.ºano).....	83-84
10) Texto o <u>Onzeneiro</u> .....	85

11) Crónica de Ricardo Araújo Pereira.....	86
12) Episódio do Consílio dos deuses.....	87-90
13) Plano de aula dos dias 13 e 15 de janeiro de 2014.....	91-92
14) Plano de aula dos dias 10, 11 e 12 de março de 2014.....	93-94
15) Ficha sobre pré conhecimentos acerca da cultura latina (9.ºano).....	95
16) Exercícios página 198.....	96
17) Excertos da <u>Eneida</u> .....	97-99
18) Ficha avaliativa dos conhecimentos adquiridos sobre cultura latina (9.ºano).....	100-101
19) Fundamentação pedagógica de latim dos dias 7, 8 e 10 de janeiro de 2014.....	102-104
20) Texto de Tito Lívio extraído da obra <i>Ab Urb Condita II</i> .....	105
21) Fundamentação pedagógica de latim dos dias 11, 12 e 14 de fevereiro de 2014.....	106-108
22) Texto de Cícero extraído da obra <i>De Legibus</i> .....	109
23) Fundamentação pedagógica de latim dos dias 11, 12 e 14 de março de 2014.....	110-112
24) Texto: Carta de Plínio o Moço a um amigo.....	113
25) Fundamentação pedagógica da aula do dia 16 de maio de 2014.....	114-116
26) Texto <u>O retrato de Aníbal</u> de Tito Lívio extraído da obra <i>Ab Urb Condita, XXI</i> .....	117
27) Odes de Horácio e Ricardo Reis.....	118-119
28) Inquérito feito aos alunos do 11.ºano de latim.....	119

## **Introdução**

A língua e a cultura não são elementos presos no tempo mas evoluem com ele, transformando-se e adaptando-se. Como tal, a língua e a cultura latina foram evoluindo, dando origem à língua e à cultura portuguesa, como a todos as línguas e culturas ditas românicas.

Ao contrário do que se possa pensar, a cultura romana continua bem viva no nosso dia-a-dia, quer quando estamos a usar a língua quer quando estamos a ver televisão ou a ler um livro. Porém, apesar da sua forte presença na nossa cultura, o latim tende a desaparecer das escolas portuguesas. Talvez este desinteresse pelo latim tenha a ver com o facto de ser encarado pelos alunos como uma língua difícil e sem utilidade, ao contrário do Espanhol ou do Inglês. No entanto, é necessário que os professores mostrem aos seus alunos que o latim pode não ser uma língua falada, mas é a base da língua portuguesa, está presente em vários domínios como a gramática ou a literatura, e o seu estudo pode trazer benefícios.

Isaltina Martins<sup>1</sup> refere o seguinte “ É necessário que haja desde cedo um primeiro contacto com as línguas clássicas, mas um contacto positivo que desperte o interesse pelo estudo. Logo no Ensino Básico, nas aulas de português, é importante fomentar o gosto pelo latim e pela cultura clássica numa reflexão sobre as origens da nossa língua e da nossa cultura.”

### **A escolha do tema**

É por concordar com as palavras de Isaltina Martins que optei pelo tema *A presença do latim nas aulas de português* com o objetivo de proporcionar aos alunos um contacto com a cultura clássica, mostrando lhes de que forma está presente na nossa língua e na nossa cultura.

Porém, como é de esperar, a nossa cultura (incluindo a língua) tem inúmeros traços da presença latina. Por isso, decidi restringir o estudo a dois aspetos. O primeiro diz respeito à presença do latim na língua, nomeadamente na formação lexical de palavras por prefixação; o segundo diz respeito a literatura e a presença da cultura romana, através de figuras mitológicas e de alguns aspetos gramaticais como a presença de

---

<sup>1</sup> *O futuro das Línguas Clássicas* in *Boletim de Estudos Clássicos* 17

alguns latinismos sintáticos. Obviamente a presença de latinismos na Literatura Portuguesa não se restringe apenas aos latinismos sintáticos, mas, para a elaboração deste relatório, interessa-me este tema porque foi o que trabalhei com os alunos do 9.ºano aquando do estudo do episódio do Consílio dos deuses, no canto I d'Os Lusíadas.

Olhando para os dois polos de trabalho, por um lado a presença do latim na língua Portuguesa e por outro a sua presença na cultura, pode parecer que o trabalho não teve um objetivo claro. No entanto, é necessário esclarecer que ao longo do ano este trabalho de sensibilização dos alunos para a presença do latim na nossa cultura foi realizado em turmas do básico, nomeadamente uma turma do 7.ºano e outra do 9.ºano de escolaridade, o que limitou bastante o estudo, porque era necessário ter em atenção os conhecimentos e os níveis de cada turma: não era possível trabalhar com alunos do 7.ºano latinismos na literatura portuguesa e, por isso, para não pôr de lado esta turma, optou-se pelo estudo da formação de palavras por prefixação.

Não interessando o nível de estudo do aluno é sempre importante chamar a sua atenção para o facto de o Latim estar na base da nossa cultura, mas também de outras culturas românicas, e que termos consciência disso pode ajudá-lo a colmatar dificuldades no seu dia-a-dia quer seja quando trabalhar a língua, quer seja quando estiver a trabalhar a literatura.

### **Estruturação do relatório**

O presente relatório estrutura-se em cinco capítulos, a que se acrescentam a bibliografia e anexos.

No primeiro capítulo, *Enquadramento institucional*, apresento a localização e descrição do espaço físico, assim como um pouco da história da escola cooperante onde foi realizada a prática de ensino supervisionada.

O segundo capítulo, *A presença do latim na língua e na cultura portuguesa*, pretendo fazer um enquadramento da investigação teórica realizada, tanto a nível da língua (formação lexical de palavras por prefixação) como a nível literário (a influência latina em obras de autores portugueses).

No terceiro capítulo, *O ensino do latim nas escolas portuguesas nos últimos dez anos*, apresentar-se-ão os programas de Latim A relativos ao 10.º e ao 11.ºano de escolaridade, refletindo sobre a sua articulação com a disciplina de português.

O quarto capítulo será inteiramente dedicado a *Prática de Ensino Supervisionada*, e nele será abordada a observação das aulas dos professores tanto de português como de latim, e das aulas das colegas de estágio e a lecionação das minhas aulas de português e de latim.

Por último, as conclusões, nas quais faço o balanço positivo e negativo da minha experiência enquanto docente.

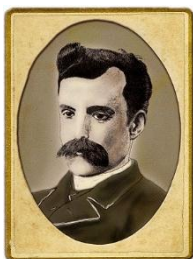
## Capítulo I

### Enquadramento Institucional

#### I.1. Caracterização geral da Escola



Lecionei na Escola Básica e Secundária Rodrigues de Freitas pertencente ao agrupamento escolar do mesmo nome. Partilha o edifício com o conservatório de música da cidade do Porto, na freguesia da Cedofeita.



Joaquim Rodrigues de Freitas



A escola está comprometida com inúmeros projetos como a turma mais, o teip (território de intervenção prioritária), desporto escolar, jornal etc. e o banco do voluntariado.

No que diz respeito à promoção da língua latina, a instituição tem um projeto chamado *Pari Passu*, um ateliê de latim onde os alunos da escola podem tomar contacto com a língua e a cultura latinas de forma divertida, através da realização de tarefas como desenhos, pesquisas. Neste ateliê os professores tentam transmitir o gosto pela cultura romana e a sua presença na cultura portuguesa, através de conteúdos como a etimologia, a formação lexical de palavras, a mitologia.

#### I.2. História da instituição

A escola Secundária Rodrigues de Freitas entra em funcionamento, com a designação de Liceu Nacional do Porto, em 1840 após a aprovação do decreto-lei de 17 de novembro de 1836 de Passos Manuel.

Em 1906 a sua designação muda e passa a ser o Lyceu Nacional Central da 2ª Zona Escolar do Porto e, por decreto de 9 de setembro de 1908, passa a designar-se Liceu D. Manuel II, que é a designação que podemos visualizar, ainda hoje, no topo da fachada principal da escola.

A sua designação atual, Rodrigues de Freitas, deve-se ao decreto estabelecido pelo governo republicano a 23 de outubro de 1910 em homenagem ao político, jornalista, professor de comércio e economia política e primeiro deputado republicano português, José Joaquim Rodrigues de Freitas.

Durante o regime ditatorial em Portugal, a escola retomou a designação de D. Manuel II, regressando à sua designação atual apenas após o 25 de abril de 1974.

O atual edifício, situado na freguesia de Cedofeita data de 1932-1933 e é da autoria do arquiteto José Marques da Silva. Em 1958, foi alvo de intervenção pelo arquiteto Manuel Lima Fernandes de Sá.

Em 2007, o edifício foi alvo de obras de modernização, que foram concluídas em 2008. A escola é dotada de diversas infraestruturas que favorecem a qualidade de ensino aos seus alunos; entre outras, destacam-se o museu da ciência, o observatório meteorológico e a biblioteca, que conserva vários livros raros.

## Capítulo II

### A presença do latim na língua e na cultura portuguesa

#### II. 1. Na língua...

“Descobriremos nos vocábulos portugueses, quando os relacionamos etimologicamente com os latinos, a mentalidade, a maneira de ser, a psicologia do povo Romano é compreendermos, de forma mais profunda e mais enriquecedora, o léxico através do qual nos exprimimos e, deste modo, justificamos, em cada uma das nossas aulas, que o ensino da língua mãe é decisivo para quem pretende um bom domínio da língua materna.” António Alberto Matos de Melo<sup>2</sup>

A língua portuguesa só pode ser compreendida se tivermos em consideração a sua raiz latina. É essencial que o professor de português mostre aos seus alunos o valor que a língua latina tem na compreensão da língua materna.

O conhecimento da linguística latina pode ajudar o aluno, como refere João da Encarnação Reis (1992:94) “a escrever sem erros de ortografia. Ele saberá distinguir, por exemplo, entre espectador e expectativa, e não hesitará em escrever *majestade*, *obsessão*, *assessor* porque conhece como e a partir de que elementos se formaram estas palavras.”

Para além da ortografia, o latim está presente noutros campos gramaticais como observa João da Encarnação Reis (1992), mostrando que também se encontra na forma como construímos frases em português, ou seja na sintaxe. Por isso, defende que a disciplina de latim permite dar apoio ao aluno para lhe permitir “uma correcta construção da frase em Português bem como a sua análise” (Reis 1992:94). Apesar de concordar com o autor, não nos podemos esquecer de que hoje, com o acordo ortográfico e a nova terminologia, torna-se cada vez mais difícil mostrar a ligação entre os elementos que constituem a gramática latina e os que constituem a gramática portuguesa.

Para entendermos a língua portuguesa muitas vezes temos de recorrer não só à língua latina mas também à cultura romana. De facto, com um conhecimento da cultura romana, os alunos poderiam perceber a origem de certas expressões usadas na língua portuguesa como a expressão, referida por António Alberto Matos de Melo (1995:101),

---

<sup>2</sup> In *As Línguas Clássicas: investigação e ensino. O ensino do vocabulário latino: etimologia e evolução semântica*, pp 99-100.



*erro crasso* que significa erro grave ou erro imperdoável. Esta expressão surge com a história de *Marcus Licinius Crassus*, que, após uma série de vitórias numa guerra contra os Partos, optou por uma estratégia errada, que levou à aniquilação do seu exército.

O exemplo citado seria uma boa forma de despertar no aluno o gosto pela língua latina, pois seria uma forma lúdica e divertida de ensinar o significado de uma palavra, neste caso de uma expressão.

### **II.1.1/ A formação de palavras por prefixação**

Para além do que já foi dito, a língua do Lácio está igualmente presente na formação lexical. De facto, muitas palavras portuguesas constroem-se com prefixos e/ou sufixos de origem latina.

Ao aprender a formação de palavras por derivação ou composição, o aluno está a ter contacto com a língua latina, pois os afixos e radicais da língua Portuguesa chegaram até nós por via latina; se o aluno for capaz de distinguir os diversos afixos e radicais de uma palavra, ele será capaz de escrever sem erros e até mesmo identificar a ideia de uma palavra sem recorrer sistematicamente ao dicionário. Por exemplo, se o aluno souber o(s) significado(s) dos prefixos, ele será capaz de escrever corretamente palavras como espuma e expungar, percebendo porque se escreve uma com –S- e a outra com –X-.

Apesar de o presente relatório de estágio se debruçar, ao nível da língua, sobre a derivação por prefixação, a verdade é que não são menos importantes a formação lexical de palavras por sufixação e por parassíntese, porque, se tomarmos como exemplo a última, por parassíntese, é possível perceber que, se um aluno tiver conhecimento de como a palavra é formada, ele não escreverá palavras como ‘fraquecer’ em vez de **enfraquecer** ou ‘sonado/a’ em vez de **ensonado/a**.

O conhecimento da língua latina confere ao aluno uma ferramenta que lhe permite melhorar a sua competência na língua materna, quiçá até mesmo numa língua estrangeira de origem latina, como também permite uma melhor abordagem de obras literárias portuguesas inspiradas na cultura romana, porque, como refere João da Encarnação Reis (1992) “nenhuma língua admite liberdade absoluta na colocação das palavras na frase. Mas o Latim, neste aspecto, é mais livre que o Português.” De facto, a língua latina não tem uma ordem frásica delimitada como é o caso no Português

(sujeito, predicado, complementos), e muitos autores Portugueses inspiraram-se na “desordem” latina para criarem as suas obras, como foi o caso de Luís de Camões e de Fernando Pessoa.

O próximo subcapítulo debruça-se precisamente sobre estes latinismos presentes em obras portuguesas (principalmente n’Os Lusíadas), que muitas vezes criam confusão ao aluno.

## **II.2. ... E na cultura**

Com o Renascimento surge um interesse mais amplo na cultura greco-latina. Embora a referência a autores clássicos tivesse sido explorada na Idade Média, a verdade é que a partir do século XVI há um verdadeiro interesse em recuperar conhecimentos clássicos, com uma necessidade do Renascer da cultura antiga (A.J. Saraiva e Óscar Lopes, 1993).

O Humanismo que representou o renascimento, e cujo nome é inspirado no conceito de *Humanitas* de Cícero, “exprime a crença num conjunto de valores morais e estéticos universalmente humanos, os quais se achariam definidos tanto nas Escrituras e na Patrística como na cultura profana da Antiguidade.” (A.J. Saraiva e Óscar López, 1993).

Como referem A.J. Saraiva e Óscar López<sup>3</sup>, “o humanismo adoptou como modelos as regras, os géneros, as formas métricas, os recursos estilísticos, a disciplina gramatical dos antigos autores gregos e romanos.

Os autores portugueses não ficaram indiferentes à tendência europeia do revisitar da cultura clássica (que nunca mais cessou desde então) e, entre outros autores estudados em sala de aula, tanto no ensino básico como no ensino secundário, temos Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa (através do seu heterónimo Ricardo Reis), que buscaram a sua inspiração em autores clássicos como Homero, Vergílio, Ovídio ou Horácio.

Esta inspiração nos Clássicos é nítida em obras como *Os Lusíadas* de Camões ou as *Odes* de Ricardo Reis.

---

<sup>3</sup> in *História da Literatura Portuguesa* (2001)

## II.2.1/ Latinismos n' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Maria Isabel Rebelo Gonçalves (2010)<sup>4</sup> faz alusão a vários latinismos presentes não só nas *Rimas* como também em *Os Lusíadas*. Entre estes latinismos (sintáticos, morfológicos, semânticos ou lexicais) pode apontar-se a imitação de preposição + adjetivo localizador + substantivo. Por exemplo, Camões recorre a este latinismo no canto IV estrofe 43 quando escreve “Encobrem no profundo peito a dor”. Aqui é necessário que o professor explique aos alunos que “no profundo peito” significa no fundo do peito. Para explicar este fenómeno o professor não precisa explicar de forma aprofundada o latinismo aqui presente, mas é necessário advertir os alunos para que a leitura se torne mais simples.

N' *Os Lusíadas* existem mais latinismos sintáticos que precisam ser trabalhados em sala de aula com os alunos, pois só assim irão perceber a obra, mas, para o nosso trabalho, apenas irão interessar alguns latinismos presentes no episódio do *Consílio dos Deuses* extraído do Canto I, que iremos trabalhar com mais atenção no subcapítulo IV.2.2.4, na parte referente à leção das aulas no 9.º ano de escolaridade.

Para além de latinismos sintáticos, também é frequente na obra de Camões o recurso a latinismos lexicais, ou seja, a um vocabulário erudito proveniente do latim, como é o caso do vocábulo *estelífero* presente no verso 2 da estrofe 24 do canto I “ Estelífero Pólo e claro Assento”, que provem do latim *stelliferu-* que significa o que suporta as estrelas. Este vocábulo não será do mais difíceis para os alunos, mas, mais uma vez, o professor tem de chamar a sua atenção para o facto de Camões ter- se inspirado não só na sintaxe latina, mas também no seu léxico.

Na obra *Ensaio sobre Latinismos nos Lusíadas*<sup>5</sup>, que está na base do estudo realizado pela Maria Rebelo Gonçalves, Correia (1931) revela várias ocorrências de latinismos de todo o tipo (sintáticos, morfológicos, fonéticos, semânticos e lexicais), que podem ajudar o professor a elucidar certas dúvidas dos alunos aquando da interpretação da obra. De facto, a leitura d' *Os Lusíadas* é sempre uma dor de cabeça para os alunos porque não percebem o texto, devido à vasta presença da influência latina. Por isso, é importante que o professor esteja atento a estas dificuldades e faça uma análise sintática

---

<sup>4</sup> Rebelo Gonçalves, Maria Isabel. (2010) *Latinismos sintáticos das Rimas de Camões*, in [www.revistacamoniiana.ufu.br](http://www.revistacamoniiana.ufu.br)

<sup>5</sup> Correia Silva (da), Carlos Eugénio (1931) *Ensaio sobre Latinismos nos Lusíadas*. Coimbra: França Amado

e lexical do texto. No entanto, é preciso ter em atenção o nível escolar do aluno e adaptar a explicação do texto ao seu nível, porque um professor não pode explicar *Os Lusíadas* da mesma maneira a alunos do 9ºano ou a alunos do 12ºano de escolaridade, devido à falta de maturidade e conhecimento dos alunos de 9ºano.

Para complementar o conhecimento do aluno, o professor deve ilustrar o seu discurso sobre a presença do latim na literatura portuguesa através da visualização de textos de origem greco-latina ou imagens de representações mitológicas, a fim de os alunos perceberem realmente que há de facto uma inspiração clássica e não perderem o interesse pela aula. Também é importante que o professor mostre aos seus alunos que a inspiração na cultura clássica não é apenas algo do passado e que autores portugueses mais recentes também foram procurar inspiração em obras clássicas, como é o caso de Fernando Pessoa ou Sophia de Mello Breyner Andersen.

### **II.2.2/ Trabalhar obras portuguesas de inspiração clássica nas aulas de latim: literatura comparada.**

O trabalho de identificação da influência clássica, nomeadamente latina, em obras de autores portugueses também pode e deve ser feito nas aulas de latim, para que o aluno ponha em prática o que lhe foi ensinado durante dois anos de estudo.

Quando o professor faz, com os alunos, um estudo comparativo entre textos de influência latina e textos de autores latinos, percebe que os alunos são mais sensíveis a esta questão e obtém respostas bastante pertinentes, porque conseguem identificar certos pormenores linguísticos, como os hipérbatos, e reconhecem com facilidade conteúdos, porque já estão familiarizados com o contexto social e histórico do Lácio.

Segundo João da Encarnação Reis (1992), que se debruçou sobre questões didáticas tanto do Português como do Latim, “o aluno que estuda aquela língua (o Latim) está em melhores condições não só para apreciar a (in)existência das referidas qualidades num determinado texto em língua materna, como também para as poder fazer presentes, quando precisar e quiser, nos textos que produz na sua língua.”

Poderá ser verdade que um aluno que frequentou aulas de latim obtenha melhores resultados no estudo do Português, mas também é verdade que há alunos que nunca tiveram latim que são igualmente muito bons na disciplina. O que realmente interessa neste trabalho não é mostrar que um aluno com latim consegue ser melhor do que outro

qualquer, mas sim mostrar que um professor de Português ou de literatura Portuguesa deve sensibilizar os seus alunos para a presença da língua e da cultura romana na literatura portuguesa, quer tenham latim ou não. Como insiste João da Encarnação Reis (1992:96), “ não se pode conhecer profundamente a Literatura Portuguesa sem se conhecer a Literatura Latina. [...] Mais genericamente, a Época Clássica da nossa Literatura não pode compreender-se e apreciar-se sem o conhecimento das Literaturas Clássicas, nomeadamente Latina. Ricardo Reis dificilmente poderia ter existido sem Horácio.”

O próximo capítulo irá apresentar, por um lado, o programa da disciplina de latim, pondo em evidência a forma como esta é estudada de modo a ajudar o aluno nas aulas de Português e, por outro, como seria mais vantajoso para os alunos terem a disciplina de latim incluída nos curricula do Ensino Básico a partir do 8.º ano.

## **Capítulo III**

### **O ensino do latim nas escolas portuguesas nos últimos 10 anos**

#### **III.1. Apresentação geral do curriculum de latim para o 10.º e 11.º ano de escolaridade.**

A disciplina de latim A no sistema educativo português tem uma duração de dois anos de escolaridade. Estes dois anos podem ser cursados no 10.º e no 11.º anos ou no 11.º e 12.º anos. No caso da escola onde foram lecionadas as aulas que constituem a base deste relatório, o latim é lecionado no 10.º e no 11.º ano. Infelizmente, este ano apenas abriu a turma de 11.º ano, por falta de alunos interessados na disciplina.

Neste capítulo compete-me mostrar as finalidades, os objetivos e os conteúdos que constituem o programa da língua latina, a fim de perceber de que forma esta disciplina pode ajudar um aluno a melhorar a sua competência nas aulas de português.

Para não tornar este capítulo demasiado extenso e exaustivo, optei por fazer uma recolha das finalidades e objetivos que mostram de que forma alguns conhecimentos da cultura romana podem ter interesse para o estudo da língua e da cultura portuguesa.

O programa de Latim A para os 10.º e 11.º anos de escolaridade explicita o fundamento máximo da disciplina da seguinte maneira: “Impõe-se uma disciplina fundamental para a compreensão das línguas e das literaturas modernas, para o alargamento e aprofundamento dos conhecimentos histórico-culturais, tanto para o aluno que pretende prosseguir estudos como para aquele que deseja apenas concluir o 12.º ano” (programa de Latim A: 2001). Olhando atentamente para o que está escrito acima, percebemos que o latim não só está ao serviço da língua Portuguesa como também está ao serviço de todas as línguas românicas, ou seja, um aluno que tenha latim, pode aproveitar o seu conhecimento e pô-lo em prática na sua aprendizagem em línguas estrangeiras. Mais adiante, na parte relativa aos conteúdos lecionados, abordar-se-á a forma como o latim está presente nas línguas estrangeiras e como pode contribuir para melhorar a sua aprendizagem. Agora passarei à abordagem das finalidades da

disciplina, lembrando que apenas serão abordadas as que achei mais interessantes para o presente relatório.

### **III.1.1. Finalidades**

Das vastas finalidades que o programa de Latim A oferece, selecionei três, a saber (programa de Latim A: 2001):

- ✓ Proporcionar um melhor entendimento de elementos que estruturam a cultura portuguesa.
- ✓ Promover o desenvolvimento de capacidades que levem à reflexão linguística.
- ✓ Reforçar a competência comunicativa, nomeadamente no português escrito.

### **III.1.2. Objetivos**

Entre os inúmeros objetivos apresentados pelo programa curricular da disciplina selecionam-se os seguintes (programa de Latim A: 2001):

- ✓ Identificar a permanência de elementos culturais romanos na moderna civilização ocidental.
- ✓ Relacionar aspetos relevantes da cultura portuguesa com a cultura clássica.
- ✓ Interpretar o significado de valores tradicionais portugueses na sua relação com o passado.
- ✓ Valorizar a identidade da língua portuguesa pelo conhecimento da língua-mãe.
- ✓ Verificar a relação lexical entre a língua portuguesa e a latina.
- ✓ Relacionar a estrutura da língua materna com a da língua latina.

### **III.1.3. Conteúdos**

Como já referi anteriormente a disciplina de Latim tem apenas dois anos de leção, iniciando-se no 10.º ou no 11.º ano e terminando no 11.º ou no 12.º ano.

No primeiro ano, e porque os alunos nunca contactaram com a disciplina, o programa apresenta um módulo introdutório. Segundo o que está referido no programa, “o módulo introdutório constitui uma oportunidade para rever noções essenciais da história de

Roma, do mapa da Itália e do Mediterrâneo, e será igualmente aproveitado para rever e consolidar noções elementares de gramática da língua portuguesa adquiridas no Ensino Básico” (programa Latim A: 2001,p.14)

No módulo introdutório, os alunos irão “constatar a presença e a influência da cultura greco-latina em diversas manifestações da nossa vivência diária [...]”; esta constatação será feita através da arquitetura, gravuras, textos de imprensa, textos de escritores contemporâneos, mas também poderá ser feita através da visualização de passagens de filmes que retratam a cultura romana.

A presença da mitologia na literatura e na cultura modernas será outro ponto de abordagem inicial com os alunos. Assim sendo “será oportuno recordar alguns mitos e lendas que continuam, também, a fazer parte das nossas referências culturais, quer a nível literário, quer no uso quotidiano, em textos jornalísticos, ou na conversação corrente.

Para além de conteúdos culturais, o Latim pretende ajudar o aluno a desenvolver capacidades ao nível linguístico e, por isso, dedica uma parte do programa a “ Reflexão sobre a língua portuguesa”, na qual aborda questões de morfologia e sintaxe, mas também lexicais e etimológicas.

Como podemos ver, a disciplina de Latim procura ser, sobretudo, uma disciplina ao serviço do aluno, ajudando-o a desenvolver o seu conhecimento cultural e linguístico.

## **II.2. O contributo do Latim no ensino do Português.**

Ao traçarmos o perfil da disciplina, mostrando muito sucintamente as suas finalidades, objetivos e conteúdos, percebemos que existe uma interligação entre o Latim e o Português. O Latim tem como propósito ajudar o aluno a adquirir conhecimentos úteis para o bom desempenho na disciplina de português, dando- lhe as ferramentas essenciais (linguísticas e culturais) para que possa interpretar textos literários ou conteúdos históricos com menos dificuldade. E, é por haver entre o latim e o ensino do português uma relação inegável que irei dedicar me um pouco às seguintes questões: em que aspetos pode o Latim contribuir para um melhor desempenho do aluno no Ensino Secundário? Não seria vantajoso para o aluno ter uma iniciação à língua e à cultura latinas desde o 3.ºciclo do Ensino Básico?



### II.2.1. O latim e o Ensino do Português no Secundário.

Procurarei esclarecer de que forma o Latim está presente nas aulas de Português e como pode ser útil para a perceção de certos conteúdos.

Quem opta, no Ensino Secundário, pelo curso Científico-Humanístico de línguas e literaturas, tem no seu currículo a disciplina de Português e a disciplina de literatura Portuguesa.

O latim tem uma grande importância no que respeita o conhecimento da língua, pois permite uma melhor identificação morfosintática das palavras. E contribui para um maior desenvolvimento do conhecimento de vocabulário. Porém, o latim não está apenas ao serviço da língua enquanto ensino gramatical, mas também está ao serviço do ensino da literatura. Por exemplo, nas aulas de literatura do 11.º ano de escolaridade os alunos têm como opção de leitura o sermão da Sexagésima, da autoria do Padre António Vieira, que inclui passagens em latim, por exemplo: *Semen est Verbum Dei* que significa a semente é a palavra de Deus. Nesta frase latina, o Professor tem muitos aspetos para explorar com os seus alunos como por exemplo os significados das palavras *semen* e *verbum*. Aqui não só temos a presença pura do latim como este pode ajudar a entender certas evoluções semânticas de vocábulos.

Como já referi em capítulos anteriores, pretendi mostrar aos meus alunos de que forma o latim continua presente na nossa cultura, através, principalmente, no caso dos alunos de 9.ºano, do estudo do episódio do Consílio dos Deuses d' *Os lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Porém, nesta parte mais teórica convirá alargar o horizonte e mostrar como o Latim não está apenas presente numa determinada obra e que o podemos encontrar em várias obras de diferentes séculos, e que é importante que o professor que leciona a disciplina de Literatura Portuguesa esteja atento a estes sinais da presença da cultura romana na nossa literatura e dedique um pouco da aula à explicação de certos conteúdos pertinentes para uma melhor aprendizagem dos alunos. E, para que esta aprendizagem seja completa é necessário que o professor de português faça o paralelismo entre obras de autores portugueses e obras de autores clássicos para justificar que de facto há uma inspiração clássica.

Como vimos, esta presença do latim, nomeadamente a inspiração na cultura romana, passa pela presença de latinismos (semânticos, morfológicos, sintáticos e lexicais); pela presença, também, de passagens em latim (como exemplificamos acima), mas

igualmente através de traços culturais, sobretudo a mitologia, como é o caso de autores como Fernando Pessoa ou Miguel Torga, entre outros.

Os conhecimentos da língua e da cultura latina tem uma utilidade muito grande no Ensino Secundário, porque são ferramentas importantes no apoio à compreensão da língua e da cultura portuguesa, mas agora permito-me uma questão sem nenhuma pretensão, mas apenas porque foi algo que observei ao longo do meu estágio: não seria mais vantajoso para o aluno ter uma iniciação ao Latim logo no 3.º Ciclo do Ensino Básico?

### **II.2.2. As possíveis vantagens do ensino do Latim no 3.º ciclo do Ensino Básico.**

De facto impõe-se a questão da inclusão do Latim no Ensino Básico porque após um ano letivo a observar a forma como os alunos, essencialmente do 9.ºano, lidavam com a leitura (e com leitura entendemos também a compreensão) d'*Os Lusíadas*, percebi que se os alunos tivessem a oportunidade de terem aulas de Latim logo no 8.ºano, seria uma mais-valia para eles, pois certos conteúdos não seriam desconhecidos, como a mitologia.

De facto, à pergunta sobre o que é a mitologia, muitos alunos nossos do 9.ºano responderam que mitologia era quando alguém mentia. Depois perguntei aos alunos, após uma definição válida de mitologia, se conheciam alguma figura mitológica. Alguns responderam positivamente (nem metade da turma), outros não se pronunciaram e uma minoria não conhecia (o não queria conhecer naquele momento). Antes de iniciar o estudo do episódio do Consílio dos Deuses fiz uma apresentação geral dos deuses greco-latinos mais destacados no episódio (cf. O subcapítulo referente a lecionação das aulas no 9.ºano) para que a compreensão do texto fosse mais clara. Contudo, ao longo da leitura do texto deparei-me com outras dificuldades, não só de teor cultural, mas ainda de teor linguístico, pois os alunos tinham dificuldade por um lado em perceber a estrutura do poema, por outro tinham dificuldade em entender o vocabulário; e estas dificuldades prendiam-se ao facto de os alunos não terem conhecimentos acerca da língua e da cultura latina. Por isso poderá ser certamente interessante introduzir o Latim logo no Ensino Básico, para que os estudantes venham a ter a oportunidade de expandir os seus conhecimentos e para que o professor possa ter aulas mais produtivas e dinâmicas.

Obviamente que o ideal seria a disciplina de latim ser obrigatória, assim haveria a certeza de que todos teriam acesso a esse conhecimento, mas não temos de ver o Latim necessariamente como uma disciplina curricular, poderíamos ter um ensino do Latim extracurricular, adequado a cada nível de ensino e dinâmico para motivar os alunos a ingressarem nesse tipo de projeto.

As vantagens do acesso ao Latim no Ensino Básico seriam muitas, desde melhorias na ortografia até a uma melhor compreensão de textos, mas para que esta ideia vá avante será necessário haver uma sensibilização por parte das entidades competentes, a saber os professores e o próprio Ministério da Educação, como escreve Isaltina Martins: “ Não podemos esperar que os alunos escolham estas disciplinas por opção se elas constituírem uma matéria que lhes é totalmente desconhecida. Ninguém pode escolher aquilo de que nunca ouviu falar ou de que só ouviu referências negativas, do género “é difícil” ou exige muito trabalho”.”(Martins 1992:86/87). Também a autora defende que “ é necessário que haja desde cedo um primeiro contacto com as línguas clássicas, mas um contacto positivo que desperte o interesse pelo estudo.” (Martins 1992: 87) Isaltina Martins realça ainda que este contacto com as línguas clássicas deve fazer-se logo no Ensino Básico, nas aulas de português. Para Isaltina Martins é importante “ despertar nos jovens o gosto pela leitura, pela cultura em geral, como sejam os conhecimentos básicos em assuntos essenciais da geografia e da história do mundo, as tradições e costumes, as crenças, as lendas, as diversas manifestações de uma cultura do passado que perdura e se mantém viva em muitos aspetos do presente.” (Martins, 1992:87)

Este relatório não visa fazer a propaganda de um Ensino do Latim alargado ao Ensino Básico, mas é um facto que talvez seja mais produtivo para o aluno ter acesso à disciplina no 8.ºano (para que dê fruto no 9.ºano) do que iniciar a disciplina no 10.º onde já deveria ter esses conhecimentos assimilados para estudar obras literárias nas aulas de português ou de literatura portuguesa.

## **Capítulo IV**

### **Prática de Ensino Supervisionada**

#### **IV.1. Observação das aulas.**

##### **IV.1.1. Observação das aulas da Orientadora de Português.**

Iniciei a minha prática de ensino com a assistência às aulas da minha orientadora, a Professora Isabel Costa. Devido a um atraso na colocação, apenas iniciei a observação de aulas em finais de outubro. As turmas eram uma do 7.º ano e outra do 9.ºano, a orientadora não tinha turmas do Secundário.

Durante da minha observação das aulas, pude constatar que a professora tinha o cuidado de estabelecer relações entre a língua materna e o latim, quando era possível.

##### **IV.1.1.1. No 7.ºano**

Na turma do 7.ºano, a professora Isabel estabeleceu uma ponte entre o Português e o Latim quando, em dezembro, lecionou a derivação e a composição por afixação. Nestas aulas, os alunos aprenderam que as palavras podiam ser formadas por prefixação, sufixação ou parassíntese, ficaram a saber qual era a diferença entre os três elementos e que os prefixos e sufixos chegaram até nós por via do latim. A professora Isabel não entrou em grandes pormenores sobre os significados dos afixos porque sabia que tanto as minhas colegas como eu iríamos trabalhá-los com os alunos.

Relativamente à relação professora-alunos, pude notar que havia, na turma de 7.ºano, uma grande empatia. No entanto, como irei abordar no subcapítulo IV.2.1.1, a turma era bastante indisciplinada, o que não simplificou o trabalho da professora, nem o das professoras estagiárias.

#### **IV.1.1.2. No 9.ºano**

Com o 9.ºano, a professora Isabel Costa fez várias vezes a ligação entre a língua e a cultura portuguesa e a língua e cultura latina, devido ao facto de estudarem obras literárias como *O Auto da barca do inferno* de Gil Vicente e *Os Lusíadas* de Camões.

Na semana que antecedeu o início das férias de Natal, a Professora introduziu a obra de Gil Vicente, pedindo aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre o autor e que lessem a obra. Em janeiro, a minha colega Joana iniciou o estudo da obra e deparou-se com a dificuldade de os alunos perceberem e lerem certos vocábulos, o que a levou a fazer um parêntesis para trabalhar com eles a variação e mudança no Português, ao longo dos séculos, que iremos ver com mais atenção no subcapítulo seguinte. Como foi possível constatar, os alunos tiveram com Gil Vicente um primeiro contacto com a presença do latim no Português. O segundo contacto deu-se, em finais de fevereiro, aquando do estudo da obra de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*. Como introdução ao estudo da obra de Camões, a Professora Isabel Costa explicou aos alunos que o autor, para escrever esta obra, se inspirou na cultura clássica (grega e latina) e, com o apoio do manual foi mostrando aos alunos alguns autores clássicos que inspiraram Camões, como Vergílio e Homero. Para além de mostrar aos alunos estes autores clássicos, a Professora também recorreu à História, a fim de situar temporalmente Camões, mostrando que viveu no Renascimento, que foi a época do reviver da cultura clássica. Com estas informações, os alunos ficaram mais uma vez sensibilizados para a presença dos clássicos e nomeadamente do latim na nossa cultura.

#### **IV.1.2. Observação das aulas das colegas de estágio.**

##### **IV.1.2.1. As aulas de Português**

Dividi a minha prática de ensino supervisionada com duas colegas, a Sara Silva e a Joana Santos. Devido aos temas dos seus relatórios, também sensibilizaram os alunos para a presença do latim na língua Portuguesa.

#### **IV.1.2.1.1. No 7.ºano**

Uma das regras do estágio era a presença obrigatória nas aulas das colegas, por isso tive a oportunidade de acompanhar os seus trabalhos.

Os temas das minhas colegas são bastante similares e dizem respeito sobretudo a formação lexical de palavras. Tendo em conta que no 7.º ano também trabalhei com os alunos esta temática, a observação do trabalho das colegas era deveras importante.

A Professora Joana Santos foi quem trabalhou com mais intensidade a afixação, mostrando aos alunos como podíamos formar palavras com base em prefixos e sufixos, e quais eram os seus significados, apontando para o facto de os nossos afixos provirem da língua latina. Para os alunos este assunto não era novidade, porque já tinha sido trabalhado pela Professora Isabel e por mim em aulas anteriores. Contudo, achei interessante a colega voltar a abordar o assunto porque é importante que os alunos estejam sensibilizados para o facto de a nossa língua fazer parte de um processo evolutivo.

Relativamente à observação das aulas da Professora Sara Silva, concluí que ela optou por não incluir a turma do 7.ºano no seu estudo para o relatório, pois não trabalhou com eles nenhum aspeto da etimologia, que é o seu tema de trabalho.

#### **IV. 1.2.1.2. No 9.ºano**

No 9.ºano, as minhas colegas focaram mais uma vez os seus estudos na língua e na forma como ter conhecimentos de latim nos permite ter conhecimentos da língua materna.

Como referi num capítulo anterior, no 9.ºano os alunos tiveram a oportunidade de estudar duas obras (uma completa, outra excertos) de autores portugueses: Gil Vicente e Luís de Camões. Também fiz referência ao facto de a professora estagiária Joana Santos ter estudado com os alunos a variação e a mudança no Português. Para tal recorreu ao manual, mais concretamente às páginas 89, 90 e 91 (cf. Anexo 1), através dos quais os alunos puderam ter alguns conhecimentos sobre a história da língua Portuguesa. Descobriram ou relembrouam que a Língua Portuguesa tem por mãe a língua latina; também ficaram a perceber um pouco da evolução fonética e semântica da língua e os seus processos. Estas aulas dadas pela Professora estagiária Joana foram benéficas para

os alunos, porque assim conseguiram decifrar algumas palavras com as quais tinham dificuldades, a saber: hua, pera, dolores, ....

Durante a observação das aulas da Professora estagiária Sara Silva pude ver que também ela retoma a variação e mudança da Língua Portuguesa. Como forma de sensibilizar os alunos para esta temática, a Professora estagiária Sara iniciou o estudo da passagem do Parvo precisamente com a evolução semântica desta palavra, apresentando aos alunos um vídeo com a música *Que parva eu sou* dos Deolinda; após a audição do vídeo, os alunos foram convidados a atribuir um significado à palavra parvo e, depois de algumas respostas positivas, a Professora estagiária mostrou-lhes como a palavra parvo, que chegou até nós a partir da palavra latina *parvus*,<sup>1</sup> evoluiu semanticamente. Estando no fundo da sala, num lugar privilegiado para a observação do comportamento da turma, percebi que foram bastante recetivos ao exercício e que ficaram entusiasmados com a ideia da evolução da nossa língua, o que motivou a Professora estagiária a fazer outros exercícios do género ao longo do estudo da personagem Parvo.

Para além do *Auto da barca do inferno*, os estudantes também estudaram outra grande obra da literatura nacional: *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

Durante as aulas, as colegas não aprofundaram muito o aspeto da presença da cultura clássica na obra, porque não era muito relevante para os seus relatórios e, principalmente, porque o tempo era pouco. Por isso, optaram por dedicar as suas aulas ao estudo da língua, mostrando mais uma vez a evolução de alguns vocábulos e revendo a formação lexical de palavras. Porém, apesar de não terem trabalhado com aprofundamento a presença da cultura clássica, não deixaram de fazer referências a ela na obra, nomeadamente relembrando que Camões se inspira nos clássicos ao escrever *Os Lusíadas*, daí ter uma escrita complexa, que deve ser analisada com atenção, para que os alunos percebam corretamente o que estão a ler.

Terminei as assistências às aulas, tanto das colegas como da Professora Isabel, em finais de abril.

#### **IV.1.3. Observação das aulas do Orientador de Latim.**

##### **IV.1.3.1. As aulas de latim A**

Iniciei a minha prática de ensino pedagógica de latim A no início de outubro. Sendo o latim uma língua que está a cair em desuso nas escolas portuguesas, o orientador, Jorge Moranguinho, apenas tinha uma turma de 11.ºano, que estava no seu segundo ano na disciplina.

Estando o latim A, no 11.ºano, num nível avançado, o Professor Moranguinho achou por bem que assistíssemos durante uns tempos às suas aulas, para nos familiarizarmos, e só depois daríamos a nossa primeira aula avaliada. Este tempo de observação iniciou-se em outubro 2013 e prolongou-se até janeiro 2014.

Durante as aulas do Orientador, pude observar que preconizava o estudo do texto não de uma forma categorizada (leitura, análise, cultura), mas antes de uma forma interligada, ou seja, os conteúdos eram abordados consoante iam aparecendo no texto, o que tornava as aulas vivas e interessantes.

Pude observar também que, quando um aluno tinha dificuldades em perceber um conteúdo da língua latina, o Orientador recorria à língua Portuguesa quando era possível, mostrando assim a relação que há entre ambas as línguas.

Relativamente aos conteúdos culturais, constatei que o Professor Moranguinho também estabelecia relações entre a cultura romana e a cultura portuguesa, mostrando aos alunos como certos aspetos da primeira estão presentes na segunda, por exemplo na literatura, através dos conteúdos mitológicos, mas também através de elementos do quotidiano, como a vida em família ou em sociedade.

#### **IV.1.4. Observação das aulas das colegas de estágio.**

Assim como acontecia no estágio de Português, o estágio de Latim era formado por um núcleo. As suas componentes eram as mesmas, ou seja, era formado por mim e pelas professoras estagiárias Sara Silva e Joana Santos.



#### **IV.1.4.1. As aulas de Latim A**

A iniciação propriamente dita à prática de ensino supervisionada de latim A ocorreu em janeiro de 2014 pelos motivos já referidos.

Durante a observação das aulas das colegas notei que elas tinham cuidado em alternar os vários domínios (leitura, etimologia, cultura, morfologia e sintaxe). Relativamente à língua, ambas trabalharam com os alunos a formação lexical de palavras, insistindo em palavras formadas principalmente por prefixos (in-, sub-, pro-, ob-, ...). Também foram trabalhando a etimologia através da evolução fonética e semântica de certas palavras que iam surgindo nos seus textos.

No que diz respeito à cultura, ambas as Professoras estagiárias tiveram o cuidado de estabelecer relações entre aspetos da cultura romana e detalhes da nossa cultura.

A cultura romana (incluindo a língua) não era apenas relacionada com a nossa língua e cultura, mas era-o igualmente com outras línguas românicas.

As assistências às aulas de Latim A terminaram em finais de maio.

#### **IV.2. Lecionação das aulas**

##### **IV.2.1. As aulas de Português no 7.º ano.**

##### **IV.2.1.1. Caracterização da turma.**

Durante o meu ano de estágio lecionei a duas turmas de Português, o 7.º C e o 9.º C.

A turma do 7.º C era constituída por vinte alunos. Há a referir que esta turma era maioritariamente composta por alunos indisciplinados e pouco interessados no estudo, o que dificultou bastante o meu trabalho enquanto Professora estagiária.

No início do ano letivo (outubro) a tendência para a indisciplina era apenas um caso isolado. Ao longo do ano, porém, foi alastrando na turma, tornando o ambiente para a aprendizagem bastante complicado, porque muitas vezes o papel das Professoras estagiárias era de “policiamento”, chamando constantemente a atenção dos alunos. Apesar do mau comportamento geral da turma, havia dois ou três alunos motivados para aprender, mas, infelizmente, estes alunos saíam prejudicados devido à desordem que se fazia sentir na sala de aula. Este problema de indisciplina não era exclusivo das

Professoras estagiárias, também a Professora Isabel encontrava dificuldades em lecionar devido às inúmeras paragens que devia fazer para manter a ordem.

Para além de indisciplinados, os alunos não estavam minimamente interessados em aprender. De facto, quando lhes era pedida a realização de exercícios, poucos eram aqueles que os realizavam. Perante tanta resistência, perguntei lhes por que se comportavam dessa forma e, maioritariamente, responderam que não queriam estar ali (na sala de aula), que não gostavam de estudar. Perante uma tal resposta, tentei encontrar uma forma de os motivar nas aulas criando tarefas divertidas, mas foi em vão.

Foi por perceber que a turma era frágil em todos os sentidos que optei por trabalhar com eles a formação lexical de palavras por prefixação, porque não era um assunto muito complexo e pensei que seria uma boa forma de os “iniciar” na sensibilização da presença da Língua Latina na Língua Portuguesa.

#### **IV.2.1.2. Método de trabalho.**

Em outubro iniciei o meu trabalho com a turma do 7.º C, em primeiro lugar observando a orientadora e, em segundo lugar, assistindo as várias reuniões de estágio nas quais a orientadora Isabel ia esclarecendo dúvidas e dando dicas relativamente à forma como devíamos trabalhar em sala de aula. Nestas reuniões de estágio eram decididos os textos que iríamos trabalhar com os alunos (por uma questão de calendarização, as professoras estagiárias não escolhiam os textos). Deste modo, iniciei a minha prática de ensino supervisionada de Português no 7.º ano com um texto de Regina Guimarães, extraído da obra *9 histórias a 7 pés e 4 mãos*, intitulado “A minha vizinha Esmeralda tem um intraterrestre no quintal.” (cf. Anexo 2). Para trabalhar este texto com os alunos foram-me atribuídas duas aulas de noventa minutos cada uma.

Para além deste texto, também trabalhei com os alunos o *Mestre Finezas* (cf. anexo 3) da autoria de Manuel da Fonseca, e o poema *Urgentemente* (cf. Anexo 4), de Eugénio de Andrade. Para o primeiro, foram-me atribuídas três aulas, duas de noventa minutos e uma aula extra de quarenta e cinco minutos; o segundo foi trabalhado em duas aulas, uma de noventa minutos e outra de quarenta e cinco minutos.

Procurei, durante a realização das planificações, focar-me nos alunos e encontrar uma forma de os motivar para as aulas. Para isso, iniciava sempre as aulas com um vídeo, uma imagem ou um texto alusivo ao tema dos textos que iriam trabalhar, e pedia-lhes que fossem opinando em voz alta sobre o que viam. Geralmente, esta tarefa era bem-

sucedida, porque os alunos, devido à sua idade, gostavam desse género de atividades; porém, estas atividades coletivas só podiam ser realizadas no início das aulas porque se o fossem durante seria impossível recuperar a atenção dos alunos.

Tendo a consciência de que os alunos não estavam interessados nas aulas, procurava atraí-los com diversas atividades relacionadas com o texto, como a leitura do texto em voz alta, a realização de exercícios de consolidação da matéria gramatical, mas sobretudo, tentava cativá-los através de atividades mais divertidas, como a realização de um marcador de páginas (para incentivá-los a ler), a escrita de uma quadra sobre o tema da amizade e do respeito (para incentivá-los à escrita, mas também a respeitar o outro) e a exploração etimológica, mostrando-lhes como o Português provinha do latim através da recolha e explicação dos prefixos que iam surgindo nos textos. No entanto, como referi anteriormente, a realização de tarefas no decorrer da aula nunca se revelou positiva, porque a turma não o permitia, devido a sua falta de disciplina e interesse pelo estudo da Língua Portuguesa. Contudo, este tipo de tarefas, noutras turmas, podia ter resultado positivamente.

Durante as aulas, optei sempre por partir do conhecimento dos alunos, tentando motivá-los a participar, mas, infelizmente, apenas dois ou três iam contribuindo para o bom desenrolar da aula. Com tanta resistência por parte da turma, tive de alterar o meu método em sala de aula e começar a utilizar um método mais tradicional, ou seja, a professora dita a matéria e os alunos escrevem. Quanto aos exercícios, o método era o mesmo, a professora explica a matéria, os alunos escrevem, realizam exercícios e vão corrigi-los ao quadro. Este método não é, na minha opinião, um método adequado para a aprendizagem, porque é muito “manufaturado”, o aluno não tem espaço para exprimir as suas ideias e trocar informações entre colegas ou com a professora, mas, no caso desta turma e após experimentar vários métodos, verificou-se que este método era o único que resultava.

#### **IV.2.1.3. Materiais utilizados durante as aulas.**

Todas as atividades e materiais apresentados visaram responder a necessidade e desenvolver competências nos alunos para as aulas de Português, tendo, igualmente, em consideração o trabalho para o presente relatório.

No capítulo sobre o método de trabalho utilizado fui revelando alguns dos materiais utilizados durante as aulas, entre outros, os textos trabalhados.

Todos os textos foram retirados do manual do 7.º ano – *Conto Contigo*, da Areal editores. Relativamente aos exercícios, alguns eram retirados do mesmo manual e outros eram criados pela professora estagiária, com a supervisão da orientadora.

Assim sendo, passarei a expor os materiais utilizados nas diversas aulas, o porquê da sua escolha e se surtiram efeitos positivos ou não, tendo sempre em consideração o tema do relatório.

Como já referi em capítulos anteriores, iniciei a minha prática de ensino supervisionada em outubro, com a observação das aulas da orientadora Isabel Costa. Nos finais de outubro dei uma aula zero para me familiarizar com a turma; só em finais de novembro iniciei a prática de ensino supervisionada propriamente dita (cf. Anexo 5) com o texto da Regina Guimarães “A minha vizinha Esmeralda tem um intraterrestre no quintal”. Para o estudo do texto recorri a uma imagem que os alunos tinham no manual onde podiam ver o sistema solar. Depois tiveram de responder à questão número 1 da mesma página. Paralelamente a este exercício, mostrei-lhes uma imagem representativa do filme E.T. de Steven Spielsberg, perguntando-lhes se gostariam de ter um amigo extraterrestre, obtendo respostas variadas. Com a realização destes exercícios, introduzi o texto da Regina Guimarães. Após a leitura e a compreensão do texto, perguntei aos alunos se conseguiam dizer qual é a diferença entre um extraterrestre e um intraterrestre. Com esta pergunta, iniciei o estudo sobre a formação lexical de palavras por prefixação. Esta questão surgiu-me durante a aula e por isso não está na planificação.

Como forma de perceber se os alunos entenderam a diferença entre os vários prefixos, pedi-lhes que viessem ao quadro escrever uma palavra iniciada com um dos prefixos (extra-, intra-, inter-) e que expusessem aos colegas o significado.

O quadro era um material bastante utilizado, não só para ajudar a explicar matérias como também para perceber se os alunos estavam a acompanhar o raciocínio e se entendiam o que lhes estava a ser ensinado.

Recorri frequentemente ao uso de fichas de exercícios para complementar o trabalho que estava a ser feito durante as aulas. Relativamente ao trabalho sobre a formação lexical de palavras, foi sobretudo um trabalho realizado oralmente e consolidado através de exercícios realizados no caderno dos alunos e no quadro. No final do ano, os alunos realizaram uma ficha que permitiu perceber se assimilaram a matéria (cf. Anexo 6).

Relativamente aos outros textos trabalhados em aula, os materiais utilizados foram praticamente os mesmos. No caso do *Mestre FINEZAS*, de Manuel da Fonseca, iniciei a

aula com a apresentação do autor e pedi aos alunos, com a ajuda da informação que estava a disponibilizar no quadro através da projeção de um documento em formato word, que me elaborassem a ficha biobibliográfica do autor. Aproveitei a palavra “biobibliográfica” para explicar aos alunos que, além da presença do Latim, também temos a presença do Grego na Língua Portuguesa, mostrando lhes o significado dos radicais bio-, biblio- e gráf-. Pedi aos alunos que criassem palavras a partir destes radicais e, de uma forma bastante positiva, os alunos participaram ativamente no exercício. (cf. plano de aula no anexo 7)

Além deste exercício, voltei a mostrar aos alunos a presença da língua latina no Português através da exploração do sentido do sufixo *eiro-*, que surge em ‘barbeiro’. Apesar de não fazer parte do tema do meu estudo, é sempre vantajoso para os alunos perceberem que o latim não está presente na nossa língua apenas através dos prefixos, também o está através dos sufixos e de outros elementos que constituem a nossa língua.

Relativamente ao poema *Urgentemente* de Eugénio de Andrade recorri sobretudo ao texto e aos exercícios de leitura presentes no manual. (cf. Plano de aula no anexo 8)

Para trabalhar com os alunos a formação lexical de palavras aproveitei a presença no poema da palavra ‘descobrir’, que permitiu fazer uma sistematização dos prefixos que estudamos ao longo do ano (inter-, extra-, intra-, in-, des-, dis-, re e en-). No final foi distribuída uma ficha (cf. Anexo 9) mas, por ser demasiado extensa, os alunos resistiram a fazê-la, o que me obrigou a elaborar outra mais curta, que distribuí posteriormente (cf. Anexo 7).

#### **IV.2.1.4. A formação lexical de palavras por prefixação.**

Para desenvolver a sensibilização dos alunos do 7.ºano para a presença e a importância do Latim na Língua Portuguesa utilizei algumas estratégias como: o diálogo professor/aluno e alunos /alunos sobre vários assuntos relacionados com o tema do relatório que iremos ver em seguida; apresentação oral e escrita dos significados dos prefixos, realização de exercícios de formação lexical de palavras por prefixação no caderno e resolução de fichas.

Iniciei o meu estudo pedindo aos alunos que me dissessem qual é a diferença entre um extraterrestre e um intraterrestre. Os alunos não tiveram dificuldades em dizer que um extraterrestre era um ser que vive fora da terra; porém, encontraram dificuldades em explicar ‘intraterrestre’ e responderam que era um ser que vive na terra (entende-se a

superfície). Perante a dificuldade dos alunos expliquei-lhes que um intraterrestre é um ser que vive dentro da terra. Depois pedi-lhes para observarem as palavras e para identificarem nelas qual seria o elemento que permitia diferenciar os significados. Este exercício foi bem-sucedido, porque os alunos mesmo não sabendo a ideia que transmite o prefixo intra- percebem que é por causa dos prefixos que as palavras têm significados diferentes. Realizado o exercício expliquei então à turma que extra e intra são dois prefixos que chegaram até nós por via da Língua Latina. Perguntei então se alguma vez ouviram falar da Língua Latina e se sim onde. Todos disseram que ouviram falar do Latim nas aulas de português com a Professora Isabel, mas nenhum sabia ao certo que Língua era, alguns pensavam que se tratava de uma Língua estrangeira. Aproveitando a confusão dos alunos, expliquei que o Latim não é uma Língua estrangeira e que ela é a mãe da Língua Portuguesa, porque muitos elementos que constituem a gramática Portuguesa chegaram até nós por via da gramática Latina, inclusive os prefixos. Para não baralhar os alunos apenas explorei com mais pormenor o facto dos constituintes da formação lexical de palavras por afixação (prefixos e sufixos) terem chegado até nós por via latina e aproveitei então por exemplificar através da exploração dos significados dos prefixos extra- e intra-.

Os alunos ficaram bastante entusiasmados com esta nova descoberta, por isso aproveitei para lhes pedir que identificassem no texto *‘A minha vizinha Esmeralda tem um intraterrestre no quintal’* outra palavra iniciada pelo prefixo intra- e descobriram a palavra ‘intracidade’, perguntei-lhes que me dissessem qual era o significado da palavra no contexto do texto e responderam corretamente que significava cidade interior.

Para além dos prefixos extra- e intra- decidi trabalhar com eles o prefixo inter-, apesar de não estar no texto, porque achei que seria proveitoso para o aluno ter a perceção da diferença entre estes três prefixos bastante similares, principalmente o intra- e o inter-. Para tal utilizei a palavra ‘intracidade’ presente no texto e substitui o prefixo intra- por inter- o que formou a palavra ‘intercidade’, em seguida perguntei aos alunos qual era o significado da palavra ‘intercidade’ e alguns responderam corretamente que significa entre a cidade, com isto concluíram que o prefixo inter- significa entre. Feita a exploração da matéria, pedi a alguns alunos que fossem ao quadro escrever uma ou duas palavras formadas com os prefixos que tinham acabado de exercitar; obtive respostas como extraescolar, internacional e intraescolar. As palavras eram quase sempre repetidas pelos alunos, mas tendo em conta o nível deles e o facto de estarem a participar na atividade, não podia exigir muito mais.

Ao longo do estudo do texto de Regina Guimarães, principalmente aquando da explicação do vocabulário desconhecido, os alunos encontraram dificuldades em atribuir um significado a palavra ‘inoxidável’, aproveitei então para trabalhar com eles mais um prefixo – in-.

Em primeiro lugar perguntei à turma se sabiam qual era o significado de ‘oxidável’. Como era de esperar ninguém sabia, então comecei por atribuir um significado a palavra. Depois, perguntei a turma se, agora que tinham conhecimento do significado da palavra ‘oxidável’, conseguiam identificar o significado da palavra inoxidável, mas os alunos, não tendo a perceção da ideia que transmite o prefixo in- não conseguiam alcançar o significado da palavra, então sem dar a resposta, optei por lhes perguntar se sabia o que significava a palavra ‘infeliz’. Todos responderam corretamente. Depois pedi-lhes para retirar o prefixo in- na palavra infeliz, sobrando-lhes a palavra ‘feliz’. Com este exercício de raciocínio os alunos perceberam qual era o significado do prefixo in- e, conseqüentemente, conseguiram identificar o significado da palavra ‘inoxidável’. No final do exercício, mostrei-lhes como é importante sabermos os significados dos prefixos, porque mesmo não sabendo o significado de uma palavra conseguimos pelo menos perceber qual é a ideia que quer transmitir, por exemplo, ao sabermos que o prefixo in- pode significar a negação, percebemos que a palavra ‘inoxidável’ significará algo que não é oxidável, ou seja percebemos logo que a ideia de contrário.

No final da explicação teórico-prática do prefixo in- pedi aos alunos para identificarem no texto outra palavra iniciada por este prefixo, exercício que já tinha sido realizado com os prefixos anteriormente trabalhados. Porém os alunos encontraram dificuldades em encontrar a palavra ‘impossível’ devido a presença da letra ‘m’ em vez de ‘n’, o que me deixou perplexa porque no 7.º ano os alunos já deveriam ter interiorizado que antes de ‘p’ ou ‘b’ substituí se a letra ‘n’ por ‘m’, mas esta falta de conhecimento só veio reforçar mais a ideia que estes alunos tinham muitas dificuldades de aprendizagem muito devido a falta de empenho.

No segundo período, voltei a dar aulas ao 7.ºano trabalhando com eles o texto de Manuel da Fonseca, *Mestre Finezas*. Antes de iniciar com eles o estudo do texto, aproveitei o facto de realizarem uma ficha biobibliográfica do autor para mostrar que a língua portuguesa também tem raízes na Língua Grega, insistindo no facto de não se tratar da Língua Grega moderna, mas sim a clássica, através do significado dos radicais bio-, biblio- e graf-. Apesar de não estar relacionado diretamente com o tema do meu relatório que foca a presença da Língua Latina, um professor de Língua Portuguesa não

pode esquecer a origem helénica da nossa Língua. Feito este pequeno aparte, voltei aos prefixos de origem Latina e, tendo em conta que já tinha passado algum tempo desde a nossa última aula, pedi aos alunos que sistematizassem brevemente os prefixos que tínhamos trabalhado. Depois, iniciamos então a leitura do texto, onde surgiram novos prefixos como des-, en- e re- e onde estava presente um prefixo já trabalhado o in-.

O trabalho realizado com estes prefixos foi o mesmo que tinha vindo a ser feito com os anteriores, ou seja partir sempre do conhecimento implícito do aluno. O papel que desempenhei foi o de condutor, no sentido em que ouvia o que os alunos diziam e depois encaminhava os para as respostas certas, porque sou da opinião que o aluno tem de pensar por si próprio para que possa desenvolver competências suficientes que o possam ajudar em alturas em que não estiver ninguém perto dele para o auxiliar, como é o caso nos exames nacionais.

Assim sendo, a aprendizagem partia sempre da palavra original, por exemplo ‘desencantada’, o aluno separava o prefixo do segundo elemento de composição da palavra e atribuía um significado a este último, caso desconhecesse o significado tinha de intervir para orientar o aluno. Sabido o significado da palavra o aluno tentava então perceber qual era a ideia que o prefixo queria transmitir, este exercício era, geralmente, realizado com sucesso. Para que o exercício fosse realizado com sucesso, deixava o aluno exprimir-se a vontade sem dar importância a forma como se estava exprimir, assim sentia-se mais confortável para responder. Depois de dar a sua resposta, retomava a definição dada pelo aluno e transmitia a turma, através da escrita no quadro, um significado expresso de forma mais coerente para que todos pudessem entender.

Para terminar, na última aula que dei, no dia 2 de abril, aproveitei que se tratava de uma aula de quarenta e cinco minutos para sistematizar com os alunos os conhecimentos que tinham adquirido sobre a formação de palavras por prefixação. Para determinar se os conhecimentos tinham sido adquiridos apropriadamente distribui uma ficha de exercícios à turma (cf. Anexo 9). Após recolher as fichas e tê-las analisado, percebi que muitos alunos não responderam para lá da primeira questão. Optei por voltar a escola e perguntei-lhes porque razão não tinham realizado a ficha por inteiro, ao qual responderam que era demasiado extensa. Perante a resposta dos alunos, elaborei uma ficha mais curta (cf. Anexo 6) que distribuí numa aula extra cedida pela orientadora. Todos os alunos responderam a ficha. Constatei de forma geral que houve um progresso muito significativo dos alunos, porque no início do ano mal conseguiam



identificar os prefixos e no final já conseguiam identifica-los e atribuir um significado a cada um sem a ajuda da professora.

O primeiro exercício da ficha consiste em observar; identificar o prefixo presente em cada palavra e escrever a ideia que cada um transmite. No exercício é visível o prefixo dis- que apesar de não ter surgido em nenhum texto, foi trabalhado nas aulas mostrando que pode ser sinónimo de in-.

Após analisar a resposta dos alunos, dos vinte alunos apenas dezassete alunos estavam presentes no dia da realização da ficha, pude concluir que dos dezassete alunos doze responderam na totalidade a questão e destes doze apenas três responderam corretamente ao que era pedido; os restantes nove alunos ou não responderam de forma adequada em alguns pontos (confusão no significado) ou não perceberam o que era pretendido no exercício ou não realizaram o exercício (um aluno).

A ficha é constituída por três exercícios, como o primeiro já foi abordado, passarei então aos resultados dos dois últimos. Assim sendo, o segundo exercício consistia em observar as informações que tinham numa tabela e acrescentar um prefixo a cada palavra presente na mesma tabela. De dezassete alunos apenas um realizou o exercício com sucesso, os restantes realizaram o exercício mas não conseguiram responder ou acertar no prefixo. Dos dezasseis alunos restantes, quatro erraram na palavra semelhante onde acrescentaram o prefixo des- quando se pretendia que acrescentassem o prefixo dis-. Dois alunos não preencheram a coluna respetiva ao semelhante. Dois outros alunos nem sequer responderam ao que era pedido e os restantes oito para além de confundirem igualmente o prefixo dis- com o des-, enganaram-se noutros prefixos. Mas o que mais se destacou neste exercício foi a dificuldade que os alunos encontraram na identificação do prefixo dis- o que revela uma fragilidade no conhecimento adquirido pelos alunos.

Por último o terceiro exercício consistia na criação de uma palavra, para cada prefixo presente na ficha e a explicitação do seu significado. Nenhum aluno realizou o exercício na sua totalidade. Depois tenho a destacar aqueles que realizaram metade do exercício, ou seja, apenas criaram as palavras, outros criaram palavras e atribuíram significados mas não relativamente a todos os prefixos e, por fim, outros nem sequer realizaram o exercício. A falta de respostas a este exercício pode dever-se a duas razões: a primeira, a falta de imaginação dos alunos e a segunda, a falta de vontade dos alunos. Porém, mesmo havendo uma certa resistência dos alunos, posso concluir que de uma forma geral assimilaram os conhecimentos transmitidos ao longo do ano, mas que ainda há

muito trabalho a realizar para que estes conhecimentos se tornem proveitosos a longo prazo.

#### **IV.2.2. As aulas de Português no 9.º ano**

##### **IV.2.2.1. Caracterização da turma**

O 9.º C ano era constituído por uma turma mista de aproximadamente vinte e três alunos. Ao contrário do que acontecia no 7.º ano, no 9.º C ano não havia casos graves de indisciplina, mas os alunos não deixavam de ser menos desleixados no seu estudo. Os fatores desagradáveis que mais se destacavam eram as conversas paralelas constantes e, por vezes, algum desinteresse na realização de tarefas como a resolução de um exercício ou a interpretação de um texto. Porém, os transtornos que ocorriam não eram muito penalizadores para a turma porque à mínima interpelação das professoras os alunos alteravam o seu comportamento e a aula podia prosseguir sem percalços.

Apesar de os alunos mostrarem alguma resistência na realização de tarefas, nunca deixaram de colaborar com as professoras estagiárias e sempre tentaram estar atentos aos conteúdos que lhes eram ensinados.

##### **IV. 2.2.2. Método de trabalho**

À semelhança do que aconteceu com o 7.º ano, também iniciei o meu trabalho com o 9.º ano em outubro, observando a minha orientadora durante as suas aulas e assistindo às reuniões de estágio. Porém, a minha primeira aula foi dada apenas em janeiro devido à escolha dos temas dos relatórios de estágio.

A escolha dos textos foi pensada de acordo com as necessidades das professoras estagiárias e tendo em conta a calendarização, assim sendo, eu iniciei a minha prática profissional no 9.º ano com o estudo de uma passagem do *Auto da Barca do Inferno* - O Onzeneiro (cf. Anexo 10). Para trabalhar esta passagem da obra de Gil Vicente, foram-me atribuídas duas aulas de noventa minutos cada uma. Como o Onzeneiro não era das personagens mais interessantes presentes na obra, tive, durante a preparação das minhas aulas e durante as próprias aulas, de pensar numa forma de entusiasmar os alunos. Optei por iniciar as aulas com uma definição da palavra *onzeneiro*, o que permitiu sensibilizar os alunos para a origem latina da língua portuguesa. Convém, contudo, realçar o facto

de que apesar de haver sempre que possível uma sensibilização da presença do latim na língua portuguesa, não tive a oportunidade de aprofundar o assunto com os alunos durante estas aulas sobre o *Auto da Barca do Inferno*. Porém, fui explicando aos alunos o porquê de certos vocábulos terem determinada grafia mostrando-lhes que a Língua Portuguesa, assim como todas as línguas românicas evoluíram do latim.

Para além de querer motivar os alunos com uma perspetiva histórica da língua, também procurei entusiasamá-los com quadros e artigos alusivos ao tema do Onzeneiro, inclusive apresentei-lhes uma crónica de Ricardo Araújo Pereira, que tinham no manual de Português *Plural 9* (cf. Anexo 11), onde o humorista faz uma sátira da crise económica. Com este artigo queria que os alunos percebessem a intemporalidade da obra de Gil Vicente, nomeadamente da figura do Onzeneiro.

Para que as aulas fossem mais fluídas optei sempre por intercalar os vários domínios quer fossem culturais ou gramaticais.

Este método de entrelaçamento de conteúdos foi sempre utilizado com o 9.º ano, tanto durante a leção das aulas sobre o Onzeneiro como mais tarde em março no decorrer das aulas sobre a passagem do Consílio dos deuses d'Os Lusíadas (cf. Anexo 12).

Relativamente ao episódio do Consílio dos deuses a sua escolha foi pensada em comunhão com o relatório de estágio. O facto de o Consílio dos deuses retratar várias figuras mitológicas greco-latinas e a própria sintaxe do texto foram elementos fulcrais para a minha decisão.

O método que utilizei para a leção do episódio que foi repartido por três aulas, duas de noventa minutos e uma de quarenta e cinco consistiu na realização de fichas de avaliação de conhecimentos, de leituras de textos de autores portugueses que se inspiraram nos clássicos.

Durante a preparação das aulas, tanto as relativas ao estudo da obra de Gil Vicente com às do episódio do consílio dos deuses, tive sempre em atenção o vocabulário que, por ser um vocabulário erudito, poderia causar algumas dificuldades aos alunos. Para além do vocabulário, preocupei-me igualmente com a questão da sintaxe à qual prestei particular atenção durante o estudo do episódio do consílio dos deuses, por ter mais tempo para me dedicar a ela. O método utilizado durante as aulas para a exploração gramatical foi a curiosidade dos alunos em querer saber mais sobre a forma “estranha” como escrevia Camões, e através das questões que os alunos foram colocando pude

explicar-lhes que o autor escreveu os Lusíadas inspirando-se em autores clássicos e assim explorar de forma superficial alguns latinismos presentes no episódio.

O método que principalmente utilizei durante a lecionação das minhas aulas foi o de partir sempre do conhecimento e da curiosidade dos alunos, porque conhecendo a turma sabia que se lhes deitasse a matéria de forma mecanizada iam perder o interesse, o que não podia acontecer, por isso deixei-os explorar o texto e colocarem as questões que quisessem e o que pude observar foi que com este método os alunos, apesar de alguma resistência, iam desenvolvendo algum interesse pela cultura clássica.

Como foi dito, optei sempre pelo entrelaçamento de conteúdos, o que torna, na minha opinião, as aulas mais fluídas e menos maçadoras tanto para os alunos como para o professor. Contudo, não descuidei da prática e os alunos realizaram tanto quanto possível exercícios acerca dos conteúdos gramaticais que foram surgindo ao longo da análise do texto.

Por último, distribuí uma ficha de conhecimentos para fazer um balanço de alguns conhecimentos que os alunos adquiriram durante as aulas.

De forma geral os métodos escolhidos para trabalhar a Língua Portuguesa com esta turma de 9.º ano foram bastante positivos.

#### **IV. 2.2.3. Materiais utilizados durante as aulas.**

Em janeiro (cf. Anexo 13) iniciei a minha prática docente no 9.ºano com o estudo da passagem do Onzeneiro extraído da obra de Gil Vicente – *O Auto da barca do inferno*. Para iniciar as minhas aulas e a leitura do texto, apresentei em formato word a imagem do tio patinhas, pedi aos alunos que observassem a imagem e que me dissessem porque a tinham escolhido. Estabeleceram o paralelismo entre o Onzeneiro e o tio patinhas, o que suscitou uma discussão sobre a atualidade da personagem de Gil Vicente. Feita a introdução do texto, os alunos ouviram o texto através de uma gravação presente no C.D presente no manual de português Plural 9 onde também se encontra o texto escrito que foram lendo silenciosamente acompanhando a audição.

No final da audição da gravação, os alunos leram o texto em voz alta e foram apontando no caderno os vocábulos que lhes suscitavam dúvidas, para que eu pudesse ajudá-los a compreender melhor o texto; também responderam ao questionário de leitura que lhes distribuí para perceber se tinham compreendido o texto. (cf. Anexo 12)

Ao longo do estudo do texto fui propondo aos alunos a realização de exercícios gramaticais que distribuí. Com a realização destes exercícios puderam lembrar aspetos da gramática que já tinham estudado em anos anteriores como a frase positiva e negativa, a colocação do pronome e os tempos verbais. Todos os exercícios foram corrigidos no quadro para que todos pudessem usufruir de uma boa correção e pudessem expor as suas dúvidas.

Relativamente ao texto, fui lembrando alguns aspetos da evolução da língua que tinham estudado em aulas anteriores com a professora Joana. Nestas aulas não tive oportunidade de explorar aprofundadamente a questão da presença do latim no português, mas não deixei de fazer algumas referências ao assunto quando o momento era oportuno. Quando introduzi o estudo do texto uma das perguntas que coloquei aos alunos foi a seguinte: Sabem o que significa a palavra *onzeneiro*? Após ouvir as respostas dos alunos, que foram afirmativas, aproveitei para fazer a exploração etimológica da palavra mostrando –lhes que -eiro é um sufixo de origem latina que pode significar *aquele que faz ou pratica*, ou seja neste caso seria aquele que faz a onzena. A partir desta palavra os alunos entusiasmaram-se e começaram a expor outros vocábulos terminados em -eiro, como barbeiro, sapateiro...

Para além de exercícios gramaticais, os alunos realizaram exercícios de comparação com a leitura do texto *Esperança* gramatical extraído da crónica *Boca do inferno* da autoria de Ricardo Araújo Pereira, onde puderam estabelecer inúmeras comparações com a passagem do *Onzeneiro* de Gil Vicente; e com a observação da pintura de Jerónimo Bosh intitulada *A morte do Avaro*. Ambos os exercícios de comparação foram realizados por escrito pelos alunos nos seus cadernos e depois oralmente expostos à turma.

O texto de Ricardo Araújo Pereira permitiu-me fazer com os alunos a revisão dos verbos defectivos.

O caderno foi um dos materiais mais utilizados pelos alunos, onde puderam responder às várias atividades que fui propondo desde os exercícios já referidos anteriormente como a realização de uma notícia sensacionalista.

No decorrer das aulas sobre o Consílio dos deuses extraído de *Os Lusíadas*, recorri à maior parte do material já referido acima, a saber o quadro, o caderno do aluno, fichas de exercícios e textos.

Em março (cf. Anexo 14), voltei a lecionar português no 9.º ano com o estudo do episódio do Consílio dos deuses extraído da obra *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Tendo em conta que tive mais tempo para preparar estas aulas, aproveitei para trabalhar com os alunos alguns aspetos que iriam contribuir para a realização do presente relatório de estágio e, para tal preparei várias atividades.

A primeira aula iniciou-se com a distribuição de uma ficha de diagnóstico para perceber quais eram os conhecimentos gerais dos alunos acerca da mitologia (cf. Anexo 15). A ficha foi corrigida oralmente e percebi que os alunos não tinham uma definição clara de mitologia associando-a à mentira, quando o correto seria associá-la à história dos deuses e dos heróis, por exemplo, os alunos, apesar de terem estudado a *Odisseia* no 7.º ano, não sabiam explicar quem era Ulisses. Percebi, então, que os alunos tinham poucos conhecimentos acerca da cultura clássica. Perante as dificuldades dos alunos percebi que a realização da ficha tinha sido benéfica pois permitiu o esclarecimento de várias dúvidas e introduzir de forma mais clara o texto que iam trabalhar nas próximas aulas. A realização desta ficha de diagnóstico também foi uma forma de introduzir a temática da presença da cultura clássica em obras de autores portugueses como Camões, mostrando aos alunos que o autor d'Os Lusíadas buscou a sua inspiração em obras de autores Clássicos e como é fundamental termos alguns conhecimentos sobre cultura clássica para podermos entender certos aspetos da literatura portuguesa.

Tal como foi feito com a passagem do Onzeneiro, optei em primeiro lugar pela audição do texto e depois pela leitura em voz alta pelos alunos. Sendo o episódio bastante extenso e tendo em consideração a dificuldade do texto, decidi dividir a sua análise em dois tempos, na aula do dia dez de março trabalhei com os alunos o episódio à partir da primeira estrofe até a trigésima estrofe e na aula do dia onze continuei com a análise que terminei no dia doze. Esta divisão do texto permitiu-me introduzir algumas atividades que não só contribuíram para a minha investigação para este relatório como também permitiram aos alunos algum descanso, evitando assim que se desinteressassem pelo texto.

As atividades consistiram na realização de exercícios gramaticais que os alunos tinham nos seus manuais na página 198 (cf. Anexo 16). A realização destes exercícios permitiu sensibilizá-los para as raízes latinas da língua portuguesa e mostrar-lhes de que forma Camões se inspirou na literatura clássica para compor a sua obra, explicando aos alunos, de forma geral, que o autor recorre a latinismos, mostrando-lhes através de exemplos, retirados do texto, alguns desses latinismos.

Para além de exercícios gramaticais, os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer novos vocábulos ao longo da análise do texto. Através da recolha de

vocabulário desconhecido, os alunos tiveram mais uma vez contacto com a presença do latim na língua portuguesa, mas não aprofundarei este assunto por ser abordado com mais pormenor no próximo subcapítulo.

Os alunos também realizaram trabalhos escritos como a redação de uma convocatória e a elaboração da ata do consílio. Para além destas tarefas, os alunos ainda tiveram a oportunidade de contactar com alguns extratos da *Eneida* de Vergílio. (cf. Anexo 17)

A leitura das passagens da *Eneida* tinham como objetivo permitir aos alunos estabelecerem uma comparação entre Vénus e Baco do Consílio dos deuses e Juno e Vénus da *Eneida*. Contudo, apesar dos alunos terem sido bastante recetivos ao exercício, a tarefa revelou-se negativa por erro meu, pois não antecipei no momento da elaboração do meu plano de aula que a leitura da *Eneida*, apesar de ser em prosa, revelar-se-ia complexa para os alunos que me questionaram várias vezes acerca do vocabulário, o que fez com que perdessem muito tempo a entender o sentido do texto. Porém, após perceber que não tinha tomado a melhor decisão, decidi ler os excertos e resumir por palavras minhas a história, o que facilitou bastante a realização do exercício porque perceberam de imediato as semelhanças e as diferenças entre as personagens. Contudo, tenho de realçar o facto de que esta atividade revelou as minhas fraquezas enquanto Professora, porque como me chamaram a atenção e com razão “não é o que se pretende de um bom professor”, o que se pretende é envolver o aluno no exercício e dar-lhe ferramentas para que possa chegar às suas conclusões, o que de facto não fiz.

Pretendi, com a realização da atividade, mostrar aos alunos que a história de Vasco da Gama aproxima-se muito da história de Eneias o que prova que a nossa literatura também tem uma forte presença do latim e da sua cultura, revelando assim a importância que esta língua clássica tem no panorama cultural português. E, para provar aos alunos que esta presença clássica na literatura portuguesa não era apenas algo do século XVI, distribuí-lhes uma ficha com dois excertos, um primeiro retirado da obra *Retrato de Vénus* da autoria de Almeida Garrett e um segundo, excertos do poema *Ode a Baco* de Miguel Torga, onde pretendi que os alunos identificassem a presença da cultura romana e as figuras mitológicas descritas em cada excerto, para dificultar o trabalho dos alunos, omiti o título das obras. (cf. Anexo 18)

Em suma, a escolha dos materiais e o uso deles durante as aulas revelou-se na maior parte das vezes positiva, os alunos foram bastante recetivos e compreensivos, principalmente na realização das fichas.

#### IV.2.2.4. A presença da cultura romana na literatura portuguesa: *O Consílio dos deuses*, canto I d'*Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões.

Ao abrimos *Os Lusíadas* reparamos de imediato na influência dos grandes autores clássicos através de aspetos como uma sintaxe latinizante, onde a ordem sujeito-predicado é praticamente inexistente, à semelhança do que acontece na língua latina que não têm uma ordem sintática definida e que permite um maior manuseamento da língua em prol da arte da escrita. Porém, quando obras como *Os Lusíadas* são lidas por estudantes do 9.º ano de escolaridade, que ainda não têm maturidade cultural suficiente, as dificuldades de compreensão saltam à vista, e torna-se necessária a ajuda do professor para tornar mais fluída a leitura do texto. Eu própria encontrei estas dificuldades na turma quando pedi aos alunos que lessem em voz alta o episódio do Consílio dos deuses após a sua audição. Por isso perguntei aos alunos qual era o motivo que tinham para justificar a sua má leitura, ao que responderam que não entendiam o texto. Decidi então exercitar com eles estrofe à estrofe a fim de resolver as suas dúvidas. Expliquei aos alunos que Camões, por ter-se inspirado nos Clássicos, recorre a alguns latinismos. Expliquei aos alunos o significado da palavra *latinismo*. Depois os alunos resolveram o exercício dois da página 198 do manual (cf. Anexo 16), de forma geral o exercício foi bem-sucedido. Com a realização deste exercício expliquei aos alunos que a língua latina não tinha uma ordem sintática fixa (sujeito-predicado) e que Camões inspirando-se na escrita clássica também não respeita a ordem portuguesa sujeito-predicado, exemplifiquei com outros exemplos, sempre retirados do texto, como: “estas palavras Júpiter dizia” (est.30, v.1) ou “Pelo caminho Lácteo glorioso, / Logo cada um dos Deuses partiu” (est.41, vv. 5-6) que feita a transformação para a forma sujeito-predicado davam respetivamente: “Júpiter dizia estas palavras” (est.30, v.1) e “Cada um dos Deuses partiu logo pelo glorioso caminho Lácteo” (est.41, vv.5-6). Após realizarem estes exercícios os alunos começaram a entender de forma mais clara o sentido do texto, mas a presença de vocabulário erudito e a construção latina das orações continuavam a perturbar a compreensão dos alunos, o que me obrigou a exercitar com eles estes aspetos lexical e sintático do texto. Todavia, com esta exercitação, os alunos perceberam como se justifica ter alguns conhecimentos da língua e da cultura latina.

No que diz respeito ao vocabulário, os alunos encontraram dificuldades em palavras como estelífero, “dino ou deia”, mas o manual trazia os seus significados em nota de



rodapé, contudo, aproveitei as dúvidas dos alunos para lhes mostrar a evolução da palavra estelífero, para sensibilizá-los mais uma vez para a raiz latina da língua Portuguesa.

Relativamente à sintaxe, os alunos depararam-se com uma construção utilizada num registo culto proveniente do latim - qual...tal, que num português corrente seria tal...tal. Expliquei de forma generalizada que em latim recorria-se à forma ‘qualis...talis’ porque não sendo alunos de latim uma explicação mais complexa traria ainda mais dúvidas. Ao lerem no quadro a construção *qualis...talis* os alunos não tiveram dificuldades em perceber que se trata da forma qual...tal presente na estrofe 35 “Qual Austro fero ou Bóreas, na espessura, / [...] Tal andava o tumulto, levantado”. Expliquei aos alunos que podiam substituir a expressão latina *qual...tal* por uma mais corrente *tal...tal*. Não aprofundei mais com os alunos para não confundi-los, mas poderia ter ido mais longe mostrando-lhes outras expressões latinas que poderiam encontrar em obras de autores portugueses como *quantum...tantum* ou em português *quanto...tanto* como encontramos em frases como esta: “quanto maior é a desgraça, tanto mais firme é a atitude do estoico”.

Para além da presença do latim através da linguística, também aproveitei a riqueza do texto em mitologia para inicia-los à cultura clássica, mostrando-lhes no quadro imagens dos deuses e fazendo uma caracterização de cada um. Os alunos reagiram bem aos conteúdos e começaram a colocar questões sobre a história dos deuses revelando, assim, a sua curiosidade. A propósito das figuras mitológicas, aproveitei a presença da figura mitológica Mercúrio (deus do comércio, dos poetas e da eloquência) no texto para mostrar aos alunos a origem da palavra mercado que provém da palavra latina *merx* que significa mercadoria e, que originou palavras como mercado.

Para além do que já foi referido, também expliquei aos alunos que a vasta adjetivação e o recurso à perífrase eram frequentes na literatura latina e, por isso, temos bastantes adjetivos e perífrases n’Os Lusíadas.

Se o tempo o permitisse poderia ter aprofundado mais um pouco alguns assuntos trabalhados em sala de aula, mas a calendarização e a aproximação dos exames intermédios não o permitiram. Contudo, penso ter conseguido transmitir aos alunos que a língua e a cultura latina não são elementos que caíram em desuso, mas que foram sendo reaproveitadas ao longo dos séculos e ainda hoje temos no nosso dia-à-dia a presença deles quer na própria língua Portuguesa quer na cultura ocidental.

#### IV.2.3. As aulas de Latim A no 11ºano. (segundo ano da disciplina)

##### IV.2.3.1. Caracterização da turma.

A turma de Latim A era constituída por sete alunos, quatro raparigas e três rapazes. Ao contrário do que acontecia nas aulas de português, esta turma tinha um comportamento exemplar nunca houve casos de indisciplina. No entanto, no que diz respeito ao estudo a turma era dividida, havia dois alunos muito bons, três médios e dois muito fracos. Contudo, os alunos mais fracos da turma tentavam sempre melhorar e tinham gosto pela disciplina.

##### IV.2.3.2. Método de trabalho.

Em janeiro (cf. Anexo 19) dei a minha primeira aula avaliada de latim, mas antes, em finais de outubro, tinha lecionado uma aula zero como forma de adaptação à turma e à forma como deve ser lecionada a disciplina.

A escolha dos textos foi pensada segundo a calendarização das regências e as aulas eram divididas em três blocos de noventa minutos cada um, à exceção da última aula, que foi constituída apenas por um bloco de noventa minutos.

Para as minhas primeiras aulas de janeiro coube-me preparar um excerto da obra *Ab Vrb Condita II* de Tito Lívio (cf. Anexo 20).

Em fevereiro (cf. Anexo 21) voltei a lecionar latim com um texto de Cícero, extraído da obra *De Legibus* que tinha como título no manual dos alunos *Cícero explica a origem e finalidades das leis* (cf. Anexo 22).

Em março (cf. Anexo 23) dediquei as minhas aulas ao estudo do texto *C. Plinius Calvisio suo S.* de Plínio, o Moço, extraído da obra *Epistulae*, IX, 6 (cf. Anexo 24).

Em maio (cf. Anexo 25) lecionei a minha última aula com um texto de Tito Lívio, extraído da obra *Ab Vrb Condita*, XXI, que o manual escolar intitulou *O retrato de Aníbal* (cf. Anexo 26).

O método de trabalho era bastante comum a todas as aulas. Iniciava sempre as unidades com uma motivação, que podia ser a apresentação de uma imagem ou do excerto de um filme ou de um documentário. Estas motivações eram sempre pensadas consoante o tema da unidade que iria ser lecionada, com o objetivo de suscitar curiosidade nos alunos.

Relativamente ao desenrolar das aulas optei sempre pela minha leitura do texto e por questões de compreensão após uma leitura silenciosa o aluno. Estas questões eram respondidas oralmente e permitiam ao aluno uma primeira abordagem ao texto, que lhe seria útil para a sua análise e tradução.

Durante a análise do texto todos os conteúdos (gramaticais, etimológicos e culturais) eram lecionados de forma intercalada, para criar aulas harmoniosas e interessantes. No que diz respeito aos conteúdos gramaticais, era dada uma explicação da matéria através de exemplificações criadas por mim ou retiradas do manual. Após a exploração das regras com os alunos, estes tinham de resolver exercícios que seriam posteriormente corrigidos no quadro.

Relativamente aos conteúdos culturais e etimológicos, optei por intercalar com a análise do texto a apresentação de imagens, vídeos ou objetos que permitiam ilustrar os diversos conteúdos culturais que iam surgindo, e apresentei no quadro algumas palavras portuguesas formadas a partir de palavras latinas que apareciam nos textos estudados ao longo das aulas. Os alunos participavam ativamente durante estas atividades construindo palavras portuguesas formadas a partir de prefixos latinos.

Sendo uma turma de latim não precisava de os sensibilizar para a presença do latim na língua portuguesa porque já tinham consciência disso, mas, com a realização de tarefas sobre etimologia e cultura, os alunos perceberam, na prática, de que forma o latim contribuiu e contribui na formação da nossa língua e de outras línguas românicas como o francês. De facto, os exemplos dados durante as explorações etimológicas não se restringiam apenas à Língua Portuguesa, mas alargavam-se a outros idiomas como o Francês, o Inglês ou o Castelhana, para que os alunos entendessem que o latim não está presente apenas na Língua Portuguesa.

Quando eram apropriadas, fazia algumas referências literárias, consoante os temas dos textos, mostrando-lhes a constante presença da cultura latina na cultura ocidental.

No final de cada unidade, era realizada, quando o tempo o permitia, uma atividade mais recreativa, sempre com carácter lúdico, sobre o tema cultural do texto. Esta atividade permitia aos alunos descontraírem um pouco após uma análise de texto exaustiva e, ao mesmo tempo, relembrares conteúdos do texto.

#### IV.2.3.3. Materiais utilizados durante as aulas

Tendo em conta o tema do presente relatório e o facto de se tratar de um turma de latim, posso afirmar que podia escrever aqui sobre todas as aulas detalhadamente, porque todas foram realizadas de forma a criar um paralelismo entre a cultura romana e a cultura portuguesa. No entanto, optei por restringir o meu estudo para a realização deste relatório em dois campos: o campo lexical, com a formação de palavras latinas e portuguesas a partir de alguns prefixos que irei abordar mais abaixo, e o campo literário, com a leitura comparativa da ode *Carpe Diem* de Horácio e a ode “Não queiras, Lídia, edificar no spaço” de Ricardo Reis (cf. Anexo 27).

Durante a realização das aulas procurei diversificar os materiais para dinamizar a aprendizagem dos alunos. Passarei então a identificar os materiais que foram utilizados para cada subunidade.

Em janeiro, mais precisamente no dia 22, iniciei a minha prática de ensino supervisionada com a leção da subunidade *A Plebe luta pela igualdade de direitos*, retirada da unidade 2, intitulada *A organização social. De romanae societatis classibus*.

A leção da subunidade repartiu-se por três aulas de noventa minutos cada uma. Iniciei a minha primeira aula com a apresentação de imagens referentes a plebeus e patrícios, para que os alunos pudessem identificá-los e terem uma antevisão do tema do texto. Após a apresentação do texto, li-o em voz alta e comecei com os alunos a sua análise morfosintática. Ao longo da análise do texto recorri diversas vezes ao quadro para apresentações gramaticais ou etimológicas, porque sempre achei que a visualização das matérias por escrito no quadro eram mais benéficas para os alunos do que apenas explicações orais.

Também fui apresentando outras imagens ao longo do estudo do texto, como a representação de um senado e de um cônsul. A visualização das imagens permitia tornar o texto interativo, o que permitia criar um maior interesse nos alunos.

Relativamente aos conteúdos etimológicos trabalhei com os alunos palavras portuguesas que têm a sua origem em palavras latinas como:

- Demissão e demitido que encontram a sua origem no verbo *dimittere*.
- Senador, senado e senatriz que provêm da palavra *senatus, us*.
- Ascensão, ascendência e ascensor que chegaram até nós através do verbo latino *ascendere*. Relativamente ao verbo *ascendere*, também fiz referência ao facto de que ainda hoje temos a palavra latina *ascendi*, relativa às autoestradas.

Para além de conteúdos etimológicos, também fui trabalhando com os alunos conteúdos gramaticais, mais precisamente as orações temporais-causais e o ablativo absoluto, assim como a revisão das orações infinitivas. Para tal recorri ao manual escolar onde tinham algumas regras e alguns exemplos importantes para a compreensão das matérias, contudo os exercícios foram elaborados por mim. Todos os exercícios eram primeiramente realizados pelos alunos nos seus respetivos cadernos e depois corrigidos no quadro.

Os alunos foram enriquecendo o seu vocabulário com o surgimento de novos vocábulos e com a tradução do texto.

No dia 24 de janeiro, terminada a análise do texto, os alunos foram convidados a participarem num debate a partir da frase “ A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes”, retirada da obra *Manifesto do partido comunista* da autoria de Karl Marx e Friedrich Engels. Este debate teve não só como objetivo encerrar a análise do texto como mostrar aos alunos a atualidade da cultura romana mesmo no que diz respeito a acontecimentos socio-políticos.

Nestas primeiras aulas não elaborei nenhum material específico para o meu relatório, limitei-me a despertar alguma curiosidade nos alunos relativamente à importância que a língua e a cultura latina têm na nossa cultura.

Nos dias onze, doze e catorze de fevereiro voltei a lecionar latim com o estudo do texto “*Cícero explica a origem e finalidades das leis*”, extraído da obra *De Legibus* da autoria de Cícero, presente no manual dos alunos.

Iniciei o estudo do texto com o visionamento de um breve documentário sobre o direito romano. Relembrei com os alunos algumas questões culturais que já tinham sido abordadas anteriormente a saber a importância da luta dos plebeus pela igualdade de direitos. O relembrar de matérias anteriores permitiu-me estabelecer uma conexão com o tema da nova subunidade – o direito romano, e explorar com os alunos as diferentes fases do direito romano. Para tal, recorri ao manual e pedi aos alunos para lerem, a vez, em voz alta passagens do texto referente ao direito romano.

Tal como tinha feito nas aulas anteriores, a análise do texto foi feita pelos alunos com a minha ajuda, intercalando questões gramaticais, culturais e etimológicas. No que concerne a gramática trabalhei com os alunos a linguagem perifrástica ativa e passiva, assim como a concordância entre o adjetivo e os seus complementos. Para tratar com os alunos estes conteúdos gramaticais recorri ao uso do manual e de fichas de exercícios, que foram corrigidos no quadro.

Como o texto não tinha muito conteúdo cultural, limitei-me apenas a relembrar com eles as passagens do texto que tínhamos lido na primeira aula e estabelecer algumas ligações com o Direito atual.

Nos dias onze, doze e catorze de março dediquei o meu tempo a leção do texto *C. Plinius Calvisio Suo.S*, extraído de *Epistulae*, IX, 6 da autoria de Plínio, o Moço. Este texto surgiu pelo facto de me ter cabido lecionar sobre os jogos do circo.

Como o tema da carta de Plínio, o Moço, abordava as corridas de carros – quadrigas, optei por motivar os alunos com a apresentação de uma passagem do filme animado *Astérix e Obélix nos jogos olímpicos*. A passagem em questão dizia respeito à corrida de quadrigas.

Ao longo da análise do texto fui mostrando imagens relativas aos jogos do circo como o Circo Máximo, explicando aos alunos a utilidade dos seus constituintes.

Também mostrei aos alunos uma tabuinha e um estilete de ferro com os quais os romanos escreviam.

Relativamente aos conteúdos gramaticais fiz algumas revisões com os alunos, nomeadamente a revisão dos graus dos adjetivos e da transformação da voz ativa na voz passiva. À semelhança do que já tinha ocorrido em aulas anteriores, recorri ao uso do manual e de fichas de exercícios.

Para a minha última aula de apenas noventa minutos coube-me trabalhar com os alunos a primeira parte do texto *O retrato de Aníbal* extraído da obra *Ab Vrbe Condita*, XXI da autoria de Tito Lívio. A realização desta última aula foi feita em conjunto com outra colega de estágio que trabalhou a segunda parte do texto com os alunos.

Os materiais utilizados nesta aula foram ao encontro dos que já tinha utilizado anteriormente como o manual de latim, o quadro e apresentações em power point de imagens.

Lecionei a minha última aula dia vinte de maio e iniciei a análise do texto com a apresentação de uma imagem com a efígie de Aníbal. Na aula anterior, lecionada por uma colega, tinha pedido aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre Aníbal que apresentaram após a visualização da imagem. Feita a apresentação da personagem histórica do texto passámos então à leitura e à análise do texto.

Aproveitei para relembrar com os alunos o superlativo de superioridade e as expressões de fim.

Como era habitual, no final da análise do texto era feita uma tradução generalizada do texto.

Aproveitei quarenta e cinco minutos da aula para trabalhar com os alunos alguns aspetos que seriam úteis para o meu relatório, como a presença da cultura romana na literatura portuguesa, a realização de um inquérito sobre os benefícios do ensino do latim na aprendizagem da língua e da literatura portuguesa e a sistematização da formação de palavras por prefixação.

Resolvi omitir os materiais utilizados para a exploração etimológica por se tratar do domínio que mais interessa para este relatório de estágio. Como tal, passarei então a descrever de que forma trabalhei a etimologia com os alunos, mais precisamente a formação de palavras portuguesas com prefixos de origem latina.

Como pretendia aulas dinâmicas, não recorri ao uso de fichas, mas antes a observação direta para avaliar os conhecimentos dos alunos. A escolha pela observação direta, com esta turma, também se deveu ao facto dos alunos serem bastante participativos e interessados pelas matérias em questão.

Ao contrário do que acontecia com as turmas de 7.º e 9.º ano, os alunos de latim A já tinham uma ideia clara do impacto da cultura romana na cultura portuguesa, por isso nunca foi minha pretensão com estes alunos fazer um trabalho de sensibilização, mas sim um trabalho de campo, de posta em prática desta sensibilização. Ou seja, comprovar a presença e o contributo da língua latina na língua portuguesa e, para isso, fui recolhendo alguns vocábulos dos textos com os quais fui trabalhando a sua formação com os alunos e mostrando-lhes como, a partir dos prefixos que as constituem, podemos criar palavras portuguesas. Este trabalho de recolha foi sendo feito oralmente numa primeira fase e por escrito numa segunda. No subcapítulo seguinte poder-se-ão ler mais pormenorizadamente os prefixos que utilizei e de que forma os trabalhei com os alunos.

Como referi no subcapítulo referente ao método utilizado para a realização das aulas, todos os domínios gramaticais, culturais e etimológicos eram intercalados consoante iam surgindo ao longo do texto para criar dinamismo à própria análise evitando a desmoralização dos alunos. No entanto, por questões práticas, optei, na elaboração deste subcapítulo, abordar cada domínio separadamente.

#### IV.2.3.4. O contributo do latim na língua e cultura portuguesa.

##### a) A formação lexical por prefixação.

A formação lexical por prefixação foi trabalhada de forma mais aprofundada, ao contrário daquilo que tinha sido feito nas turmas de Ensino Básico.

Com os alunos de Latim A pude trabalhar palavras mais complexas e desenvolver atividades como a identificação dos prefixos em palavras latina, a atribuição de um significado a cada prefixo e a formação de palavras portuguesas a partir dos prefixos identificados.

O estudo da formação lexical por prefixação iniciou-se na aula do dia 14 de fevereiro com o estudo do prefixo *pro-* que estava presente na palavra *proponit*. Pedi aos alunos que traduzissem a palavra, respondendo que significa ‘propõe’. Com a resposta que me deram perguntei-lhes qual era o significado do verbo *proponere*, e eles responderam que significa ‘sugerir’. A resposta que os alunos deram estava correta, por isso passei ao exercício oral seguinte pedindo-lhes para me definirem o prefixo *pro-*. Os alunos, como já tinham trabalhado o prefixo com uma colega minha lembraram-se do significado e responderam que transmite a ideia de movimento para a frente ou estar a favor. Como tinham trabalhado este prefixo, decidi aproveitar o verbo *pôr* (*proponere* em latim) e pedi aos alunos que formassem palavras portuguesas onde encontramos o verbo *pôr*, à pergunta responderam *depor*, *supor*, *opor* e *expor*. O exercício seguinte consistiu em identificar os prefixos latinos e atribuir-lhes um significado. Os alunos conseguiram identificar os prefixos *de-*, *sub-*, *ob-* e *ex-*, mas apenas souberam atribuir um significado ao prefixo *sub-* dizendo que significa o que está de baixo/ numa posição inferior. Perante a dificuldade dos alunos em identificar os sentidos dos outros prefixos expliquei-lhes que o prefixo *de-* transmite a ideia de movimento de cima para baixo; o prefixo *ex-* significa movimento para fora ou estado anterior e o prefixo *ob-* transmite a ideia de diante de, em face de, contra (com ideia de hostilidade).

Após ter dado a definição de cada prefixo decidi não trabalhá-los mais porque tinha conhecimento que as minhas colegas também iriam trabalhar estes prefixos.

Posteriormente, na aula do dia onze de março abordei com os alunos o prefixo *trans-* que surgiu a propósito da palavra *transmissi*. Pedi aos alunos que identificassem o prefixo e que me dissessem qual seria a ideia que transmite. Apenas um aluno



conseguiu atribuir um sentido aproximado dizendo que significa a ideia de passar algo para outro lado.

Após a participação dos alunos, expliquei que o prefixo *trans-* tem os seguintes sentidos: através de, posição além de e mudança. Em seguida pedi a cada aluno para dizer uma palavra portuguesa formada com o prefixo em questão e identificar o sentido do prefixo na palavra. Obtive respostas como: transportar, cujo prefixo tem o sentido de mudança, e transmontano, onde o prefixo tem sentido de posição além de. Para além destas palavras, os alunos foram sugerindo outras demonstrando o seu interesse na matéria. Também fui sugerindo algumas como o verbo traduzir, e expliquei-lhes que este verbo vem do verbo latino *traducere* que é formado com o prefixo *trans-* mais o verbo *ducere*.

Expliquei igualmente aos alunos que o prefixo *trans-* também pode apresentar outras variantes: *tran-*, *tra-*, *tras-*, *tres-* e *tre-*.

Para além do prefixo *trans-*, também estudei com os alunos o prefixo *re-* na aula do dia catorze de março à propósito da formação da palavra latina *recordor* quando expliquei que o seu significado etimológico é trazer de novo ao coração porque temos o prefixo *re-* que significa repetição mais o radical *cord* formado a partir do substantivo latino *cor*, *cordis* que significa coração.

Aproveitei o radical *cord-* e pedi aos alunos que formassem palavras portuguesas com este, e obtive as seguintes respostas: acordar, discordar e concordar. Aproveitei as palavras que os alunos me deram e pedi-lhes que me dissessem o significado de cada palavra. As respostas que ouvi eram todas aceitáveis e, por isso, pedi-lhes então que me dissessem qual seria o sentido de cada prefixo. Relativamente ao prefixo *com-* os alunos não tiveram dificuldade e souberam identificar a ideia de junção/ colaboração, mas não conseguiram definir os prefixos *dis-* e *a-*, e, por isso, disse-lhes que o prefixo *dis-* transmite a ideia de separação, afastamento e negação, e que, por sua vez, o prefixo *a-* tem o sentido de proximidade, cerca de, junto a. Como percebi que os alunos estavam a gostar da matéria pedi-lhes que criassem palavras portuguesas formadas com os prefixos *dis-* e *a-*, atendendo ao meu pedido deram exemplos como dispensar, distrair, apertar e atrair.

Por fim, na segunda parte da minha última aula de latim lecionada no dia vinte de maio fiz uma sistematização da matéria sobre a formação lexical de palavras e perguntei aos alunos se achavam que o facto de saberem o significado dos prefixos permitia facilitar a compreensão de um vocábulo desconhecido; todos responderam que sim. De

facto, daquilo que pude observar, mesmo que se desconheça o significado de uma palavra, se soubermos qual é a ideia que o prefixo quer transmitir, conseguimos entender a ideia geral da palavra mesmo sem saber o seu significado específico, e isto, não só pode facilitar aos alunos a aprendizagem da Língua Portuguesa como também pode ser útil na aprendizagem de uma língua estrangeira de origem românica.

Dediquei as minhas aulas ao estudo da prefixação porque era uma matéria apreciada pelos alunos e porque o vocabulário presente nos textos permitiu-me trabalhar sobre o assunto. No entanto, na última aula que lecionei, aproveitei para lhes mostrar que o Latim não está presente no Português apenas através da língua, mas também através da literatura e, por isso, decidi pedir à minha colega, que tinha lecionado a aula anterior à minha, que lhes desse como trabalho de casa a leitura em paralelo da ode *Carpe Diem* de Horácio e dos poemas “ Não queiras, Lídia, edificar no espaço” e “ As rosas amo dos jardins de Adónis” de Ricardo Reis, que farão objeto do próximo subcapítulo.

**b) A presença da cultura romana na literatura portuguesa: a inspiração horaciana de Ricardo Reis.**

Quando pedi aos alunos que fizessem uma leitura dos textos de Horácio e de Ricardo Reis, pedi igualmente que escrevessem um texto, com um máximo de dez linhas, no qual me dissessem de que forma podemos afirmar que Ricardo Reis buscou a inspiração para a escrita dos seus poemas. Infelizmente, quando queria que me lessem os seus trabalhos percebi que apenas um aluno tinha feito o exercício. No entanto, mesmo esse aluno limitou-se apenas a mostrar a atualidade dos temas horacianos, não respondendo de acordo com aquilo que eu pretendia. Contudo, não desisti e aproveitei algum tempo que me sobrava para realizar a tarefa. Pedi então a um aluno que lesse os textos e no fim, pedi aos alunos que me respondessem à seguinte questão: após a leitura da ode de Horácio e dos poemas de Ricardo Reis de que forma podemos dizer que este último se inspirou na poesia horaciana?

Alguns alunos responderam que temos em Ricardo Reis a presença de Lídia, que também encontramos em Horácio. Também disseram que a estrutura e o conteúdo do poema de Ricardo Reis se aproximam muito da ode de Horácio pela sua estrutura e pelo tema que é cantado em ambos os autores – o tema da efemeridade da vida.

Com este exercício pretendi sensibilizar os alunos para a presença e constante renovação da cultura romana. Ela continua a fascinar e a inspirar movimentos culturais, como no cinema ou na literatura. Contudo, não nos podemos esquecer, e foi isso que pretendi transmitir aos meus alunos, que se quisermos preservar a cultura de um povo, também temos de preservar a sua língua, porque sem o conhecimento da língua torna-se difícil preservar a cultura.

Para concluir, no final da minha última aula de latim os alunos entregaram-me as respostas ao inquérito que lhes tinha pedido e as questões “ Achas que estes dois anos letivos de latim foram benéficos para a tua formação na língua e na cultura portuguesa? Se sim, em que aspetos notaste benefícios? Os alunos responderam de forma geral que a aprendizagem da língua latina é, efetivamente, benéfica para a aprendizagem da língua e da cultura portuguesa. “A esse nível, expande o nosso vocabulário através de analogias etimológicas; torna mais simples a compreensão da fonética, conferindo aos alunos de latim uma melhor pronúncia da sua própria língua”<sup>6</sup> “ Em termos literários, tive conhecimentos de muitas referências que antes me eram desconhecidas.”<sup>7</sup>

Estas respostas dos alunos revelam que entenderam que o latim continua bem presente na nossa língua e que a sua aprendizagem ajuda a compreender alguns aspetos linguísticos e culturais mais complexos.

---

<sup>6</sup> Citação extraída da resposta dada por uma aluna de latim do 11.ºano.

<sup>7</sup> Citação da resposta dada por um aluno de latim do 11.ºano

## **Reflexões finais**

Recordando o início da minha experiência como professora estagiária, penso ter evoluído ao longo do tempo.

Devo esta minha evolução à dedicação dos meus orientadores, que se encontraram semanalmente comigo. Durante as reuniões, os orientadores comentaram os lados positivos e negativos de cada aula e iam sugerindo estratégias para melhorar, nomeadamente a escolha das atividades, que nem sempre foi a mais correta, e que criou, por vezes, alguns contratempos indesejados que eu não soube contornar devidamente. Na verdade, sinto que, apesar das minhas dificuldades, fui melhorando durante o ano e devo essa melhoria ao apoio constante dado não só pelos orientadores da escola como também pelos orientadores da faculdade que, no final de cada aula assistida, fizeram sugestões e críticas que contribuíram para o meu progresso.

Este aspeto foi importante no meu percurso, pois contribuiu bastante para o meu crescimento como ‘aprendiz’ de professora. Em primeiro lugar, percebi que os alunos devem estar no centro numa sala de aula e que o professor deve saber encontrar respostas pedagógicas adequadas. A atenção dada aos alunos é fundamental para o sucesso escolar e para o alcançar é preciso ouvir o aluno e motivá-lo positivamente. Como pude observar, a motivação de um aluno não depende apenas dos conteúdos que são lecionados, mas também da forma como são tratados. Uma simples saudação inicial ou o facto de mostrar que o professor está interessado em conhecer as razões de uma ausência ou da falta de estudo basta para animar os alunos. Porém, acima de tudo, a motivação de um aluno, segundo o que fui observando, depende, principalmente, da forma como são lecionados as matérias quer literárias quer gramaticais. Durante o estágio, principalmente no início, tive muitos momentos de insegurança que se refletiram nas minhas aulas e na forma como os alunos interagem, porque muitas vezes senti que não estava a explicar a matéria com clareza e apercebia-me disso quando os alunos começavam a fazer perguntas e a apresentar dúvidas sobre o que estava a ensinar, sobretudo no 9.º ano e no 11.º ano.

Um outro princípio relevante que aprendi durante o meu estágio foi que um professor não pode preparar uma aula sem pensar nos alunos que tem diante de si. De facto, no início do meu estágio eu tinha tendência para preparar inúmeras tarefas para os alunos não conseguiam realizar na totalidade porque demoravam algum tempo a resolve-los,

como foram o caso da ficha sobre prefixação no 7.ºano e os excertos da Eneida no 9.ºano. No 7.º ano não me ocorreu que a ficha poderia ter demasiados exercícios e que podia apresentar dificuldades nos alunos. No 9.ºano errei ao distribuir excertos extensos da Eneida que se revelaram obstáculos difíceis de transpor devido à presença de um vocabulário erudito. Percebi então que o sucesso escolar dos alunos não estava na quantidade de exercícios que lhes fornecia, mas sim na qualidade. De facto, com o passar das aulas fui reduzindo o número de exercícios e tendo em consideração o nível dos alunos, também organizei melhor a distribuição das atividades dando mais tempo aos alunos para realizar os exercícios assim obtive melhores resultados, porque não só eles tiveram mais tempo para refletir sobre o assunto como tinham mais tempo para exporem as suas dúvidas.

Apesar das turmas de 7.º e 9.ºano serem turmas com alguns problemas de disciplina o que dificultava um pouco o bom desenrolar das aulas retiro conclusões bastante positivas porque tive a oportunidade de conhecer uma realidade que desconhecia: a indisciplina e violência na sala de aula. Esta experiência permitiu-me ver que estas crianças precisam mesmo da escola porque é o único meio que dispõem para escapar do mundo de degradação que os rodeia.

Relativamente à escolha do meu tema e ao desenvolvimento deste relatório revelaram-se aspetos positivos e negativos. Os aspetos negativos prendem-se sobretudo com o facto de ser bastante complicado relacionar o latim com turmas de Ensino Básico porque não só não têm a disciplina nos programas como também é difícil para os alunos entender de forma clara a presença do latim na língua portuguesa. Contudo, revelaram-se também aspetos bastante positivos como a curiosidade que alguns alunos tinham em saber mais sobre as origens da nossa cultura. Penso que apesar de ter abordado a presença e o contributo do latim de forma bastante geral, os alunos entenderam a mensagem que pretendi transmitir.

No que diz respeito à escolha do tema o que posso dizer é que focou-se principalmente nas turmas de Ensino Básico, porque por serem estudantes, tão jovens não podia refletir temas demasiado complexos. Porém, apesar de estar satisfeita com a escolha do meu tema, sinto no fim deste caminho que podia ter feito mais e melhor, que podia ter aproveitado as minhas aulas para trabalhar de forma mais completa, principalmente com a turma do 11.ºano, etimologias ou temas clássicos na literatura portuguesa.

Para terminar, faço apenas um último balanço da minha experiência como professora. Pude verificar que o diálogo aluno-professor é fundamental para o desenvolvimento pedagógico dos alunos e que o professor deve partir sempre do conhecimento de cada um para os envolver na construção da informação. Ao envolver o aluno no processo de construção da informação, este ganha mais segurança e mais animo para aprender porque sente que não é apenas aquele indivíduo que entra numa sala, se senta e copia o que o professor vai ditando. Também observei que a preparação das aulas não pode ser feita da mesma forma para todas as turmas porque tem de haver uma adequação dos materiais, das atividades aos alunos, porque no final são eles que vão decidir o desenrolar da aula quer pelas atitudes quer pelas questões que vão colocando.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Livros e artigos

CORREIA SILVA (da), CARLOS EUGÉNIO (1931). *Ensaio sobre os latinismos nos Lusíadas*. Coimbra: França Amado.

DUARTE FAGUNDES, LUIZ (1993). *Fernando Pessoa, tradutor virtual de Hóracio para português*. *Euphrosyne: Revista de Filologia clássica*, volume XXI, Junta nacional de investigação científica e tecnológica. Centro de estudos clássicos. Faculdade de Letras de Lisboa.

GONÇALVES REBELO, FRANCISCO (2002). *Métrica d'Os Lusíadas. Obra Completa*, vol.3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

JABOUILLE, VICTOR (?) *Um Colóquio Sobre o Ensino das Línguas Clássicas ou A Obrigação de ser Indefinidamente Actual*. *Revista CLASSICA- Boletim de Pedagogia e Cultura*.

JABOUILLE, VICTOR (19?) *Poesia, tradição e mitologia. Aspectos do classicismo de Ricardo Reis*. *Euphrosyne: Revista de filologia clássica*. Faculdade de letras de Lisboa.

MARTINS, ISALTINA (1992) *O Futuro das Línguas Clássicas*. In *Boletim de Estudos Clássicos* 18.

MELO (de) MATOS, ANTÓNIO ALBERTO () *O ensino do vocabulário latino: etimologia e evolução semântica*. *As línguas clássicas: investigação e ensino-II*

NASCIMENTO, AIRES (?) *As línguas clássicas para uma formação cultural de hoje*. *Revista CLASSICA- Boletim de Pedagogia e Cultura*.

NASCIMENTO, AIRES (1999) *Littérature latine des Découvertes Portugaise: le latin, une langue de culture. Euphrosyne: Revista de filologia clássica*, volume XXVII, Centro de estudos clássicos. Faculdade de Letras de Lisboa.

REIS ENCARNAÇÃO (da), JOÃO (1992) *Questões Didáticas. O Português e o Latim no Ensino secundário. Boletim de Estudos Clássicos* 18.

RIBEIRO REBELO, ANTÓNIO MANUEL () *A importância da interdisciplinaridade literária no Ensino do Latim. Um exemplo: Virgílio e Os Lusíadas. As Línguas Clássicas: investigação e ensino – II.*

RÎPEANU REINHEIMER, SANDA (2004) *Les emprunts latins dans les langues romanes*. Editura universitatii din Bucuresti.

ROCHA PEREIRA (da), MARIA HELENA (1988) *Presença da antiguidade clássica em Os Lusíadas. Novos ensaios sobre temas clássicos na poesia portuguesa*. Maia: Imprensa nacional casa da moeda.

SARAIVA, A.J e LÓPES, ÓSCAR (2001) *História da Literatura Portuguesa*. 17.ª edição. Porto Editora.

## **2. Manuais escolares**

AMARAL, ROSA MARIA. *Et al.* (2013). *Conto contigo 7. Português 7.ºano, 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Areal.

BORREGANA, ANTÓNIO AFONSO e ANA RITA (2005). *Novo Método de Latim, 11.ºano*. Lisboa: Lisboa editora.

COSTA PINTO, ELISA e SARAIVA BAPTISTA, VERA (2013). *novo Plural 9. Português 9.ºano, 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Raiz Editora.



### **3. Programas escolares**

B.G. SILVA (da), MARGARIDA, MARTINS; ISALTINA e SARDINHA, LEONOR (2001). *Programa de Latim A 11.º ou 12.º ano Curso Científico-Humanístico de línguas e Literaturas*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

C.BUESCU, HELENA; F.MAGALHÃES, VICENTE *et al.* (2012). *Metas Curriculares de Português 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico*.

### **4. Sítios da internet**

GONÇALVES REBELO, MARIA ISABEL. (2010) *Latinismos sintáticos das Rimas de Camões*  
[www.revistacamoniana.ufu.br/arearestrita/arquivos\\_internos/artigos/artigo\\_de\\_Maria\\_Isabel\\_Ribeiro\\_Goncalves\\_diapramado.pdf](http://www.revistacamoniana.ufu.br/arearestrita/arquivos_internos/artigos/artigo_de_Maria_Isabel_Ribeiro_Goncalves_diapramado.pdf)

PÁGINA WEB DA ESCOLA SECUNDÁRIA RODRIGUES DE FREITAS  
[www.parque-escolar.pt](http://www.parque-escolar.pt)

## **ANEXOS**

## **NOTA PRÉVIA:**

Os anexos que se seguem estão na ordem pela qual vão surgindo ao longo do relatório. Alguns anexos, nomeadamente os anexos referentes às fundamentações pedagógicas foram corrigidos com base nas recomendações dos orientadores. No entanto, os conteúdos não foram alterados. Ainda no que respeita às fundamentações pedagógicas quero acrescentar que, por serem escritas antes da realização das aulas, não representam fidedignamente os conteúdos tratados porque consoante as minhas necessidades e as dos alunos introduzi ou alterei alguns conteúdos ou atividades.

Relativamente ao 7.º e 9.º ano estão anexados os planos de aula onde não está explícita a presença do trabalho realizado sobre a prefixação que está implícita na compreensão do texto.

Nota-se também que os anexos que apresento neste trabalho dizem respeito apenas às tarefas que os alunos realizaram por escrito. A presença de pouco material escrito deve-se ao facto de ter recorrido principalmente à oralidade.

## ANEXO 1

### ficha informativa • HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

#### Variação e Mudança no Português

A leitura do *Auto da Barca do Inferno* mostra que o Português que se falava na época de Gil Vicente não era exatamente o Português que hoje falamos. Esta constatação permite-nos refletir sobre a história das palavras e, indo mais longe, sobre a história da língua. Como nasceu esta língua que todos falamos em Portugal? E como foi evoluindo ao longo dos séculos? Continuará ainda a evoluir? São estas algumas das questões que poderemos colocar. Vamos ao encontro das respostas.

#### 1 – Do Latim ao Português

1. **Línguas românicas** – A Língua Portuguesa é uma língua românica, isto é, **deriva do Latim**. Línguas românicas são também o Francês, o Castelhana, o Catalão, o Galego, o Italiano e o Romeno.

2. **Latim, a língua mãe** – Não será difícil compreender a origem latina do Português, se tivermos em conta que a península Ibérica foi ocupada pelos Romanos. Os soldados, os colonos e os mercadores trouxeram a sua língua – o Latim – tal como trouxeram os seus hábitos, a sua cultura, as suas leis. O Latim por eles falado era tosco, popular – **latim vulgar** –, distinto do Latim das classes cultas – **latim literário**. O Português deriva, pois, do latim vulgar.

3. **Substrato e Superstratos** – Acontece que, como é óbvio, na Península antes da Romanização, se falavam outras línguas – sobretudo o Celta – e que, embora os povos vencidos tenham adotado a língua dos vencedores, transportaram para o Latim termos dessas línguas autóctones. O Latim foi, assim, ganhando novas palavras oriundas da língua celta que se falava na Península – **substrato celta**. Exemplo de palavras de origem celta: *camisa, cerveja, carro, saia, carpinteiro, Évora, Lisboa, Coimbra*.

Os Romanos foram vencidos pelos Bárbaros e à Península chegaram os povos germânicos. Como possuíam uma civilização inferior, adotaram a língua dos vencidos mas introduziram-lhe palavras da sua língua – **superstrato germânico**.

Exemplo de palavras de origem germânica: *guerra, arreio, baluarte, bradar, galope, marchar, roubar, luva, orgulho, dardo, casa, raça, Afonso, Fernando, Gomes*.

No século VIII, a Península sofreu uma nova invasão, a dos Árabes. Os povos cristãos refugiaram-se no Norte, nas Astúrias e, embora tenham desde sempre lutado contra o domínio islâmico, a presença árabe prolongou-se por vários séculos. Muitas palavras entraram então na língua dos cristãos – **superstrato árabe**.

Exemplo de palavras de origem árabe: *álcool, alambique, alecrim, alfaiate, algarismo, alqueire, armazém, açorda, azul, garrafa, fatia, oxalá, xadrez, xarope*.

4. **O Português nasceu no Norte** – Quando Portugal nasceu como nação, em 1143, falava-se no noroeste da península Ibérica uma língua românica que já se tinha afastado muito do Latim. A essa língua damos o nome de **galaico-português**. Com a independência do Condado Portucalense, essa língua foi evoluindo de forma diferente em Portugal e na Galiza.

Podemos dizer que o Português nasce oficialmente no século XIII, quando D. Dinis legislou no sentido de que todos os livros e documentos fossem escritos em Português, já que, na maioria dos casos, continuava a usar-se o Latim na escrita.

Os mais antigos textos escritos em Português são o “Testamento de Afonso II” (de 1214) e a “Notícia de Torto” (1211-1216). Recentemente foi descoberto um outro documento original, também escrito em Português, de 1175 – a “Notícia de Fiadores”, um inventário das dívidas de Pelagio Romeu.



## ficha informativa • HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

### Variação e Mudança no Português

#### II – O Português enriquece-se

5. **Palavras divergentes** – No século XVI, Portugal conheceu um grande desenvolvimento a vários níveis. Os escritores, os filósofos, os cientistas necessitavam de novas palavras que designassem aspetos novos da sua arte, filosofia, ciência e técnica. É então o momento de recorrer ao latim literário. Assim se explica que algumas palavras da Língua Portuguesa, embora provindo do mesmo étimo latino, sejam diferentes – **palavras divergentes**.

A palavra *chão*, por exemplo, levou séculos a constituir-se. Foi sofrendo sucessivas transformações fonéticas (ver a rubrica “Evolução Fonética” no final desta Ficha informativa), na sua utilização pelo povo, até adquirir esta forma – formou-se por **via popular**. A palavra *plano* foi forjada num momento: um escritor, um erudito decalcou-a do Latim e introduziu-a na língua, através da sua escrita – formou-se por **via erudita**.

Exemplos de palavras divergentes:

*planu(m)*  $\begin{cases} \text{chão} \\ \text{plano} \end{cases}$

*plenu(m)*  $\begin{cases} \text{cheio} \\ \text{pleno} \end{cases}$

*parabola(m)*  $\begin{cases} \text{palavra} \\ \text{parábola} \end{cases}$

6. **Outras proveniências** – O século XVI é também o século da expansão. Como designar costumes, animais, plantas, objetos característicos das novas regiões desconhecidas até então? Como referi-los se faltam as palavras? Houve necessidade de introduzir na Língua Portuguesa os termos com que são denominados nos respetivos idiomas.

Exemplos de palavras de origem:

- **africana**: *macaco, cachimbo, missanga*;
- **asiática**: *canja, chá, leque, jangada*;
- **americana**: *ananás, amendoim, cacau, chocolate, tomate, canoa*.

7. **Empréstimos** – A partir do século XVI, a língua continua a enriquecer-se com a adoção de vocábulos de outras línguas modernas adaptados à fonética da Língua Portuguesa.

Exemplos de empréstimos do:

- **francês**: *blusa, bibelô, boné, sofá*;
- **inglês**: *futebol, ténis, pulôver, filme, choque*;
- **alemão**: *valsa, zinco*;
- **italiano**: *cantata, coronel, piano, maestro*.

**Neologismos e arcaísmos** – A língua vai, então, continuando a enriquecer-se com a criação de novos vocábulos – **neologismos** – necessários para designar as novas realidades. Surgem, sobretudo, a partir de palavras já existentes.

Exemplos de neologismos: *clicar, printar, blogue*.

Os neologismos entram, mas saem algumas palavras que vão caindo em desuso, os **arcaísmos**.

Exemplos de arcaísmos: *soer, sanhudo, aleivoso*.

Não podemos deixar de lembrar que a língua se enriquece ainda através de outros processos de formação de palavras como a **derivação** e a **composição**. (Ver a ficha Formação de Palavras, na pág. 8 do Apêndice Gramatical)

8. Não ficaria completa esta breve “História da Língua Portuguesa” se não fosse referido o facto de a língua continuar sempre a renovar-se e a enriquecer-se nas suas muitas **variedades** – o Português de Portugal e o Português do Brasil, de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, de São Tomé, da Guiné, de Macau e de Timor (ver pág. 2 do Apêndice Gramatical).



## ficha informativa • HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

### Variação e Mudança no Português

#### III – Evolução fonética

As palavras que hoje utilizamos são, como vimos, maioritariamente provenientes do Latim e resultam de transformações sofridas ao longo dos séculos, quase sempre determinadas pela tendência natural dos falantes para reduzir o esforço em pronunciar alguns sons.

As palavras sofreram processos fonológicos de **supressão**, de **inserção** e de **alteração** de segmentos.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE VARIAÇÃO FONOLÓGICA		
Processo	Em que consiste	Exemplificação
de <b>Supressão</b> de segmento: aférese síncope apócope	<b>queda de um fonema:</b>  no início da palavra no interior da palavra no fim da palavra	<i>attonitum&gt;tonito&gt;tonto</i> <i>attonitum&gt;tonito&gt;tonto</i> <i>plenum&gt;pleno</i>
de <b>Inserção</b> de segmento: prótese epêntese paragoge	<b>acrescentamento de um fonema:</b>  no início da palavra no interior da palavra no fim da palavra	<i>stare&gt;estar</i> <i>humile&gt;humilde</i> <i>ante&gt;antes</i>
de <b>Alteração</b> de segmento: assimilação  dissimilação  metátese  redução vocálica	<b>mudança na qualidade ou na posição dos segmentos:</b>  transformação de fonemas contíguos diferentes em fonemas iguais ou semelhantes  transformação de fonemas contíguos iguais ou semelhantes em fonemas diferentes  transposição de segmentos ou sílabas no interior de uma palavra  enfraquecimento de uma vogal em posição átona.	<i>ipsu&gt;isso</i>  <i>rotundo&gt;rodondo&gt;redondo</i>  <i>semper&gt;sempre</i>  <i>golo&gt;golinho</i>

#### Evolução semântica

Para além das transformações fonéticas que as palavras sofreram até chegar à sua forma atual, outro tipo de evolução aconteceu (e acontece) com alguma frequência – a **evolução semântica** que consiste na alteração do significado de um determinado vocábulo.

Exemplos de evolução semântica:

*calamidade*: deriva do Latim *calamus* (cana de cereal) e significava destruição das colheitas; o significado alargou-se, passando a designar qualquer tipo de desgraça.

*ministro*: deriva do Latim *ministrum* e significava escravo, servidor; o significado elevou-se e evoluiu para a designação de um cargo superior.

Enfim, a **variação** é uma propriedade inerente a qualquer língua viva e pode observar-se historicamente, na mudança sofrida ao longo dos séculos, ou contemporaneamente, manifestando-se como diversidade geográfica ou sociolinguística.

## ANEXO 2

**A minha vizinha Esmeralda tem um intraterrestre no quintal.** É uma criatura pacata que se alimenta de torrões, a quem ela deu o nome, entre todos o mais meigo, de Ronquinho. O Ronquinho ressona vinte e três horas por dia e acorda sempre bem disposto. A princípio a Esmeralda tentava esconder o Ronquinho do olhar vigilante da vizinhança, mas não tardou a perceber que era missão impossível, pois toda a gente se apercebia do ruído e já havia zum-zuns que acusavam a anfitriã de ter um moribundo a gemer debaixo do frondoso caramanchão de glicínias.

O nosso intraterrestre chegara à superfície após uma longa e paciente subida do poço que liga a monumental fonte luminosa da sua intracidade natal ao ridículo lago da dona Esma.

Ao descobrir o corpinho aracnídeo do Ronquinho a flutuar no meio dos peixes vermelhos, a vizinha, que é velha e tem pelo na venta, foi logo à cozinha buscar a sua coleção de facalhões de aço inoxidável, daqueles que cortam e afiambram tudo, desde costeletas de carneiro a lombo de porco, passando pela carne de terceira da terça-feira.

Porém, contemplando as patinhas peludas do intraterrestre adormecido à flor da água, a dona Esma perdeu a coragem e disse para com os seus botões: "Isto deve ser uma espécie de espécie em vias de extinção. Não vais tu agora dar cabo de um bicho que nem sequer se come e que, ainda por cima, escolheu o teu quintal para se extinguir...". É preciso que se note que a dona Esma se considera ela própria em vias de extinção e os proble-



mas de reumático têm vindo a torná-la particularmente sensível à questão da biodiversidade.

Não foi difícil perceber a dieta do Ronquinho. Aos sábados, a dona Esma compra um saco de terra vegetal, destinada ao intraterrestre, e convida as suas amigas em vias de extinção para animados chás de convívio com o Ron.

Mas o que a minha vizinha não imagina é que o Ronquinho viverá longos anos após a sua morte (se não for envenenado por nenhuma alma malfazeja) e que, segundo alguns estudiosos delirantes, aquela espécie pouco conhecida pulula nas entranhas do planeta e só aguarda um sinal do pioneiro para invadir pacificamente todos os quintais da cidade.



### ANEXO 3



## Mestre Finezas

Agora entro, sento-me de perna cruzada, puxo um cigarro, e à pergunta de sempre respondo soprando o fumo:

– Só a barba.

Ora é de há pouco este meu à-vontade diante de mestre Ilídio Finezas.

Lembro-me muito bem de como tudo se passava. Minha mãe tinha de fingir-se zangada. Eu saía de casa, rente à parede, sentindo que aquilo era pior que ir para a escola.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enrolava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora.

Como o tempo corria devagar!

A tesoura tinha e cortava junto das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer. “Está quieto, menino”, repetia mestre Finezas segurando-me a cabeça entre as pontas duras dos dedos: “Assim, quieto!” Os pedacitos de cabelo, espalhados pelo pescoço, pela cara, faziam comichão e não me era permitido coçar. Por entre as madeixas caídas para os olhos via-lhe, no espelho, as pernas esguias, o carão severo de magro, o corpo alto, curvado. Via-lhe os braços compridos, arqueados como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava uma aranha.

E eu – sumido na toalha, tolhido numa posição tão incómoda que todo o corpo me doía – era para ali uma pobre criatura indefesa nas mãos de mestre Ilídio Finezas.

Nesse tempo tinha-lhe medo. Medo e admiração. O medo resultava do que acabo de contar. A admiração vinha das récitas<sup>1</sup> dos amadores dramáticos da vila.

Era pelo inverno. Jantávamos à pressa e nessas noites minha mãe penteava-me com cuidado. Calçava uns sapatos rebrilhantes e umas peúgas de seda que me enregelavam os pés. Saíamos. E, no negrume da noite que afogava as ruas da vila, eu conhecia pela voz famílias que caminhavam na nossa frente e outras que vinham para trás. Depois, ao entrar no teatro, sentia-me perplexo no meio de tanta luz e gente silenciosa. Mas todos pareciam corados de satisfação.

Daí a pouco, entrava num mundo diferente. Que coisas estranhas aconteciam! Ninguém ali falava como eu ouvia cá fora. E mesmo quando caçados tinham outro aspecto, constantemente a mexerem os braços. Mestre Finezas era o que mais se destacava. E nunca, que me recorde, o pano desceu, no último ato, com Mestre Finezas ainda vivo. Quase sempre morria quando a cortina principiava a descer e, na plateia, as senhoras soluçavam alto.

Aquelas desgraças aconteciam-lhe porque era justo e tomava, de gosto, o partido dos fracos. E, para que os fracos vencessem, Mestre Finezas não tinha medo de nada nem de ninguém. Heroicamente, de peito aberto e com grandes falas, ia ao encontro da morte. Eu arrepiava-me todo. Uma noite Mestre Finezas morreu logo no primeiro ato. Foi um desastamento. Todos criticaram pelo corredor, no intervalo. “O melhor artista morreu mal entra em cena!... Não está certo! Agora vamos gramar quatro atos só com canastrões!”, dizia o doutor delegado a meu pai.

Mas a cena tinha sido tão viva e a sua morte tão notada durante o resto do espetáculo que, no outro dia, me surpreendi ao vê-lo caminhando em direção à loja.

Ora havia também um outro motivo para a minha admiração. Era o violino. Mestre Finezas, quando não tinha fregueses, o que era frequente durante a maior parte do dia, tocava violino. E, muita vez, aconteceu eu abandonar os companheiros e os jogos e quedar-me, suspenso, a ouvi-lo, de longe.

Era bem bonito. Uma melodia suave saía da loja e enchia a vila de tristeza.

Passaram anos. Um dia, parti para os estudos. Voltei homem. Mestre Finezas é ainda a mesma figura alta e seca. Somente, tem os cabelos todos brancos.

– Olha bem para mim – pede-me às vezes –, olha bem e diz lá se este é o mesmo homem que tu conheceste?...

Finjo-me admirado de uma tal pergunta. Procuro convencê-lo de que sim, de que ainda é. Compreende as minhas mentiras e abana docemente a cabeça:

– Estou um velho, Carlinhos!...

<sup>1</sup> Representação em teatro de declamação.



Vou lá de vez em quando. A loja está sempre deserta. As mãos muito trémulas de Mestre FINEZAS mal seguram agora a navalha. E também abriram, na vila, outras barbearias cheias de espelhos e vidrinhos, e letreiros sobre as portas a substituírem aquela bola com um penacho que Mestre FINEZAS ainda hoje tem à entrada da loja.

Mestre FINEZAS passa necessidades. Vive abandonado da família, com a mulher entrevada, num casebre próximo do castelo. Eu sou um dos raros fregueses e o seu único confidente.

Ilídio FINEZAS sonhou ser um grande artista, ir para a capital, e quem sabe se pelo mundo fora. Eu falhei um curso e arrasto, por aqui, uma vida de marasmo<sup>2</sup> e ociosidade<sup>3</sup>. Há entre mim e esta gente da vila uma indiferença que não consigo vencer. O meu desejo é partir breve. Mas não vejo como. E, quando o presente é feio e o futuro incerto, o passado vem-nos sempre à ideia como o tempo em que fomos felizes. Daí eu ser o confidente de Mestre FINEZAS.

Ele ajuda as minhas recordações, contando-me dos dias a que chama da "sua glória". Estamos sozinhos na loja. De navalha em punho, Mestre FINEZAS declama cenas inteiras dos «melhores dramas que já se escreveram». E há nele uma saudade tão grande das noites em que fazia soluçar de amor e mágoa as senhoras da vila que, amiúde, esquece tudo o que o cerca e fica, longo tempo, parado. Os seus olhos ganham um brilho metálico. Fixos, olham-me mas não me veem. Estão a ver para lá de mim, através do tempo.

Lentamente, aflora-lhe aos lábios, premidos e brancos, um sorriso doloroso.

— Eu fui o maior artista destas redondezas!... — murmura.

Na cadeira, com a cara ensaboada, eu revivo a infância e sonho o futuro. Mestre FINEZAS já nem sonha; recorda só.

De novo, a mão treme-lhe junto da minha cara. No espelho, vejo-lhe o busto mirrado<sup>4</sup>, os cabelos escorridos e brancos. Oiço-lhe a voz desencantada:

— A navalha magoa-te?

Uma onda de ternura por aquele velho amolece-me. Dá-me vontade de lhe dizer que não, que a navalha não magoa, que nem sequer a sintó. O que magoa é ver a presença da morte alastrando pelas paredes escuras da loja, escorrendo dos papéis caídos do teto, envolvendo-o cada vez mais, dobrando-lhe o corpo para o chão.

Mas Mestre FINEZAS parece nada disto sentir. Salta de um assunto para outro com facilidade. Preciso de tomar atenção para lhe seguir os fios do pensamento. Agora faz-me queixas da vila. E termina como sempre:

— Esta gente não pensa noutra coisa que não seja o negócio, a lavoura<sup>5</sup>. Para eles, é a única razão da vida. Volto a cabeça e olho-o. Sei o que vai dizer-me. Vai falar-me do abandono a que o votaram. Vai falar-me do teatro, da música, da poesia. Vai repetir-me que a arte é a mais bela coisa da vida. Mas não. Já nos entendemos só pelo olhar. Mestre FINEZAS salta por cima de tudo isto e ergue a navalha num lance teatral:

— Que sabem eles da arte? Tu que estudaste, tu sabes o que é a arte. Eles hão de morrer sem nunca terem gozado os mais belos momentos que a vida pode dar!...

Atravessou a loja, abriu um armário cavado na parede, e tirou o violino.

<sup>2</sup> Desânimo. <sup>3</sup> Repouso, lazer, malandrice, preguiça. <sup>4</sup> Muito magro, definhado. <sup>5</sup> Amanho e cultivo do solo, agricultura, trabalho.

– Eu não te disse nada, Carlinhos, mas, olha, tenho vendido tudo para não morrer de fome... Tudo. Mas isto!...

95 Estendeu o violino na minha direção e continuou, reprimindo um soluço:

– Isto nem que eu morra!... É a minha última recordação...

Calou-se por muito tempo com os olhos no chão. Depois, de boca muito descerrada, disse-me como quem pede uma esmola:

– Tu queres ouvir uma música que eu tocava muito, Carlinhos?...

100 – Quero!... – respondi, forçando um sorriso de agrado.

Nem me ouviu. Estava, ao meio da loja, entre mim e a porta e prendia o violino no queixo.

O arco roçou pelas cordas e um murmúrio lento começou, no silêncio que vinha das ruas da vila e enchia a casa. Lentamente, o fio de música ia engrossando. Era agora mais forte

105 – agudo, desamparado como um choro aflito. E demorava, ondeava por longe, vinha e penetrava-me de uma sensação dolorosa.

Levantei-me, de toalha caída no peito, cara ensaboada, preso não sei de que vagos desgostosos pensamentos. Talvez pensasse em fugir, pedir-lhe que não tocasse mais aquela música desafinada e triste.

110 ➤ Mas, na minha frente, Mestre Finezas, alheio a tudo, fazia gemer o seu violino, as suas recordações. O sol da meia tarde entrava pela porta e aureolava-o<sup>6</sup> de uma luz trémula. E erguia o corpo como levado na toada que os seus dedos desfiavam; ficava nos bicos dos pés, todo jogado para o teto.

De súbito, uma revoada<sup>7</sup> de notas soltaram-se, desencontradas, raivosas. Encheram a loja, e ficaram vibrando.

115 Os braços caíram-lhe para os lados do corpo. Numa das mãos segurava o arco, na outra o violino. E, muito esguio, macilento, Mestre Finezas curvou a cabeça branca, devagar, como a agradecer os aplausos de um público invisível.

Manuel da Fonseca, *Aldeia Nova*, Leya



<sup>6</sup> Adornar com auréola, coroar; dar ou ganhar brilho, fama, glória. <sup>7</sup> Profusão de notas que voam em círculos.

ANEXO 4

## Urgentemente

É urgente o amor.

É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,  
ódio, solidão e crueldade,  
alguns lamentos,  
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,  
multiplicar os beijos, as searas,  
é urgente descobrir rosas e rios  
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz  
impura, até doer.

É urgente o amor, é urgente  
permanecer.

**Eugénio de Andrade**, *As palavras*  
*Interditas – Até Amanhã*, Assírio & Alvim



## Anexo 5

### I. Planificação das aulas dos dias 25 e 27 de novembro de 2013

#### Domínios de referência:

Leitura, Educação literária, Gramática, Escrita, Oralidade.

#### Sumário:

- Leitura e compreensão do texto “ A minha vizinha tem um intraterrestre no quintal” de Regina Guimarães.
- A narrativa.
- Os tipos de sujeito.
- Escrita criativa.
- Síntese da aula anterior.
- Conclusão do estudo do texto.
- O vocativo.

#### Objetivos e descritores de desempenho

##### Motivação:

- Visualização de uma imagem extraída do filme E.T de Steven Spielberg.
- Observação da imagem da página 59 do manual e resposta à questão 1.1.

##### Leitura:

- Após uma preparação da leitura em silêncio, alguns alunos lerão expressivamente em voz alta o texto “*A minha vizinha Esmeralda tem um intraterrestre no quintal*”;
- Compreensão e interpretação do texto através das respostas às questões da página 61 do manual.
- Como síntese da leitura, os alunos deverão responder a pergunta 9 e 9.1 da página 61 do manual.

##### Educação literária:

- A narrativa

##### Escrita:

- Oficina de escrita: Os alunos deverão criar um texto curto.
- Os alunos deverão redigir um diálogo breve, seguindo as instruções do exercício 1.2 da página 59. (Trabalho de casa)

**Oralidade:**

- Os alunos apresentarão a turma os seus textos.
- Alguns alunos apresentarão os seus diálogos.
- Após a apresentação de cada aluno, os que estiveram a ouvir poderão estabelecer as diferenças entre o intraterrestre da dona Esmeralda e o dos seus colegas.
- Comentário ao texto de Valter Hugo Mãe, *As mais belas coisas do mundo*, página 59 do manual.

**Gramática:**

- Os tipos de sujeito.
- Resolução de exercícios. Uma parte em aula e outra como trabalho de casa.
- O vocativo.
- Resolução de uma ficha de exercícios onde está contemplada a matéria toda.

## **ANEXO 6**

**Ficha de diagnóstico acerca da formação lexical de palavras através da prefixação.**

**(7ºano de escolaridade)**

**I/ Observa as seguintes palavras:**

Ineficaz

Intercomunicação

Extraescolar

Disjunção

Reescrever

Inesquecível

Interligado

Recobrir

Extraordinário

Dissocial

**I.1/ Identifica o prefixo em cada palavra e escreve a ideia que cada um transmite.**

**II/ Acrescenta um prefixo a cada palavra tendo em conta as instruções que te são dadas.**

<b>Palavra</b>	<b>Ideia que transmite o prefixo</b>	<b>Palavras formadas com o prefixo</b>
Digesto	Valor de negação.	

Nacional	Ideia de lugar entre.	
Semelhante	Valor de negação (outro prefixo que também transmite essa ideia)	
Escrever	Repetição	
Terrestre	Ideia de exterioridade	

**III/ Cria uma palavra para cada prefixo e explicita o seu significado.**

## Anexo 7

### II. Planificação das aulas dos dias 27 e 29 de janeiro de 2014

#### Domínios de referência:

Leitura, Educação literária, Gramática, Escrita, Oralidade.

#### Sumários:

- Breve apresentação do autor e referência a sua Obra.
- Leitura e compreensão do conto *Mestre Finezas* de Manuel da Fonseca
- Sistematizar as orações coordenadas.
- Síntese da aula anterior.
- Conclusão do estudo do conto.

#### Objetivos e descritores de desempenho

##### Motivação para o estudo do conto:

- Visualização de uma imagem de uma barbearia clássica.

##### Leitura:

- Após uma leitura prévia do texto em casa, alguns alunos lerão expressivamente o conto *Mestre Finezas* de Manuel da Fonseca;
- Compreensão e interpretação do texto através da sua análise.

##### Educação literária:

- Relembrar as categorias da narrativa

##### Escrita:

- Na tua opinião, este conto é uma narrativa aberta ou fechada? Justifica. (máximo 100 palavras). No final, cada aluno entregará a sua composição à professora.

##### Oralidade:

- Como poderás ter visto, após a análise do texto, a perspetiva do narrador relativamente a Mestre Finezas mudou com o passar do tempo. Mostra em que aspetos houve mudança.

##### Gramática:



- Consolidar as orações coordenadas
- Resolução de uma ficha de exercícios.

## Anexo 8

- **Planificação da aula do dia 26 de março de 2014**

Domínios de referência:

Leitura, Educação literária, Gramática, Escrita, Oralidade.

Sumário:

- Apresentação de um vídeo.
- Comentário acerca do vídeo.
  - Realização de uma ficha biobibliográfica do autor.
  - Leitura e compreensão do poema *Urgentemente* de Eugénio de Andrade.
  - Sistematizar as funções sintáticas.

Objetivos e descritores de desempenho

**Motivação para o estudo do poema:**

- Visualização de um vídeo relativo ao amor. (publicidade do desodorizante axe para homem).
- Discussão sobre o amor e o ódio.

**Leitura:**

- Leitura do poema *Urgentemente* de Eugénio de Andrade;
- Compreensão e interpretação do poema através da sua análise.

**Educação literária:**

- Relembrar as funções sintáticas.

**Escrita:**

- Redação de uma quadra sobre a amizade.

**Oralidade:**

- Leitura do poema feito pelos alunos.

**Gramática:**

- Resolução de um exercício sobre funções sintáticas.

## Anexo 9

**Ano / Turma:** 7.ºC

**Aula:** 90 minutos

**Disciplina:** Português

**Data:** 20 de novembro de 2013

**Aluna estagiária:** Carla Sophie de Lima Arantes Faria

**Orientador da escola:** Isabel Costa

**Orientador da faculdade:** Jorge Deserto

### Ficha de diagnóstico sobre prefixação

1. Atenta nas seguintes palavras:

- Internacional
- Indefinido
- Descobrir
- Intercidade
- Desgraça
- Renascer
- Embelezar

1.1. Atribui um significado a cada palavra

2. Separa o prefixo do segundo elemento de composição de cada palavra tal como te é mostrado no seguinte exemplo:

Ex: **Internacional** → **Inter** (prefixo) / **nacional** (segundo elemento de composição)

2.1. Separado o prefixo do segundo elemento de composição de cada palavra explicita o significado deste último.

Ex: **nacional** (segundo elemento): referente à nação; que pertence à nação ou ao Estado...

2.2. Agora observa cada significado que acabaste de escrever no exercício anterior comparando-os com os significados do exercício 1, e tenta explicar o porquê de terem significados diferentes.

3. Com os prefixos que tens nesta ficha, escreve duas palavras iniciadas por cada um deles, e escreve o significado de cada palavra que escolheres.

Ex: Duas palavras iniciadas pelo prefixo **inter**: **intercidades**, significa “entre as cidades”; **interdental**, significa “entre os dentes”.

3.1. Com as palavras que acabaste de escrever faz o mesmo exercício que te foi pedido na questão número 2.

3.2. Observando com atenção os dois componentes de cada palavra (prefixo e segundo elemento de composição) tenta explicar a ideia que transmite cada prefixo.

Ex: **Inter** tem a ideia de “entre de”

3.3. Com a resolução dos exercícios que acabaste de realizar consegues perceber qual é a importância de se saber o significado dos prefixos?

## Anexo 10

### O Onzeneiro

#### TEXTO

*Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:*

ONZ. Pera onde caminhaís?  
DIA. Oh! que má-hora venhais onzeneiro<sup>1</sup>, meu parente! Como tardastes vós tanto?  
ONZ. Mais quisera eu lá tardar... Na safra<sup>2</sup> do apanhar me deu Saturno quebranto<sup>3</sup>.  
DIA. Ora mui muito m'espanto nom vos livrar o dinheiro!  
ONZ. Solamente pera o barqueiro nom me leixaram nem tanto<sup>4</sup>.  
DIA. Ora entrai, entrai aqui!  
ONZ. Não hei eu i d'embarcar!  
DIA. Oh! que gentil reccar e que cousas pera mi!  
ONZ. Ainda agora faleci, leixa-me buscar batel! Pesar de São Pimentel<sup>5</sup>. Nunca tanta pressa vi! Pera onde é a viagem?  
DIA. Pera onde tu hás-de ir.  
ONZ. Havemos logo de partir? Não cures de mais linguagem<sup>6</sup>.  
ONZ. Pera onde é a passagem?  
DIA. Pera a infernal comarca.  
ONZ. Dix<sup>7</sup>! Nom vou eu em tal barca. Estoutra tem vantagemem.

*Vai-se à barca do Anjo e diz:*

Hou da barca! Houlá! Hou!  
Havês logo de partir?



ANJO E onde queres tu ir?  
ONZ. Eu pera o Paraíso vou.  
ANJO Pois cant'eu mui fora estou de te levar para lá. Essa barca que lá está vai pera quem te enganou.  
ONZ. Porquê?  
ANJO Porque esse bolsão Tomara todo o navio.  
ONZ. Juro a Deos que vai vazio!  
ANJO Não já no teu coração.  
ONZ. Lá me fica de rodão<sup>8</sup> minha fazenda e alhea.  
ANJO Ó onzena, como es fea e filha de maldição!

*Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:*

ONZ. Houlá! Hou demo barqueiro! Sabês vós no que me fundo? Quero lá tornar ao mundo e trarei o meu dinheiro. Aqueloutro marinheiro, porque me vê vir sem nada, dá-me tanta borregada<sup>9</sup> como arrais lá do Barreiro.  
DIA. Entra, entra! Remarás! Nom percamos mais maré!  
ONZ. Todavia...  
DIA. Que te pês<sup>10</sup>, cá entrarás! Irás servir Santanás porque sempre te ajudou.  
ONZ. Ó triste, quem me cegou?  
DIA. Cal'-te, que cá chorarás.

*Entrando o Onzeneiro no batel, que achou o Fidalgo embarcado, diz, tirando o barrete:*

ONZ. Santa Joana de Valdês<sup>11</sup> Cá, é vossa senhoria?  
FID. Dá ò demo a cortesia!  
DIA. Ouvis? Falai vós cortês. Vós, fidalgo, cuidarês que estais na vossa pousada? Dar-vos-ei tanta pancada com um remo, que reneguéis<sup>12</sup>.

1. aquele que empresta dinheiro com juro excessivo; 2. colheita; 3. me fez morrer; 4. não me deixaram absolutamente nada;  
5. personagem da época; 6. não discutas mais; 7. forma arcaica e popular de "disse"; 8. de roldão, em confusão; 9. pancada;  
10. ainda que te custe; 11. personagem da época; 12. detesteis.

## Anexo 11



Ricardo Araújo Pereira

Boca do Inferno

### Esperança gramatical

E quando o leitor pensava que já tinha ouvido tudo acerca da crise, de repente fica a saber que, gramaticalmente, é muito difícil que Portugal vá à falência. E, enquanto for gramaticalmente impossível, eu acredito. Justifico esta ideia com a seguinte teoria fascinante: normalmente, considera-se que o verbo falir é defetivo. Significa isto que lhe faltam algumas pessoas, designadamente a primeira, a segunda e a terceira do singular, e a terceira do plural do presente do indicativo, e todas as do presente do conjuntivo. Não se diz "eu falo", "tu fales", nem "ele fale". Não se diz "eles falem". Todos os modos e tempos verbais do verbo falir se admitem, com exceção de quatro pessoas do presente do indicativo e todo o presente do conjuntivo. Em que medida é que isto são boas notícias? O facto de o verbo falir ser defetivo faz com que, no presente, nenhum português possa falir. Não é possível falir, presentemente, em Portugal. "Eu falo" é uma declaração ilegítima. Podemos aventar a hipótese de vir a falir, porque "eu falirei" é uma forma aceitável do verbo falir. E quem já tiver falido não tem salvação, porque também é perfeitamente legítimo afirmar: "eu fali". Mas ninguém pode dizer que, neste momento, "fale".

Acaba por ser justo que o verbo falir registe estas falências na conjugação. Justo e útil, sobretudo em tempos de crise. Basta que os portugueses vivam no presente – que, além do mais, é dos melhores tempos para se viver – para que não "falam" (outra conjugação impossível). Não deixa de ser misterioso que a língua portuguesa permita que, no passado, se possa ter falido, e até que se possa vir a falir, no futuro, ao mesmo tempo que inviabiliza que se "fala", no presente. Se eu nunca "falo", como posso ter falido? Se ninguém "fale", porquê antever que alguém falirá? Talvez a explicação esteja nos negócios de *import/export*. Nas outras línguas, é possível falir no presente, pelo que os portugueses que têm negócios com estrangeiros podem ver-se na iminência de falir. Mas basta que os portugueses não falem (do verbo falar, não do verbo falir) acerca de negócios com estrangeiros para que não "falam" (do verbo falir, não do verbo falar). Eu tenho esse cuidado, e por isso não falo (do verbo falir e do verbo falar).

Bem sei que o prof. Rodrigo Sá Nogueira, assim como outros linguistas, se opõe a que o verbo falir seja considerado defetivo. Mas essa é uma posição que tem de se considerar antipatriótica. É altura de a gramática se submeter à economia. Tudo o resto já se submeteu.

Ricardo Araújo Pereira, in "Visão", 13 de junho de 2012



## Anexo 12

### Consílio dos deuses no Olimpo

19 Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca espuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas<sup>2</sup>,  
Que do gado de Próteu<sup>3</sup> são cortadas,

20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em consílio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Céu fermoso<sup>4</sup>,  
Vem pela Via Láctea juntamente,  
Convocados, da parte de Tonante<sup>5</sup>,  
Pelo neto<sup>6</sup> gentil do velho Atlante.

21 Deixam dos Sete Céus<sup>7</sup> o regimento<sup>8</sup>,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto Poder, que só co pensamento  
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.  
Ali se acharam juntos num momento,  
Os que habitam o Arcturo<sup>9</sup> congelado  
E os que o Austro<sup>10</sup> tem<sup>11</sup> e as partes onde  
A Aurora<sup>12</sup> nasce e o claro Sol se esconde<sup>13</sup>.



Consílio dos deuses, fresco de Luigi Sabatelli

22 Estava o Padre<sup>14</sup> ali, sublime e dino,  
Que vibra os feros raios de Vulcano<sup>15</sup>,  
Num assento de estrelas cristalino,  
Com gesto<sup>16</sup> alto, severo e soberano;  
Do rosto respirava um ar divino,  
Que divino tornara o corpo humano;  
Com hũa coroa e cetro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

<sup>1</sup> cadeia de montanhas situada entre a Macedónia e a Tessália, que, segundo a fábula, era a morada dos Deuses, sobretudo de Júpiter; <sup>2</sup> sagradas; <sup>3</sup> deus marinho, guardador do gado de Neptuno, o deus do mar; <sup>4</sup> formoso; <sup>5</sup> epíteto dado a Júpiter (igual a trovejante) por ser deus dos trovões e dos raios; <sup>6</sup> Mercúrio; <sup>7</sup> as sete órbitas que, segundo o sistema de Ptolomeu, seriam percorridas pelos sete planetas – Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Diana; <sup>8</sup> governação; <sup>9</sup> polo Norte; <sup>10</sup> o Sul; <sup>11</sup> habitam (latim = tenere = habitar); <sup>12</sup> nascente; <sup>13</sup> poente; <sup>14</sup> Júpiter, pai dos deuses; <sup>15</sup> filho de Júpiter e Juno, fabricava os raios; <sup>16</sup> porte, postura corporal.



23 Em luzentes assentos, marchetados<sup>1</sup>  
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros Deuses, todos assentados,  
Como a Razão e a Ordem concertavam<sup>2</sup>  
(Precedem os antigos, mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentavam);  
Quando Júpiter alto, assi dizendo,  
Cum tom de voz começa grave e horrendo:<sup>3</sup>

24 Eternos moradores do luzente,  
Estelífero Pólo e claro Assento<sup>4</sup>:  
Se do grande valor da forte gente  
De Luso<sup>5</sup> não perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente  
Como é dos Fados<sup>6</sup> grandes certo intento  
Que por ela<sup>7</sup> se esqueçam os humanos  
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25 Já lhe foi (bem o vistes) concedido,  
Cum poder tão singelo e tão pequeno,  
Tomar ao Mouro forte e guarnecido  
Toda a terra que rega o Tejo ameno;  
Pois contra o Castelhana tão temido  
Sempre alcançou favor do Céu sereno.  
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,  
Teve os troféus pendentes da vitória<sup>8</sup>.

26 Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,  
Que co a gente de Rómulo<sup>9</sup> alcançaram,  
Quando com Viriato<sup>10</sup>, na inimiga  
Guerra Romana, tanto se afamaram.  
Também deixo a memória que os obriga  
A grande nome, quando alevantaram  
Um<sup>11</sup> por seu capitão, que, peregrino<sup>12</sup>,  
Fingiu na cerva espírito divino.

27 Agora vedes bem que, cometendo  
O duvidoso mar num lenho leve<sup>13</sup>,  
Por vias nunca usadas, não temendo  
De Áfrico<sup>14</sup> e Noto<sup>15</sup> a força, a mais se atreve:  
Que, havendo tanto já que as partes vendo  
Onde o dia é comprido e onde breve<sup>16</sup>,  
Inclinam seu propósito e perfia<sup>17</sup>  
A ver os berços onde nasce o dia<sup>18</sup>.

28 Prometido lhe está o Fado eterno,  
Cuja alta lei não pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o governo  
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.<sup>19</sup>  
Nas águas tem passado o duro Inverno;  
A gente vem perdida e trabalhada.  
Já parece bem feito que lhe seja  
Mostrada a nova terra que deseja.

29 E, porque, como vistes, tem passados  
Na viagem tão ásperos perigos,  
Tantos climas e céus exprimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos,  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana como amigos,  
E, tendo guarnecida a lassa<sup>20</sup> frota,  
Tornarão a seguir sua longa rota.»

30 Estas palavras Júpiter dizia,  
Quando os Deuses, por ordem respondendo,  
Na sentença<sup>21</sup> um do outro difiria<sup>22</sup>,  
Razões diversas dando e recebendo.  
O padre Baco<sup>23</sup> ali não consentia  
No que Júpiter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
Se lá passar a Lusitana gente.

→ discurso de Júpiter

1 adornados; 2 determinavam; 3 que infunde temor; 4 morada cheia de luz; 5 povo descendente de Luso, filho de Baco (povo português); 6 destino; 7 a forte gente de Luso; 8 os despojos da batalha em que se alcança vitória ficavam pendentes dos ramos das árvores; 9 os Romanos; 10 a mais antiga, uma das mais valorosas figuras da nossa história; 11 Sertório; 12 estrangeiro, que anda por terras ou mares longínquos. Sertório era romano; 13 pequeno navio; 14 vento de sudoeste (em relação à Itália); 15 vento sul (um e outro eram acompanhados de tempestades); 16 a costa africana do sul do Equador onde os dias grandes correspondem aos dias pequenos e vice-versa, das regiões situadas no norte do Equador; 17 determinação; 18 oriente; 19 oriente; 20 fatigada; 21 opinião; 22 discordava; 23 deus do vinho com grande ascendente na Índia.

- 31 Ouvido tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortíssima de Espanha<sup>1</sup>,  
Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
Da Índia tudo quanto Dóris<sup>2</sup> banha,  
E com novas vitórias venceria  
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.  
Altamente<sup>3</sup> lhe dói perder a glória  
De que Nisa<sup>4</sup> celebra inda a memória.
- 32 Vê que já teve o Indo<sup>5</sup> sojugado  
E nunca lhe tirou fortuna ou caso  
Por vencedor da Índia ser cantado  
De quantos bebem a água de Parnaso<sup>6</sup>.  
Teme agora que seja sepultado  
Seu tão célebre nome em negro vaso  
De água do esquecimento, se lá chegam  
Os fortes Portugueses que navegam.
- 33 Sustentava contra ele Vénus<sup>7</sup> bela,  
Afeiçoada à gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nela  
Da antiga, tão amada sua, Romana;  
Nos fortes corações, na grande estrela,  
Que mostraram na terra Tingitana<sup>8</sup>,  
E na língua, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a Latina.
- 34 Estas causas moviam Citereia<sup>9</sup>,  
E mais, porque das Parcas<sup>10</sup> claro entende  
Que há-de ser celebrado a clara Deia<sup>11</sup>,  
Onde a gente belígera<sup>12</sup> se estende.  
Assi que, um, pela infâmia<sup>13</sup> que arreceia,  
E o outro<sup>14</sup>, pelas honras que pretende,  
Debatem, e na perfia permanecem;  
A qualquer seus amigos favorecem.

- 35 Qual Austro<sup>15</sup> fero ou Bóreas<sup>16</sup>, na espessura,  
De silvestre arvoredado abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com ímpito e braveza desmedida;  
Brama toda a montanha, o som murmura,  
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:  
Tal andava o tumulto, levantado  
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.
- 36 Mas Marte<sup>17</sup>, que da Deusa<sup>18</sup> sustentava  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De antre os Deuses em pé se levantava  
(Merencório no gesto<sup>19</sup> parecia),  
O forte escudo, ao colo pendurado,  
Deitando pera trás, medonho e irado,



Vénus e Marte, pintura de Alexandre Charles Guillemot

<sup>1</sup> península hispânica; <sup>2</sup> divindade marítima, filha de Tétis e de Oceano (Mar); <sup>3</sup> imenso; <sup>4</sup> cidade ou fundada por Baco, ou onde este deus teria sido criado; <sup>5</sup> as margens do rio Indo (Índia); <sup>6</sup> monte da Fócida, na Grécia, cujas fontes – tal como as de Hipocrene – davam inspiração poética; <sup>7</sup> deusa da beleza e do amor, mãe de Eneias, que, na sua *Eneida*, Virgílio considerou progenitor do povo romano; <sup>8</sup> o Norte de África, conquistado por Portugal; <sup>9</sup> Vénus; <sup>10</sup> três divindades que presidiam ao destino do Homem; <sup>11</sup> Vénus; <sup>12</sup> guerreira; <sup>13</sup> que não tem fama; <sup>14</sup> um...outro – Baco...Vénus; <sup>15</sup> venço sul; <sup>16</sup> vento norte ou nordeste; <sup>17</sup> deus da guerra; <sup>18</sup> Vénus; <sup>19</sup> semblante melancólico.



37 A viseira do elmo<sup>1</sup> de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro,  
Por dar seu parecer se pôs diante  
De Júpiter, armado, forte e duro;  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto<sup>2</sup> do bastão no sólio<sup>3</sup> puro,  
O Céu tremeu, e Apolo<sup>4</sup>, de torvado<sup>5</sup>,  
Um pouco a luz perdeu, como *infiado*;

38 E disse *assi*: «Ó Padre, a cujo império  
Tudo aquilo obedece que criaste,  
Se esta gente que busca outro Hemisfério,  
Cuja valia e obras tanto amaste,  
Não queres que padeçam vitupério<sup>6</sup>,  
Como há já tanto tempo que ordenaste,  
Não ouças mais, pois és juiz direito,  
Razões de quem parece que é suspeito.

39 Que, se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tão privado<sup>7</sup>;  
Mas esta tenção sua agora passe,  
Porque enfim vem de estômago<sup>8</sup> danado,  
Que nunca tirará alheia enveja  
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

40 E tu, Padre de grande fortaleza,  
Da determinação que tens tomada  
Não tornes por detrás, pois é fraqueza  
Desistir-se da cousa começada.  
Mercúrio<sup>9</sup>, pois excede em ligeireza  
Ao vento leve e à seta bem talhada,  
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe  
Da Índia e onde a gente se reforme<sup>10</sup>.»

41 Como isto disse, o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentiu  
No que disse Mavorte<sup>11</sup> valeroso,  
E néctar<sup>12</sup> sobre todos esparziu<sup>13</sup>.  
Pelo caminho Lácteo glorioso,  
Logo cada um dos Deuses partiu,  
Fazendo seus reais acatamentos<sup>14</sup>,  
Pera os determinados apousentos.

42 Enquanto isto se passa na fermosa  
Casa etérea do Olimpo onipotente,  
Cortava o mar a gente belicosa<sup>15</sup>  
Já lá da banda do Austro e do Oriente,  
Entre a costa Etiópica e a famosa  
Ilha de São Lourenço<sup>16</sup>; e o Sol ardente  
Queimava então os Deuses que Tifeu<sup>17</sup>  
Co temor grande em pexes converteu.

43 Tão brandamente os ventos os levavam,  
Como quem o Céu tinha por amigo;  
Serenos o ar e os tempos se mostravam  
Sem nuvens, sem receio de perigo.  
O promontório Prasso<sup>18</sup> já passavam,  
Na costa de Etiópia<sup>19</sup>, nome antigo,  
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava  
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

44 Vasco da Gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empresas<sup>20</sup> se oferece,  
De soberbo e de altivo coração,  
A quem Fortuna sempre favorece,  
Pera se aqui deter não vê razão,  
Que inabitada a terra lhe parece.  
Por diante passar determinava,  
Mas não lhe sucedeu como cuidava.



<sup>1</sup> parte das antigas armaduras que protegia a cabeça; <sup>2</sup> extremidade; <sup>3</sup> trono; <sup>4</sup> deus do Sol, das letras, das artes; <sup>5</sup> perturbado; <sup>6</sup> afronta; <sup>7</sup> próximo; <sup>8</sup> "sede dos sentimentos", entranhas; <sup>9</sup> mensageiro dos deuses; <sup>10</sup> restaure; <sup>11</sup> Marte; <sup>12</sup> bebida dos deuses, no Olimpo, que lhes eternizava as existências; <sup>13</sup> derramou; <sup>14</sup> reverências; <sup>15</sup> os navegantes portugueses; <sup>16</sup> Madagáscar; <sup>17</sup> era um gigante que, ao aparecer, repentinamente, no Eufrates, onde Vênus e Cupido se banhavam, tão grande pavor nestes despertou, que os transformou em peixes; <sup>18</sup> uma das pontas da costa africana, perto da ilha de Moçambique; Cabo Delgado; <sup>19</sup> este nome, aqui e em outros lugares d'*Os Lusíadas*, designa partes indistintas de África; <sup>20</sup> o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

## **Anexo 13**

### **II. Planificação das aulas dos dias 13 e 15 de janeiro de 2014**

#### **Domínios de referência:**

Leitura, Educação literária, Gramática, Escrita, Oralidade.

#### **Sumário:**

- Síntese das aulas anteriores
- Leitura e compreensão do texto
- Revisão da conjugação pronominal
- Síntese da aula anterior
- Correção do trabalho de casa
- Conclusão do estudo do texto
- Revisão dos verbos defetivos
  
- **Objetivos e descritores de desempenho**

#### **Motivação:**

- Apresentação da imagem de um avarento.
- Observação e comentário da imagem pelos alunos.
- Introdução do texto a partir da imagem e dos comentários feitos pelos alunos.

#### **Leitura:**

- Audição da cena O Onzeneiro extratado do texto dramático Auto da barca do inferno de Gil Vicente.
- Leitura silenciosa e sinalização e explicação do vocabulário desconhecido.
- Compreensão do texto através da sua análise.
- Leitura do texto em voz alta.

#### **Educação literária:**

- Relembrar alguns recursos expressivos: ironia, eufemismo, metáfora e interjeição.

#### **Escrita:**

- Comparação entre o quadro A Morte do Avarento de Jerónimo Bosh e a cena do Onzeneiro.
- Resposta breve à questão 1 da página 102 do manual.

#### **Oralidade:**

- Exposição por um ou dois alunos das suas comparações entre o quadro de Bosh e o Onzeneiro.
- Debate.

**Gramática:**

- Revisão da colocação do pronome pessoal átono
- Resolução de exercícios
- Revisão da conjugação dos verbos defetivos
- Resolução de exercícios.

## Anexo 14

### III. Planificação das aulas dos dias 10, 11 e 12 de março de 2014

#### Domínios de referência:

Leitura, Educação literária, Gramática, Escrita, Oralidade.

#### Sumários:

- Introdução à narração
- Leitura e compreensão do texto
- Síntese da aula anterior
- Correção do trabalho de casa
- Esclarecimento de dúvidas
- Síntese da aula anterior
- Conclusão do estudo do texto

#### Objetivos e descritores de desempenho

##### Motivação:

- Apresentação de uma imagem do Consílio dos deuses.
- Observação e comentário da imagem pelos alunos.
- Introdução às estrofes do *Consílio dos deuses* a partir da imagem e dos comentários feitos pelos alunos.

##### Leitura:

- Audição do episódio *Consílio dos deuses* extratado da narrativa épica *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. (Variedade português do Brasil por Carlos Alberto Didier)
- Análise do texto em duas partes. Na primeira aula analisar-se-ão as doze primeiras estrofes, e na segunda as restantes.
- Leitura em voz alta, pelos alunos, ao longo da análise das estrofes 19 à 30.

##### Educação literária:

- Recurso expressivo: perífrase, hipérbole, personificação, adjectivação,...
- Estabelecer uma comparação entre Vénus e Baco do episódio do *Consílio dos deuses* d' *Os Lusíadas* e entre Juno e Vénus na *Eneida* de Virgílio.

##### Escrita:

- Redação da convocatória do Consílio dos deuses. (1ª aula)
- Elaboração da ata do consílio. (2ª aula)

**Oralidade:**

- Apresentação oral da comparação feita entre Vénus/ Baco do *Consílio dos deuses* Juno/ Vénus da *Eneida*.

**Gramática:**

- Ortografia: Palavras homófonas Concílio / Consílio e Conselho / Concelho
- Resolução de um exercício
- Registos de língua
- Resolução de exercícios.

## Anexo 15

### Ficha de avaliação de pré conhecimentos sobre aspetos da cultura greco-latina

(turma de 9<sup>a</sup> ano)

1<sup>a</sup>/ Já ouviste falar em *Mitologia*? Se sim, onde?

2<sup>a</sup>/ Define a palavra *Mitologia*. (apenas para aqueles que responderam positivamente à primeira questão)

3<sup>a</sup>/ Conheces alguma figura mitológica? Se sim, dá o exemplo de uma, explorando alguns traços que a caracterizam.

4<sup>a</sup>/ Alguma vez ouviste falar em Vénus e Baco?

5<sup>a</sup>/ Se a tua resposta à questão 4 foi positiva, explica quem eram estas figuras explorando algumas das características que as representam.

6<sup>a</sup>/ Tens conhecimento de uma obra portuguesa onde surgem as figuras acima mencionadas?



## Anexo 16

### Guia do Professor

por causa da antiga paixão que sente por Vénus, ou porque admira a força e coragem dos portugueses.

3.12 Ajudar os portugueses, como Júpiter tinha decidido.

4. Glorifica e engrandece os feitos dos portugueses, porque o próprio Júpiter elogia a coragem e ousadia deste povo capaz de tão grandes feitos. Mas engrandece mais as descobertas marítimas, pois o Consílio realiza-se apenas para tomar uma decisão sobre o apoio a dar aos marinheiros portugueses que procuravam chegar à Índia por mares desconhecidos. Até os temores de Baco engrandecem o feito, já que uns simples humanos conseguem provocar a inveja de um deus.

5. O plano central, o da viagem. A ação é apresentada como simultânea ao Consílio. Através da conjunção "enquanto", percebemos que ao mesmo tempo que decorre a reunião no Olimpo, os marinheiros navegavam entre "a costa Etiópica" e "Ilha de São Lourenço", na costa oriental de África.

6. Na sequência do estudo de cada um dos episódios de *Os Lusíadas*, surge uma atividade de escrita que designamos genericamente "Recursos expressivos". Pretende-se levar os alunos a interiorizar a intenção expressiva de algumas figuras estilísticas de uso recorrente e, simultaneamente, procurar que as recriem para as saber utilizar como elemento enriquecedor dos seus próprios textos.

6.1 Para referir Mercúrio, o poeta utiliza a perífrase "neto gentil do velho Atlante" (est. 20). Júpiter aparece designado como "o Padre... que vibra os feros raios de Vulcand" (est. 22). O Oriente é o local "que vê do Sol a roxa entrada" (est. 28) e os poetas são referidos como "quantos bebem a água de Parnaso" (est. 32).

6.2 Dois exemplos: "A deusa da Beleza e do Amor será a protetora dos portugueses"; "A mãe do herói da Eneida protegerá os portugueses".

### GRAMÁTICA

1. Concelho e conselho

a), b), c); conselho, d) e) concelho.

2. Os mares mostravam-se cobertos da branca escuma

3.1 esquecerão seus feitos no Oriente quando lá passar a Lusitana gente.

### 6. RECURSOS EXPRESSIVOS

6.1 Transcreve, deste episódio, versos em que o poeta recorre à **perífrase** para referir:

Mercúrio, Júpiter, o Oriente e os poetas.

6.2 Vénus será a protetora dos Portugueses.

Reescreve a frase, uma ou mais vezes, recorrendo a perífrases para substituir a palavra sublinhada.

### Gramática

1. **concílio** s.m. (s. xv) | ECLES. reunião de dignitários eclesiásticos, esp. bispos, presidida ou sancionada pelo papa, para deliberar sobre questões de fé, costumes, doutrina ou disciplina eclesiástica 2 p.ext. conselho, assembleia, reunião. *etim. lat. concilium*

**consílio** s.m. ant. assembleia, reunião, comissão, conselho. cf. *concílio. etim. lat. consilium*; deliberação, reunião em que se delibera, comissão, assembleia'.

1.1 No português contemporâneo, as duas palavras latinas, *concilium* e *consilium*, deram origem a duas palavras que, embora tenham a mesma pronúncia, se escrevem de maneira diferente.

• Regista-as.

• Reescreve estas frases, completando-as com a palavra que se adequa à situação:

a) O ..... Pedagógico está reunido.

b) Tens de ir falar com o presidente do ..... executivo da tua empresa.

c) O ..... que me deste não resultou.

d) Já percorri o ..... e não encontro essa localidade.

e) Tens de te apresentar em Lajes, no ..... de Évora.

2. "Da branca escuma os mares se mostravam / Cobertos..." (est. 19)

Reescreve a frase, seguindo a ordem sujeito-predicado.

Funções sintáticas  
AG p. 21

3. "esquecerão seus feitos no Oriente, / Se lá passar a Lusitana gente." (est. 30)

3.1 Substitui a conjunção condicional "se" por "quando". Como classificas a oração que obtiveste?

3.2 Explica a mudança de sentido que esta alteração traz à frase.

4. "Agora vedes bem que, cometendo / O duvidoso mar num lenho leve, / Por vias nunca usadas / (...) Inclina seu propósito e perfia / A ver os berços onde nasce o dia." (est. 27)

4.1 Quem é o recetor deste discurso?

4.2 Reescreve este excerto, usando um registo corrente que não altere o sentido da transcrição.

Variedades do Português  
AG p. 2

## Anexo 17

Excertos da Eneida de Vergílio

E já terminavam, quando Júpiter, olhando lá do alto céu o mar em que vogam as velas, a extensão das terras, as costas e os vastos povos, se deteve então subitamente no alto do céu e fixou o olhar nos reinos da Líbia.

E foi a ele, que tais preocupações revolvia no seu íntimo, que Vénus falou, bastante triste e derramando lágrimas dos olhos cintilantes:

— Ó tu, que reges as coisas dos homens e dos deuses com ordens eternas, e com o raio infundes pavor, que delito tão grave pôde contra ti cometer o meu Eneias, que delito os Troianos, a quem, depois de terem sofrido tantas calamidades, se fecha todo o orbe das terras, por causa de Itália? É certo que prometeste que um dia, com o passar dos anos, daqui, do sangue renovado de Teucro, iriam surgir os Romanos, que haveriam de governar os destinos do mundo, de dominar mares e terras com poder absoluto. Que pensamento te fez mudar de ideias? De facto, com isto me consolava da queda de Tróia e das tristes ruínas, compensando o destino adverso com um outro destino. Mas agora é a mesma sorte que persegue os varões, atormentados por tantas dificuldades. Que limite, magno rei, estabeleces tu às tribulações? Antenor<sup>27</sup>, tendo-se escapado pelo meio dos Aqueus<sup>28</sup> pôde penetrar em segurança nos golfos da Ilíria e nos recônditos reinos dos Liburnos e passar além da fonte do Timavo, de onde este se lança em cachão, por nove bocas, numa imensidão de água, com grande fragor da montanha, e inunda as planícies com o mar das suas águas ressoantes. Aqui fundou aquele a cidade de Pádua e as moradas dos Teucros, deu um nome ao povo e cravou as armas troianas. Agora repousa tranquilo numa plácida paz. Nós, que somos a tua progénie, a quem abres com um aceno a cidadela do céu, perdidos os navios, ó coisa infanda, por causa do rancor de uma só, somos atraíçoados, afastados para longe das costas de Itália. É esta a recompensa pela piedade? É assim que nos devolves os ceptros do poder?

Sorrindo-lhe, o Pai dos deuses e dos homens, com o mesmo semblante com que faz acalmar o céu e amainar as tempestades, beijou a filha e depois assim falou:

— Não receies, Citereia<sup>29</sup>, os Fados dos teus permanecem inalterados; hás-de contemplar a cidade e as prometidas muralhas de Lavinio, erguerás aos astros do céu o excelso e magnânimo Eneias; não muda o que por mim foi decidido. Este te há-de travar uma guerra tremenda em Itália — falarei, então, mais alongadamente, uma vez que te aflige esta preocupação, e revelarei os mistérios dos Fados —, abaterá povos ferozes e estabelecerá costumes e muralhas para os homens, até que o terceiro Verão o veja reinar no Lácio e três Invernos tenham passado depois de submetidos os Rútulos. Mas o jovem Ascânio, a que agora é acrescentado o nome de Júlio (Ilo era o seu nome, enquanto perdurava o poder de Ílion) completará no mando

por causa da loucura furiosa de Ajax Oileu<sup>14</sup>? Ela própria, tendo lançado de entre as nuvens o fulminante fogo de Júpiter, destruiu os navios e revolveu os mares com os ventos. Com um turbilhão, apodeitou-se daquele, que exalava chamas do peito trespassado e cravou-o num rochedo agudo. E então eu, que avanço em majestade como rainha dos deuses, esposa e irmã de Júpiter, eu travo há tantos anos uma guerra com um só povo? E ainda haverá alguém que adore o nome de Juno e suplicante lhe coloque dádivas nos altares?

Tais coisas para consigo revolvendo no seu coração encolerizado, dirigiu-se para a Eólia, pátria dos ventos, lugares repletos de ventos tempestuosos.

Aqui o rei Éolo submete com a sua autoridade, numa vasta caverna, os ventos recalcitrantes e as ruidosas tempestades, e refreia-os com laços e com uma prisão. Aqueles, encolerizados, fremem em volta, de encontro às barreiras, com grande zoadá da imensa montanha. Éolo toma assento num ponto alto, segurando o ceptro. Apazigua os ânimos, modera as iras. Se o não fizera, sem dúvida que eles arrastariam violentamente consigo mares e terras e o céu profundo e levá-los-iam pelos ares. Mas o Pai onipotente, receando tal coisa, encerrou-os em negras cavernas, e colocou sobre eles a mole de altas montanhas, deu-lhes um rei para, segundo leis determinadas e de acordo com as suas instruções, saber puxar e relaxar-lhes as rédeas.

A este dirigiu a suplicante as seguintes palavras:

— Éolo, pois que a ti o pai dos deuses e rei dos homens concedeu amainar as ondas e encapelá-las com os ventos, um povo que me é inimigo encontra-se a navegar o Mar Tirreno, levando Ílion para Itália, e os Penates vencidos. Incute força aos ventos, afunda os navios, mergulhando-os nas águas. Ou então dispersa-os e espalha pelo mar os seus cadáveres. Tenho catorze ninfas, de belo corpo, das quais a mais bela, Deiopeia, eu unirei a ti em conúbio duradouro, e consagrá-la-ei como tua, em recompensa dos teus serviços, para que passe contigo toda a sua vida, e te faça pai de uma bela progénie.

Éolo retorquiu:

— A ti, rainha, compete discernir quais são os teus desejos; a mim cabe-me acatar as tuas ordens. És tu quem me concede todo o domínio sobre este reino, o poder real e o favor de Júpiter, és tu quem me permite ter lugar nos banquetes dos deuses, e me fazes o senhor das nuvens e das tempestades.

Dito isto, empurrou para o lado, com o conto da lança, o côncavo monte, e os ventos, como que formando um esquadrão, irrompem pela passagem que lhes é dada e assolam a terra com violento turbilhão. O Euro, o Noto e o tempestuoso Áfrico lançaram-se ao mesmo tempo sobre o mar, revolvem-no todo desde as mais recônditas profundezas, fazem rolar grandes vagas contra a costa.

Segue-se a gritaria dos homens, o estrépito do cordame. As nuvens subitamente fazem desaparecer o céu, escondem a luz dos olhos dos Teucros. Uma noite negra abate-se sobre o mar. Trovejaram os céus, e o éter refulge com relâmpagos constantes. Tudo se orienta para levar aos varões uma morte iminente.

De repente Eneias sente um arrepio por todo o corpo, geme e, estendendo aos astros as duas mãos em súplica, diz o seguinte:

— Ó três e quatro vezes felizes aqueles a quem coube em sorte tombar junto das altas muralhas de Tróia, diante do olhar dos seus progenitores! Ó filho de Tideu<sup>15</sup>, o mais forte do povo dos Dánaos, não ter podido eu sucumbir nos plainos de Ílion, exalar o meu último suspiro por tua mão! Lá, onde jaz o fero Heitor<sup>16</sup>, devido ao dardo do Eacida<sup>17</sup>, onde jaz o grande Sarpédon<sup>18</sup>, onde o Simoente faz rolar nas suas águas tantos escudos arrancados aos guerreiros, elmos e animosos corpos.

Ao que assim bradava, a estridente procela atinge-lhe frontalmente a vela com o Aquilão e ergue as ondas até aos astros. Quebram-se os remos, e então a proa perde a direcção e oferece o flanco às ondas. Sobrevém uma montanha de água, que rebenta violentamente lá do alto.



## **Anexo 18**

### **Ficha avaliativa de conhecimentos adquiridos sobre cultura greco-latina**

**(9ºano)**

Ao longo destas últimas três aulas, repartidas por dois blocos de 90 minutos e um de 45 minutos, foste adquirindo conhecimentos acerca da cultura greco-latina, percebendo assim a sua influência na literatura portuguesa através do estudo do episódio do *Consílio dos deuses*, extratado do canto I d'Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões.

Aquando da primeira aula, tiveste a oportunidade de realizar uma ficha sobre os pré conhecimentos que tinhas acerca de alguns aspetos da cultura mitológica e religiosa greco-latina; agora irás realizar outra ficha, mas desta vez para avaliar os conhecimentos que adquiriste nas aulas.

1ª/ Define a palavra de *Mitologia*

2ª/ Quem eram Vénus e Baco?

3ª/ Os Lusíadas de Luís de Camões mostraram-te que a literatura portuguesa também se inspirou na literatura e na cultura clássica (greco-latina). Porém, Luís de Camões não foi o único autor que procurou inspiração nos clássicos, outros autores portugueses como Almeida Garrett e Miguel Torga, entre outros, também procuraram esta inspiração.

Neste exercício terás de ler com atenção os dois excertos abaixo e mostrar de que forma podemos dizer que os seus autores se inspiraram na cultura greco-latina.

Nestes excertos são feitas referências a duas divindades estudadas durante as aulas, não te esqueças de as identificar.

Excerto 1: versos 34 à 39

Amores, graças, revoae-lhe entorno,  
Cingi-lhe a zona, que enfeitiça os olhos;  
Que inflamma os corações, que as almas rende.  
Vem, ó Cypria formosa, oh! Vem do Olympo,  
Vem c'um mago sorrir, c'um terno beijo  
Fazer-me vate, endeusar-me a lyra.

Almeida Garrett, *Retrato de Vénus*, (1867)

Excerto 2: (alguns versos da Ode)

Lá nesse Olimpo em geios,  
Único Olimpo etéreo em que acredito,  
Aí me prosterno, rendo e te repito  
Que és eterno,  
Mais do que Deus e mais do que o seu mito!  
(...)  
Dionisos do Douro!  
(...)  
Calos nas mãos ossudas!  
E bêbado de mosto e alegria,  
À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvarelhão de cada lado  
Da marca universal da natureza!  
(...)

Miguel Torga, *Ode a Baco*, in *Odes*, (1946)

## Anexo 19

### I- Fundamentação pedagógica

**“A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes.”**

Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do partido comunista*.

A sociedade romana organizava-se através de uma hierarquia social, na qual a seguir aos patrícios estavam os plebeus, considerados cidadãos, mas sem qualquer tipo de direitos. Farta desta condição (ou falta de condição), a plebe decide unir-se e lutar pela igualdade.

Uma das datas que mais marcou a luta da plebe foi a de 494 a.C, quando esta decide ameaçar os grandes senhores da cidade com a fundação de uma nova Roma plebeia no monte Sagrado. Temendo a concretização da ameaça, os patrícios tiveram de ceder, e foram fundados os **tribuni plebis** e a assembleia da plebe, onde cada plebeu podia fazer valer os seus direitos.

Foi por se tratar de um assunto da atualidade (hoje, ainda vemos, todos os dias, na televisão, lutas de classes) que se optou pelo tema, *A Plebe luta pela igualdade de direitos*, inserida na unidade didática, *De romanae societatis classibus*, porque permite relacionar e comparar a antiguidade com a modernidade.

Para além da atualidade do tema, o facto de a turma ser constituída por sete alunos de um modo geral, bastante atentos e motivados, foi outro motivo para a sua escolha, porque pensa-se que poderão se interessar por ela, o que possibilitará uma aula mais interativa e, consequentemente, menos maçadora tanto para eles como para a professora.

Relativamente ao desenvolvimento das aulas, divididas por dois blocos de 90 minutos, será trabalhado, pela primeira vez, o ablativo absoluto, o qual será dado com particular ênfase no primeiro bloco. Nesta primeira aula, ensinar-se-ão as regras de construção do ablativo absoluto, partindo dos exemplos que surgirem no texto, para que os alunos possam identificá-

lo devidamente e sejam capazes de realizar os exercícios de aplicação, a fim de ser avaliada a consolidação da matéria dada.

Antes da análise e tradução do texto, os alunos terão a oportunidade de ver algumas imagens e ouvir a professora fazer uma breve abordagem acerca da luta de classes entre a plebe e os patrícios, o que permitirá introduzir tematicamente o texto. No decorrer da tradução, serão retomadas e/ou incluídas novas referências culturais de acordo com o contexto, a saber:

- apresentação do senado e da tribuna;
- diferenciações sociais e políticas entre plebeus e patrícios;
- explicação do descontentamento dos plebeus.

A exploração dos diversos domínios (etimológico, gramatical e cultural) far-se-á de forma articulada e consoante os conteúdos que surgirem no texto.

O domínio gramatical, mais concretamente o ablativo absoluto, será reforçado com a resolução de exercícios de aplicação no final da análise o texto. Estes exercícios permitirão avaliar a consolidação da matéria e perceber as lacunas dos alunos, se existirem.

No final da aula, ser-lhes-ão dado um trabalho de casa, que consiste na continuação da análise morfofossintática e da tradução do texto trabalhado na aula, assim como a resolução de exercícios de tradução de português para latim.

No segundo bloco, começar-se-á com uma pequena síntese da aula anterior. Esta aula será, maioritariamente, dedicada à continuação da análise morfofossintática do texto, que porventura foi enviada como trabalho de casa, na primeira aula. O método utilizado para a análise do texto é sempre dedutivo, ou seja, parte-se sempre dos conhecimentos dos alunos.

Contudo, esta tarefa dedutiva poderá averiguar-se difícil para dois alunos, que por falta de estudo e atenção nas aulas, não conseguem acompanhar o ritmo dos restantes colegas. Por isso, e para não prejudicar o desenrolar da aula bem como a aprendizagem dos restantes alunos, pôr-se-ão, algumas vezes, de parte os dois indivíduos em questão. No que respeita aos alunos interessados, uma boa análise morfofossintática lhes permitirá não só relembrar e articular os dados previamente adquiridos como, também, facilitar a compreensão e tradução do texto.



Nesta aula, os domínios (cultural, etimológico e gramatical) também terão um lugar de destaque e, à semelhança do que acontece no primeiro bloco, serão ensinados articuladamente ao longo da análise do texto, a saber:

- Cultura:
  - explicação da importância da liberdade para os plebeus.
  - exploração do sucesso das lutas plebeias.
- Etimologia:
  - Palavras etimologicamente relacionadas com a palavra latina *pugnare*.
- Conhecimento gramatical:
  - o ablativo absoluto
  - a oração infinitiva
  - a perifrástica passiva (breve apresentação)

A seguir a tarefa anterior, será distribuída uma ficha de aplicação de conhecimentos, constituída por uma componente gramatical e outra cultural, sobre a matéria dada durante as duas aulas. No final da correção da ficha, os alunos terão a possibilidade de participar num pequeno debate partindo da frase de Karl Marx e Friedrich Engels que está como epígrafe da fundamentação pedagógica. Com este debate pretende-se que os alunos se consciencializem de que as lutas de classes não pertencem apenas ao passado, e que foram, e continuam a ser essenciais para a evolução do homem enquanto ser humano.

Em conclusão, estas aulas pretendem ser, sobretudo, dinâmicas, onde haverá espaço para que cada aluno possa expressar abertamente as suas dúvidas relativamente aos diversos domínios abordados, mas, principalmente, perceber que a cultura latina não é ultrapassada e está bem presente no nosso quotidiano. Os alunos serão encaminhados a concluir que o tema da luta de classes entre a plebe e patrícios pode ser comparado às diversas lutas de classes visíveis pelo mundo fora. De facto, poderão ver que, apesar de, hoje em dia, não se usar os termos plebeus e patrícios, a dualidade social permanece e, por isso, veem-se diariamente pessoas (plebeus) saírem à rua reivindicarem a igualdade de direitos perante as diversas instituições políticas (assembleias, senados, parlamentos...) onde estão os “*consules*” (patrícios) que tomam as decisões públicas. Esta associação entre os tempos passados da antiguidade romana e os tempos modernos (ou pelo menos deveriam ser modernos) é um bom método para desenvolver o espírito crítico dos alunos que lhes será útil no seu futuro, não só como cidadãos ativos como, também, futuros estudantes universitários.

## ANEXO 20

A plebe, cansada de ser enganada pelos patrícios, recusa-se a pegar em armas, se não lhe garantirem os seus direitos.

*Dimisso senātu<sup>1</sup>, consūles in tribūnal<sup>2</sup> ascendunt; citant nominatim iuniōres<sup>3</sup>. Cum ad nomen nemo respondēret, circumfūsa multitūdo in contiōnis modum negāre<sup>4</sup> ultra decipi plebem posse; nunquam unum militem habitūros (esse) ni<sup>5</sup> praestarētur fides publīca; libertātem unicuique<sup>6</sup> prius reddendam esse quam arma danda, ut pro patrīa ciuibusque, non pro domīnis, pugnent.*

Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita* II, 28, 6-7



Tito Lívio, gravura, Paris, Biblioteca Nacional.

## ANEXO 21

### I- Fundamentação pedagógica

“ A essência dos Direitos Humanos é o direito a ter direitos”

Hannah Arendt

A questão dos direitos é um assunto constantemente debatido nas sociedades modernas. Porém gente saberá que o direito jurídico, tal como o conhecemos hoje, teve a sua origem no Direito Romano.

Tivemos a oportunidade de ver na subunidade anterior, *A Plebe luta pela igualdade de direitos*, que o povo romano revoltou-se contra os grandes senhores decidindo lutar pela igualdade de direitos e, desta luta surgiram as *Leis das Doze Tábuas*, que constituem a base do Direito.

Escolhi esta subunidade didática, *O direito romano*, por ser, por um lado, uma das temáticas obrigatórias do programa curricular da disciplina e porque está relacionada com a subunidade anterior e, por outro, pelo próprio conteúdo, que, penso eu, irá despertar a imaginação e a criatividade dos alunos.

No decorrer das minhas aulas, que serão constituídas por três blocos de noventa minutos, pretendo que os alunos percebam que o direito, de hoje, é um descendente do direito romano e assim mostrar a magnificência da cultura romana, que, sem sombra de dúvida foi, a par da grega, uma cultura de prestígio inigualável.

Espero despertar nos alunos o gosto pelo conhecimento, para que possam, autonomamente, explorarem com mais rigor o assunto.

Assim sendo, a minha primeira aula iniciar-se-á com a apresentação de um vídeo relativo ao direito romano. Cujos principais tópicos que irão ser explorados com os alunos são:

- A luta dos plebeus pelos seus direitos
- As diferentes fases do Direito Romano

- Muito brevemente a profissão de *Iurisconsultus*.

A temática cultural será lembrada ao longo do estudo do texto de Cícero retirado da obra *De Legibus*, Cícero explica a origem e finalidade das leis, que ocupará duas das três aulas.

Antes da análise do texto, os alunos terão a oportunidade de ouvir a sua leitura e fazer o levantamento de palavras-chave que permitirão uma compreensão prévia do conteúdo temático. Só depois da compreensão do tema, passarei à análise morfosintática do texto. Esta última iniciar-se-á na primeira aula e prosseguirá na terceira, deixando a segunda aula para a exercitação da matéria gramatical.

No decorrer da análise do texto, farei uma sintetização das expressões de fim através da realização de um exercício, a ser realizado no quadro pelos alunos, e explorarei com mais atenção a linguagem perifrástica passiva e a linguagem perifrástica ativa por se tratar de uma matéria gramatical nova.

Desta forma, após uma exposição teórica da matéria, passarei a um trabalho mais prático com os alunos. Aproveitarei a segunda aula para os fazer exercitar no quadro a linguagem perifrástica passiva de forma a consolidar conhecimentos. Também introduzirei durante esta aula a linguagem perifrástica ativa. Contudo, a exercitação desta matéria ficará para a terceira aula.

Ainda nesta segunda aula, os alunos terão de realizar um exercício sobre a concordância entre o adjetivo e os seus complementos.

Na terceira aula, retomarei a análise do texto com os alunos e exercitarei com eles a linguagem perifrástica ativa.

No final da aula, e sendo o dia de São Valentim, os alunos terão a oportunidade de apresentar, perante um par de juizes (dois alunos), uma lei sobre o amor, esta deverá ser simples e escrita em latim, recorrendo ao uso da perifrástica ativa e passiva. No final da apresentação, os juizes votarão a melhor lei.

A disciplina de latim, sendo uma disciplina onde se trabalha uma língua, pretende ter aulas dinâmicas, quero com isto dizer que as aulas devem centrar-se no aluno e não serem apenas aulas expositivas.

A turma é constituída por sete elementos cujas capacidades são dispare. Destes sete alunos, três são bastante razoáveis e atentos, dois bastante empenhados e participativos e dois ligeiramente desinteressados. Esta falta de homogeneidade da turma e o facto de serem um número reduzido dificulta um pouco o bom desenvolvimento da aula, no sentido que carece de dinamismo que uma aula de línguas precisa. Porém, todos os alunos são bem comportados e nenhum perturba o bem-estar dentro da sala de aula.

Em conclusão, espero que os alunos estejam motivados e usufruem das aulas com o propósito de retirar delas o máximo de informações tanto culturais como gramaticais, úteis para a preparação do exame nacional que se avizinha. Para tal é importante que estejam atentos e que exponham as suas dúvidas, para que os conhecimentos sejam bem apreendidos; também é do interesse dos alunos que sejam capazes, no final das aulas, dominarem os conteúdos gramaticais que lhes forem ensinados, daí a exercitação da matéria ser muito importante e ter um papel de destaque nas aulas.



## ANEXO 22

*Diuīna mens prima et summa lex est; lex uera et ratio recta, apta ad iubendum et ad uetandum: ex qua illa lex, quam dii humano generi dedērunt, recte est laudanda. Est enim ratio profecta a rerum natūra, et ad recte faciendum impellens, et a delicto auōcans. Constat profecto ad salutem ciuūum, uitamque  
5 omnium quiētam et beātam, conditas esse leges, eosque, qui primum eiusmodi scita sanxerint, populis ostendisse ea se scriptūros atque latūros, quibus susceptis honeste beatēque uiuērent. Vitiōrum enim emendatricem legem oportet esse, commendatricemque uirtutum. Ideoque supplicia uitīs propōnit, prēmia uirtutibus. /*

Cícero, *De Legibus*, I, 22 e II, 4; *De Oratore*, 58

## ANEXO 23

### I- Fundamentação pedagógica das aulas dos dias 11, 12 e 14 de março

*«O povo romano que dava outrora o império, o poder as legiões, tudo, agora contém-se e deseja apenas ansiosamente duas coisas: pão e jogos de circo»*

Juvenal

O povo romano era um fervoroso adepto de atividades desportivas, desde lutas de gladiadores, combates de feras até corridas de carros. Estas atividades, chamadas de jogos de circo, eram inicialmente de carácter sagrado, sendo as mais antigas as corridas de cavalos no Circo Máximo. Os jogos de circo realizavam-se no Circo Máximo, no Circo Flamínio e, mais tarde, no Coliseu.

Esta paixão pelo desporto ainda persiste hoje e encontramos vestígios da antiguidade greco-latina, nomeadamente nos Jogos Olímpicos que são uma criação que data do helenismo.

O desporto, mais precisamente, as corridas de carros (quadrigas) irão ser o tema central das minhas aulas que irão decorrer ao longo de três blocos de noventa minutos.

A escolha desta temática prende-se pelo facto de, por um lado, haver muita informação cinematográfica, biográfica, ..., que permite construir aulas dinâmicas, e por outro, eu própria gostar do tema dos jogos de circo.

Para preparar as minhas aulas decidi optar por uma carta de Plínio, o Moço, intitulada *C. Plinius Caluisios suo. S*, retirada da obra *Epistulae*, do mesmo autor. Nesta carta, Plínio, o Moço, escreve uma crítica sobre as pessoas que vão assistir aos jogos do circo que estão a decorrer na sua cidade.

No decorrer das minhas aulas, pretendo que os alunos fiquem a saber um pouco mais a respeito dos jogos de circo, nomeadamente, das corridas de carros; e que percebam que as práticas desportivas atuais como as corridas de cavalos com

atrelado ou até mesmo o próprio conceito da fórmula 1 provém dos nossos antepassados greco-latinos.

Assim sendo, a minha primeira aula iniciar-se-á com a visualização de uma passagem do filme *Astérix e Obélix nos Jogos Olímpico*, relativa às diversas corridas de carros.

Após a visualização do excerto do filme, os alunos serão convidados a fazer um breve comentário sobre o que viram. Os comentários dos alunos servirão para apresentar de uma forma geral os jogos de circo e introduzir a temática das aulas – as corridas de carros.

O tema cultural será trabalhado ao longo do estudo do texto realçando os seguintes tópicos:

- ✓ Visualização de uma imagem relativa ao Circo Máximo, e explicação da estrutura interna do circo: a spina, as metas, os cárceres.
- ✓ Exploração do vestuário usado pelos *aurigae* (cocheiros).
- ✓ Apresentação de algumas das regras da corrida de carros.

Antes da análise morfossintática do texto, irei lê-lo em alta voz e, depois os alunos poderão relê-lo silenciosamente e assinalar as palavras-chave que possam conduzi-los ao tema. Depois de o tema ser compreendido pelos alunos, passarei, juntamente com eles, a análise morfossintática do texto, alternando sempre que possível os diversos domínios: etimologia, cultura e gramática.

No decorrer da análise da carta de Plínio, o Moço, e tendo em conta que o exame nacional está cada vez mais próximo, farei a sintetização da formação do grau dos adjetivos. Nesta primeira aula apenas lembrarei o grau superlativo, deixando o comparativo para a terceira aula. A síntese da matéria será feita através da resolução de dois exercícios no quadro pelos alunos. O facto de enviar os alunos resolver os exercícios no quadro permite-me perceber se estes encontram dificuldades durante a resolução do exercício, qual é a origem da dificuldade e assim esclarecer todas as dúvidas dos alunos. Também o facto de os alunos que estão sentados poderem ouvir as explicações é outro motivo pelo qual opto sempre pela resolução de exercícios no quadro.



Para além de conteúdos gramaticais, também serão abordados conteúdos culturais como a utilização das tabuinhas; e conteúdos etimológicos como palavras portuguesas formadas a partir do prefixo *trans-*, que será dada com alguma demora devido a fazer parte do material a ser recolhido para o meu relatório de estágio.

Iniciarei a segunda aula com uma breve sintetização da aula anterior e com a leitura, pelos alunos, da parte traduzida do texto. Após a leitura do texto pelos alunos, prosseguirei com a sua análise morfossintática.

Nesta aula farei lembrar a formação da frase passiva; e também abordarei com os alunos a etimologia da palavra latina *miror* nas línguas inglesa, francesa e castelhana.

Para terminar, iniciarei a terceira aula com a correção do trabalho de casa e com a leitura da parte traduzida do texto, em primeiro lugar, por mim e depois pelos alunos.

Após uma breve síntese do conteúdo da carta, finalizarei a sua análise.

Ao longo da aula abordarei com os alunos os diversos conteúdos já explorados nas aulas anteriores (cultura, gramática e etimologia). No que respeita a cultura mostrarei aos alunos a imagem de uns *aurigae* (cocheiros) para que possam ver a forma como se vestiam; quanto ao conteúdo gramatical irei sintetizar com os alunos o grau dos adjetivos, mas desta vez o grau comparativo, através da resolução de exercícios no quadro; por fim, relativamente à etimologia, trabalharei palavras formadas com o radical – cord (*cor, cordis*).

No final da aula, os alunos lerão o texto na íntegra e terão a oportunidade de ver uma passagem do filme Ben-Hur relativa às corridas de carros, onde poderão ver os vários elementos que fomos abordando ao longo das aulas, desde as pistas como o vestuário dos cocheiros. Esta visualização servirá de síntese da matéria cultural.

Em conclusão, espero que os alunos estejam motivados e usufruem das aulas com o propósito de retirar delas o máximo de informações tanto culturais como gramaticais, úteis para a preparação do exame nacional que se avizinha. Para tal é importante que estejam atentos e que exponham as suas dúvidas, para que os conhecimentos sejam bem apreendidos.

## ANEXO 24

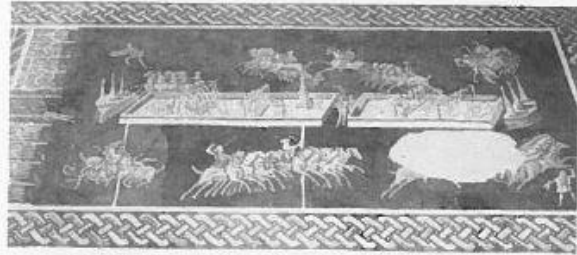


### Texto

Plínio, o Moço, em carta a um amigo, critica os jogos de circo.

C. PLINIVS CALVISIO SVO S.

Omne hoc tempus inter pugillares ac libellos iucundissima quiēte transmisi. «Quem ad modum», inquis, «in urbe potuisti?» Circenses erant. Nihil nouum, nihil uarū, nihil quod non semel spectauisse sufficiat. Miror tot milia uirōrum tam pueriliter cupere currentes equos, insistentes curribus homines uidere. Si tamen aut uelocitate equorum aut hominum arte traherentur, esset ratio non nulla; nunc fauent panno, pannum amant. Tanta gratia, tanta auctoritas in una uilissima tunica, mitto apud uulgus, quod uilius tunica, sed apud quosdam graues homines; quos ego cum recordor in re inani, frigida, adsidia tam insatiabiliter desiderare, capio aliquam uoluptatem quod hac uoluptate non capior. Ac per hos dies otium meum in litteris colloco, quos alii otiosissimis occupationibus perdunt. Vale.



Quadrigas na pista. Mosaico, Lion, séc. II d. C.

Plínio, o Moço, *Epistulae*, IX, 6

## ANEXO 25

### I- Fundamentação pedagógica

*‘Sob a direção de um forte general, não haverá jamais soldados fracos.’*

*Sócrates*

Todas as conquistas são marcadas por batalhas, e a conquista do território romano não foi exceção. De facto, nem sempre Roma foi o centro do mundo na antiguidade, pois havia outras regiões como Cartago que dominavam o comércio marítimo no mar mediterrâneo, o que fazia dela uma superpotência económica na época. Porém Roma tinha sede de conquista e estava decidida a conquistar o esplendor dos cartagineses; e esta sede desencadeou uma série de guerras durante várias gerações, conhecidas como guerras púnicas. As guerras púnicas foram três, mas a que nos irá interessar para a nossa aula será a segunda guerra púnica que ocorreu entre o ano 210 e 202 a.C, pois foi nessa guerra que se destacou uma grande figura que iremos estudar durante a aula –Aníbal Barca.

Aníbal Barca era um tenente cartaginês, filho do general Amilcar Barca, que travou inúmeras batalhas contra os romanos durante a segunda guerra púnica. Entre as vitórias destaca-se a conquista de Sagulo, território hispânico, que despoletou a ira e a declaração de guerra dos Romanos contra Cartago. Aníbal tentou conquistar Roma, mas acabou sendo derrotado em Zama.

A minha última regência terá como personagem principal a figura de Aníbal Barca e para tal optei pelo texto *O retrato de Aníbal* extratado do texto *Ab Urb Condita* de Tito Lívio. A escolha do texto não foi apenas pessoal tendo em conta que esta última aula será trabalhada em conjunto com uma colega, por isso, o texto foi uma escolha das duas.

Esta aula é constituída por um bloco de noventa minutos, onde não serão abordados novos conteúdos gramaticais, mas sim retomados conteúdos já abordados ao longo das aulas. Os conteúdos, quer sejam de teor gramatical quer etimológico ou cultural, serão abordados em função daquilo que o texto oferece. No que diz respeito aos conteúdos etimológicos o texto não tem uma oferta que permita refletir muito sobre as palavras, contudo a etimologia não será posta de parte nesta aula tendo em conta que no seu final serão lembrados alguns prefixos latinos que permitiram formar palavras portuguesas. Este trabalho sobre a etimologia surge no âmbito de uma

pesquisa para o meu relatório de estágio. Porém este tipo de exercício não deixa de ter uma conotação didática no sentido em que estimula o aluno para a perceção da importância dos conhecimentos da língua latina para a melhor compreensão da sua língua materna – O Português.

Relativamente ao conteúdo gramatical, o texto também é bastante limitado, porque, por um lado, só irei trabalhar metade e, por outro, o próprio conteúdo não implica forçosamente uma interrupção para algum tipo de explicação cultural; por isso, optei por trabalhar a cultura no início da aula, dando a palavra aos alunos, que tiveram de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre Aníbal após a visualização, numa aula anterior, de um vídeo sobre a conquista da Hispânia. Com a informação recolhida pelos alunos e com a visualização de uma imagem alusiva a Aníbal será então introduzido o estudo do texto. Convém lembrar que, pelo facto de estar a trabalhar o mesmo texto com a minha colega, não poderei abordar todos os pormenores sobre Aníbal, a fim de lhe deixar algum material para trabalhar; por isso focar-me-ei apenas sobre aspetos gerais da vida de Aníbal, deixando os seus feitos durante a segunda guerra púnica para a minha colega.

Posto isto, passarei então a leitura do texto e depois a sua análise morfosintática com os alunos, sendo, esta, a parte fulcral na tradução do texto, pois irá permitir sistematizar diversos conteúdos gramaticais que fomos abordando ao longo das aulas, e que poderão surgir no exame nacional que está cada vez mais próximo.

Assim sendo, os alunos irão rever as expressões de fim e o grau do superlativo de superioridade que vão surgindo com alguma frequência na parte do texto que irão trabalhar comigo. A sistematização da matéria passará pela realização de exercícios no quadro pelos alunos, pois assim consigo perceber melhor as dúvidas levantadas pelos alunos.

O final da aula, como já referi anteriormente, será dedicado ao meu relatório de estágio onde abordarei com os alunos a formação de palavras por prefixação, partindo do conhecimento que os alunos foram adquirindo ao longo do ano sobre prefixação latina. Também haverá a possibilidade de abordar com eles a presença da cultura romana na literatura portuguesa, através do estudo comparativo de uma ode de Horácio e uma de Ricardo Reis. Este trabalho tem como objetivo mostrar aos alunos que o latim, apesar de ser considerado uma língua morta, ainda continua bem viva na nossa cultura, e por isso, não é descabido que haja latim no curriculum escolar, pois o seu estudo permite uma melhor compreensão de alguns textos portugueses.

Para concluir, apenas pretendo com esta aula que os alunos consigam adquirir algum gosto pelas guerras púnicas, principalmente pela figura de Aníbal e que procurem mais informação sobre o assunto de forma autónoma. Também é da minha pretensão que

cada aluno seja capaz de entender a matéria e expressar as suas dúvidas sem qualquer pudor.

Por último, e sendo esta a minha última aula como professora estagiária de latim, espero terminar a minha aula e perceber que fui um contributo positivo na aprendizagem de cada um dos alunos apesar de serem bons ou fracos.

## ANEXO 26



### O retrato de Aníbal

#### Texto

Nunquam ingenium idem ad res diuersissimas, parendum atque imperandum, habilis fuit. Plurimum audaciae ad pericula capessenda, plurimum consilii inter ipsa pericula erat; nullo labore aut corpus fatigari aut animus uinci poterat; caloris ac frigoris patientia par. Multi saepe militari sagulo eum opertum, humi iacentem inter custodias stationesque militum conspexerunt. Vestitus nihil inter aequales excellens; eius arma atque equi ab omnibus conspiciebantur. Equitum peditumque idem longe primus erat; princeps in proellum ibat, ultimus, conserto proello, excedebat. Has tantas uiri uirtutes ingentia uitia aequabant: inhumana crudelitas, perfidia plus quam Punica, nihil ueri, nihil sancti, nullus deum metus, nulla religio. Cum hac indole uirtutum atque uitiorum, triennio sub Hasdrubale imperatore meruit, nulla re quam agere deberet praetermissa.



Aníbal. Busto em mármore.  
Museu Arqueológico, Nápoles.

Tito Lívio, *Ab Vrbe Condita*, XXI

## **ANEXO 28**

**Inquérito sobre a disciplina de latim e o seu contributo na aprendizagem da língua materna.**

**(11º ano de escolaridade)**

- Porque optaste pela disciplina de latim no 10ºano?
- Achas que estes dois anos letivos de latim foram benéficos para a tua formação em língua e em cultura portuguesa? Se sim, em que aspetos notas te benefícios?

